

ECATD-CAD

Estudo sobre o Consumo de Álcool, Tabaco, Drogas e
outros Comportamentos Aditivos e Dependências

Portugal 2024

Relatório Nacional



FICHA TÉCNICA

TÍTULO

ECATD-CAD. Estudo sobre o Consumo de Álcool, Tabaco, Drogas e outros Comportamentos Aditivos e Dependências. Portugal 2024. Relatório Nacional.

AUTORES

Elsa Lavado, Vasco Calado

GRAFISMO

Layout: ICAD, IP / Gabinete de Tecnologias e Sistemas de Informação

Conteúdo: ICAD, IP / Departamento de Investigação, Monitorização e Comunicação/
/ Unidade de Estatística e Investigação

CAPA

ICAD, IP / Gabinete de Tecnologias e Sistemas de Informação

Foto de [Nathan Dumlao](#) na [Unsplash](#)

EDITOR

ICAD, I.P. - Instituto para os Comportamentos Aditivos e as Dependências, I.P.

Parque de Saúde Pulido Valente

Alameda das Linhas de Torres – N.º. 117, Edifício ICAD

1750-147 Lisboa

DATA DE EDIÇÃO

Abril de 2025

ISBN

978-989-35962-7-2



ECATD-CAD

Estudo sobre o Consumo de Álcool, Tabaco, Drogas e outros Comportamentos Aditivos e Dependências

Portugal 2024

Relatório Nacional

2025

Sumário Executivo

ENQUADRAMENTO E MÉTODO

O ECATD-CAD é um estudo transversal que resulta da aplicação do questionário ESPAD¹ em amostras representativas dos alunos do ensino público português com idades entre os 13 e 18 anos. No essencial, o presente estudo constitui o alargamento do ESPAD a alunos de outros grupos etários, pelo que os procedimentos metodológicos são genericamente os mesmos do estudo europeu. A diferença em relação às anteriores edições consiste na forma da recolha de dados, uma vez que em 2024 a aplicação do questionário fez-se pela primeira vez *online*.

Tendo a turma como unidade amostral, foram construídas amostras probabilísticas representativas a vários níveis, o que se traduz numa representatividade a nível nacional e regional, globalmente e por sexo e idade. Após a validação dos questionários preenchidos, obteve-se uma amostra nacional de 11.083 alunos do ensino público localizadas em todas as regiões de Portugal Continental e das Regiões Autónomas dos Açores e da Madeira. Os resultados nacionais foram obtidos a partir de uma base ponderada.

PREVALÊNCIAS E PADRÕES DE CONSUMO

De um modo geral, os resultados do ECATD-CAD/2024 vão ao encontro das conclusões do estudo anterior (implementado em 2019), embora se verifique uma clara tendência de descida dos valores relativos à maior parte dos indicadores em análise.

Entre os alunos que participaram no presente estudo, o álcool é a principal substância psicoativa consumida, seguindo-se, num segundo plano, o tabaco e, com uma expressão ainda menor, o consumo de substâncias ilícitas e de determinados medicamentos psicoativos.

¹ O *European School Survey Project on Alcohol and other Drugs* (ESPAD) é um projeto europeu, que se realiza a cada 4 anos desde 1995, contando com a participação de Portugal desde o início, e que recolhe informação entre os alunos que completam 16 anos de idade no ano do estudo.

Álcool

A maioria dos inquiridos (58%) ingeriu pelo menos uma bebida alcoólica ao longo da vida, sendo que um pouco menos de metade (48%) bebeu álcool nos 12 meses anteriores à inquirição. Os consumidores atuais de álcool, isto é, os alunos que tomaram uma bebida alcoólica nos 30 dias anteriores à inquirição, constituem um pouco menos de 1/3 dos inquiridos (30%).

Entre as bebidas alcoólicas mais consumidas no último mês, destacam-se os *alcopops* (24%), a cerveja (22%) e as bebidas destiladas (22%), seguindo-se, com prevalências um pouco inferiores, as misturas caseiras (18%) e o vinho (17%).

No entanto, a ingestão diária de álcool é pouco prevalente, sendo que, entre os consumidores atuais, a cerveja é a bebida alcoólica mais ingerida numa base diária ou quase diária (5%) e o vinho a de consumo menos frequente (2%).

No que respeita a outros padrões de consumo de risco acrescido, 29% dos inquiridos já se embriagaram ligeiramente ao longo da vida, enquanto os que o fizeram no último ano constituem 22% e no último mês totalizam 11%. A prevalência de embriaguez severa é consideravelmente menor: 19%, 15% e 6%, nas mesmas temporalidades. Por outro lado, 17% ingeriram bebidas alcoólicas de uma forma *binge* (cinco ou mais doses numa mesma ocasião) no último mês.

Tabaco

O tabaco é a segunda substância psicoativa mais consumida pelos alunos: 25% fumaram tabaco alguma vez na vida, enquanto 17% fizeram-no no último ano e 10% no último mês. Quanto às formas de tabaco mais consumidas, a experimentação de tabaco de combustão e de cigarros eletrónicos regista pela primeira vez um valor semelhante (18%), embora no que diga respeito às temporalidades dos últimos 12 meses e, sobretudo, dos últimos 30 dias ainda se verifique uma diferença a favor dos cigarros ditos «tradicionais». *Shisha* e tabaco aquecido são formas menos comuns de consumir tabaco, com uma prevalência de experimentação de 10% e 9%, respetivamente.

Embora sejam muito poucos os inquiridos que consomem tabaco diariamente (2% no que diz respeito a cigarros ditos tradicionais e 1% a cigarros eletrónicos), uma percentagem considerável de consumidores atuais adota este padrão de consumo (22%, no caso dos cigarros ditos tradicionais, e 12%, no caso dos cigarros eletrónicos).

No que ao consumo de tabaco numa base diária diz respeito, verifica-se uma mudança de preferência em função da idade, uma vez que os alunos mais novos (13 e 15 anos) tendem a consumir mais

frequentemente cigarros eletrónicos do que cigarros ditos tradicionais, enquanto entre os alunos mais velhos (16-18 anos) se verifica o contrário.

Drogas ilícitas

7% dos alunos já consumiram alguma vez uma qualquer droga ilícita, sendo um pouco inferior a percentagem que o fez no último ano (6%) e ainda menos os que o fizeram no mês anterior à inquirição (3%). A canábis é, de longe, a substância ilícita mais consumida (7%, 6% e 3% nas temporalidades do longo da vida, últimos 12 meses e últimos 30 dias, respetivamente). O uso de outras drogas ilícitas que não canábis não tem muita expressão ao nível da experimentação (3%) e do consumo recente (2%), sendo residual a percentagem que consumiu este tipo de drogas no último mês (<1%).

Também a percentagem de inquiridos que consomem canábis numa base diária ou quase diária é inferior a 1%. No entanto, quando se considera apenas o grupo dos consumidores atuais, verifica-se que um em cada dez adota um padrão de consumo diário ou quase diário.

Medicamentos

8% dos alunos consumiram alguma vez na vida por indicação médica tranquilizantes/sedativos e 3% consumiram estimulantes cognitivos (*nootrópicos*), enquanto o consumo não-prescrito tem menos expressão (5%, no caso de tranquilizantes/sedativos, e 2%, no caso de *nootrópicos*). A percentagem que já tomou analgésicos muito fortes sem indicação médica (isto é, com o intuito de uma alteração dos sentidos) é da mesma ordem de grandeza (3%).

Análise por sexo

Nas várias temporalidades, o consumo de álcool, tabaco, tranquilizantes/sedativos e analgésicos fortes são práticas mais femininas do que masculinas, ao contrário das drogas ilícitas. Por sua vez, o consumo de *nootrópicos* não varia de forma relevante em função do sexo.

Análise em função da idade

Em todas as temporalidades consideradas, as prevalências de consumo das várias substâncias psicoativas tendem a aumentar na razão direta da idade dos alunos. O consumo recente de bebidas alcoólicas varia entre 24% (13 anos) e 79% (18 anos), enquanto as de tabaco entre 5% (13 anos) e 37% (18 anos) e as de drogas ilícitas entre 2% (13 anos) e 16% (18 anos).

Início Precoce dos Consumos

O álcool e o tabaco são as substâncias de consumo mais precoce: 30% dos alunos ingeriram uma bebida alcoólica com 13 anos ou menos e uma percentagem inferior fumou um cigarro de combustão (7%) e um cigarro eletrónico (6%) com a mesma precocidade. Entre os inquiridos, menos prevalente é a iniciação à canábis (1%) e a experiência de embriaguez severa com estas idades (4%).

Considerando apenas a população consumidora, destaca-se também a precocidade do álcool e do tabaco. Entre aqueles que já tomaram uma bebida alcoólica ou fumaram um cigarro de combustão, 48% e 29% fizeram-no com 13 anos ou menos, respetivamente. Por outro lado, 24% dos consumidores iniciaram o consumo de cigarros eletrónicos com estas idades, sendo a percentagem de início precoce do consumo de canábis de 17% e da experiência de embriaguez severa de 6%.

Perceções de Acessibilidade

O álcool e o tabaco são também as substâncias psicoativas que os inquiridos consideram de acessibilidade mais facilitada. Entre as bebidas alcoólicas, destaca-se a cerveja, a que 56% consideram ser fácil ter acesso, sendo que as destiladas são o tipo de bebida alcoólica que menos inquiridos consideram de fácil acesso (42%). Uma percentagem um pouco inferior (38%) considera fácil o acesso a tabaco de combustão.

No que diz respeito à perceção de acessibilidade a drogas ilícitas, a canábis destaca-se claramente como a substância que mais inquiridos consideram ser de fácil acesso (17%), enquanto a percentagem que considera o mesmo para as restantes drogas ilícitas varia entre 8% (cocaína) e 5% (anfetaminas e metanfetaminas). A percentagem que declara que o acesso a tranquilizantes/sedativos e a *nootrópicos* sem indicação médica é fácil é de 11% e 6%, respetivamente.

Há uma correspondência entre o consumo e a perceção que os alunos têm acerca da acessibilidade às substâncias, pois as mais consumidas são também aquelas consideradas de acesso menos dificultado.

Jogo

A grande maioria dos inquiridos jogou jogos eletrónicos no último mês (74% num dia sem escola e 65% num dia de escola), enquanto o jogo a dinheiro é uma prática muito menos prevalente: 18% jogaram a dinheiro no último ano, com destaque para lotarias, apostas desportivas e jogos de cartas/dados.

A percentagem que, no último mês, passou 4 ou mais horas diárias a jogar videojogos é de 30% em dias sem escola e 10% em dias de escola, enquanto 39% dos alunos jogaram este tipo de jogos numa base diária ou quase diária, isto é, em pelo menos quatro dias da semana anterior à inquirição.

Tanto o jogo eletrónico como o jogo a dinheiro são práticas mais masculinas do que femininas, sendo a diferença entre os dois sexos particularmente acentuada. Por outro lado, os alunos do ensino secundário jogam mais a dinheiro do que os alunos do 3º Ciclo, enquanto se verifica o inverso no caso dos videojogos.

TENDÊNCIAS

Face ao estudo anterior, realizado em 2019, considerando o conjunto dos indicadores analisados, verifica-se uma tendência de descida generalizada, embora com algumas exceções.

No caso das bebidas alcoólicas, face à última edição do estudo, verifica-se um decréscimo muito acentuado do consumo, variando entre -9 percentuais (últimos 30 dias) e -11pp. (últimos 12 meses), sendo que os valores relativos à embriaguez severa no último ano e ao consumo *binge* nos últimos 30 dias também desceram (-7 e -3 pp., respetivamente).

Em função do sexo, verifica-se que as prevalências de ingestão de bebidas alcoólicas desceram consideravelmente mais entre os rapazes do que as raparigas, sendo que o mesmo é válido para os comportamentos de risco acrescidos associados ao consumo de álcool. Em função da idade, verifica-se que o consumo de álcool decresceu em todas as idades, exceto entre os alunos mais novos (13 anos).

Se na anterior edição se falava de um claro esbatimento das diferenças de género e numa tendência de aproximação do consumo de álcool entre os dois sexos, em 2024 verifica-se que esta é já uma prática mais feminina do que masculina e mesmo no que concerne aos comportamentos de risco acrescido é possível constatar uma aproximação ou mesmo uma maior prevalência entre as raparigas.

No que diz respeito ao consumo de tabaco, a tendência de descida é cada vez mais acentuada. Esta quebra de tabaco na sua globalidade é feita à custa de um decréscimo muito expressivo do consumo de cigarros ditos tradicionais, em particular entre os rapazes, sendo que os alunos mais novos tendem hoje a preferir fumar cigarros eletrónicos.

Face a 2019, também o consumo de drogas ilícitas se tornou menos prevalente, sendo a descida proporcionalmente bastante acentuada, seja no que diz respeito à canábis, seja no que no concerne às outras drogas ilícitas. À semelhança do tabaco, diminuiu também a percentagem de consumidores de canábis que consomem numa base diária.

Quanto aos medicamentos, o consumo ao longo da vida de tranquilizantes/sedativos e de *nootrópicos* com indicação médica diminuiu de forma acentuada e o consumo não-prescrito regista pequenas variações, enquanto os valores relativos ao consumo não-prescrito de analgésicos fortes duplicaram entre 2019 e 2024.

Finalmente, o jogo a dinheiro nos últimos 12 meses tornou-se mais prevalente, sendo que a subida se faz muito à custa de um grande aumento entre as raparigas e entre os alunos mais novos. Face a 2019, há menos jogadores a jogar em lotarias e, sobretudo, a fazer apostas desportivas, enquanto há mais a jogar cartas/dados a dinheiro e em *slot machines*. Em comparação com a última edição, entre os alunos, o jogo a dinheiro distribui-se hoje por várias formas de jogo, em vez de estar concentrado sobretudo nas apostas desportivas.

Entre os respetivos jogadores, o jogo eletrónico considerado problemático aumentou de forma residual, enquanto o jogo a dinheiro de maior risco associado desceu.

Face ao estudo anterior, são hoje menos os alunos que iniciam os consumos em idades precoces (13 anos ou menos), tendo a iniciação precoce ao álcool e ao tabaco de combustão descido de uma forma muito acentuada. Por sua vez, considerando o grupo dos consumidores recentes, o início do consumo de cigarros eletrónicos e de canábis faz-se hoje mais cedo do que em 2019.

No que respeita à perceção de facilidade de acesso, há menos alunos a considerar fácil o acesso às diversas substâncias psicoativas, sendo que a descida é mais acentuada no que se refere a cigarros ditos tradicionais e a *alcopops*.

Em suma, os resultados do presente estudo permitem constatar que, no que aos comportamentos aditivos entre os alunos do ensino público (13-18 anos) diz respeito, o cenário é hoje globalmente menos gravoso, estando os comportamentos de maior risco confinados a uma minoria e sendo mais esporádicos do que frequentes. Ainda assim, há fenómenos que, face ao estudo anterior, se tornaram mais prevalentes, como o consumo de analgésicos fortes com o intuito de ficar «alterado», o jogo eletrónico e o jogo a dinheiro.

Agradecimentos

Como não podia deixar de ser, o primeiro agradecimento é para todos os alunos que colaboraram com o estudo, extensível aos encarregados de educação que autorizaram a sua participação. Igual agradecimento é devido a todos os professores que, de uma forma generosa, ajudaram a aplicar o questionário em sala de aula, bem como aos diretores de agrupamentos e escolas não-agrupadas que, reconhecendo a importância do projeto, aceitaram participar e disponibilizaram os meios para que a aplicação do questionário na(s) sua(s) escola(s) decorresse da melhor forma possível.

Um agradecimento especial à Dr.ª Carla Ribeiro (Coordenadora da Unidade de Estatística e Investigação do ICAD; IP) pela colaboração, suporte e apoio em todos os momentos desta jornada.

Por fim, uma palavra de agradecimento também a todos que, de uma forma ou de outra, contribuíram para este estudo, nomeadamente:

ICAD, I.P.

Conselho Diretivo - Dr. João Goulão (Presidente) e Dr. Manuel Cardoso (Vice-presidente)

Departamento de Investigação, Monitorização e Comunicação (DIMC) - Dr.ª Alcina Ló (Diretora)

Gabinete de Tecnologias e Sistemas de Informação (GTSI) - Dr. Francisco Bolas (Coordenador)

Departamento de Administração de Recursos (DAR) - Dr.ª Maria José Ribeiro (Diretora)

Ministério da Educação

Chefe de Gabinete do Sr. Secretário de Estado da Educação - Doutor Jorge Morais

Direção-Geral da Educação - Dr. Pedro Cunha (Diretor-Geral) e Dr. Rui Lima (Representante do Senhor Ministro da Educação na Comissão Técnica do Conselho Interministerial para os Problemas da Droga, das Dependências e do Uso Nocivo do Álcool)

Direção-Geral de Estatísticas da Educação e Ciência (DGEEC) - Dr. Nuno Rodrigues (Diretor-Geral)

Serviços Projetos Educativos da Direção Geral da Educação/DGEEC - Dr. José Carlos Sousa (Diretor)

Divisão de Estatísticas do Ensino Básico e Secundário/Direção de Serviços de Estatísticas da Educação/DGEEC

Região Autónoma dos Açores

Secretaria Regional da Educação, Cultura e Desporto - Dr^a. Sofia Heleno Santos Roque Ribeiro (Secretária Regional)

Secretaria Regional da Saúde e Segurança Social / Direção Regional de Prevenção e Combate às Dependências - Enf^o. Pedro Fins (Diretor Regional)

Região Autónoma da Madeira

Direção-Regional da Saúde - Dr^a. Bruna Olim Gouveia (Diretora Regional da Saúde)

Direção Regional da Educação - Dr. Marco Gomes (Diretor Regional da Educação)

IA Saúde/UCAD (Unidade Operacional de Intervenção em Comportamentos Aditivos e Dependências) - Dr. Nélon Carvalho (Diretor)

Agradecemos a todos pela colaboração, disponibilidade e compromisso com este estudo. Um agradecimento especial à DGEEC e às Secretarias Regionais das Regiões Autónomas pela disponibilização dos dados essenciais à construção da amostra.

ÍNDICE

1.	Introdução	21
	Enquadramento	23
2.	Metodologia	25
	Metodologia e procedimentos	27
	Objetivos	27
	Tipo de estudo	27
	Considerações de carácter ético	28
	Procedimentos	28
	No decorrer da aplicação	29
	Universo e Amostra	29
	Em resumo	30
	Características da Amostra	31
3.	Resultados	35
	Prevalências e padrões de consumo	37
	Álcool	39
	Tabaco	54
	Drogas Ilícitas	63
	Medicamentos	75
	Jogo	80
	Início precoce dos consumos	89
	Perceções de acessibilidade	95
	Perfis de Consumo e de Jogo	105
	Discussão e análise	111
4.	Conclusão	115
	Em resumo...	117
	Siglas e Abreviaturas	119
	Referências Bibliográficas	121

ÍNDICE DE FIGURAS

Figura 1. Amostra. Número de escolas, turmas e alunos por NUT I e NUT II - 2024.....	33
Figura 2. Amostra. Inquiridos por sexo - 2024 (%).....	34
Figura 3. Amostra. Inquiridos por grupo etário - 2024 (%).....	34
Figura 4. Álcool, tabaco e drogas ilícitas. Prevalências de consumo ao longo da vida, nos últimos 12 meses e nos últimos 30 dias - 2024 (%).....	37
Figura 5. Álcool, tabaco e drogas ilícitas. Prevalências de consumo nos últimos 12 meses - 2024 (%).....	38
Figura 6. Álcool. Prevalências de consumo ao longo da vida, nos últimos 12 meses e nos últimos 30 dias, por tipo de bebida alcoólica - 2024 (%).....	39
Figura 7. Álcool. Comportamentos de risco acrescido ao longo da vida, nos últimos 12 meses e nos últimos 30 dias - 2024 (%).....	40
Figura 8. Álcool. Consumo diário ou quase diário, por tipo de bebida alcoólica nos últimos 30 dias, entre total de inquiridos e consumidores atuais - 2024 (%).....	41
Figura 9. Álcool. Comportamentos de risco acrescido frequentes nos últimos 30 dias, entre total de inquiridos e consumidores atuais - 2024 (%).....	41
Figura 10. Álcool. Prevalências de consumo ao longo da vida, nos últimos 12 meses e nos últimos 30 dias, por sexo - 2024 (%).....	42
Figura 11. Álcool. Comportamentos de risco acrescido, por sexo - 2024 (%).....	43
Figura 12. Álcool. Comportamentos de risco acrescido frequentes e consumo diário, entre total de inquiridos, por sexo - 2024 (%).....	44
Figura 13. Álcool. Comportamentos de risco acrescido frequentes e consumo diário, entre consumidores atuais, por sexo - 2024 (%).....	44
Figura 14. Álcool. Prevalências de consumo ao longo da vida, por grupo etário - 2024 (%).....	45
Figura 15. Álcool. Comportamentos de risco acrescido, por grupo etário - 2024 (%).....	46
Figura 16. Álcool. Prevalências de consumo <i>binge</i> frequente nos últimos 30 dias, entre total de inquiridos e consumidores atuais, por grupo etário - 2024 (%).....	46
Figura 17. Álcool. Prevalências de embriaguez ligeira frequente nos últimos 30 dias, entre total de inquiridos e consumidores atuais, por grupo etário - 2024 (%).....	47
Figura 18. Álcool. Prevalências de embriaguez severa frequente nos últimos 30 dias, entre total de inquiridos e consumidores atuais, por grupo etário - 2024 (%).....	47
Figura 19. Álcool. Prevalências de consumo ao longo da vida, nos últimos 12 meses e nos últimos 30 dias - 2015/2019/2024 (%).....	48
Figura 20. Álcool. Prevalências de embriaguez severa ao longo da vida, nos últimos 12 meses e nos últimos 30 dias, e de consumo <i>binge</i> nos últimos 30 dias - 2015/2019/2024 (%).....	49
Figura 21. Álcool. Prevalências de consumo ao longo da vida, nos últimos 12 meses e nos últimos 30 dias, por sexo - 2015/2019/2024 (%).....	50
Figura 22. Álcool. Prevalências de embriaguez severa ao longo da vida, nos últimos 12 meses e nos últimos 30 dias, por sexo - 2015/2019/2024 (%).....	50
Figura 23. Álcool. Prevalências de consumo <i>binge</i> nos últimos 30 dias, por sexo - 2015/2019/2024 (%).....	51
Figura 24. Álcool. Prevalências consumo nos últimos 12 meses, por grupo etário-2015/2019/2024 (%).....	52
Figura 25. Álcool. Prevalências de embriaguez ligeira nos últimos 12 meses, por grupo etário - 2015/2019/2024 (%).....	52
Figura 26. Álcool. Prevalências de embriaguez severa nos últimos 12 meses, por grupo etário - 2015/2019/2024 (%).....	53

Figura 27. Álcool. Prevalências consumo <i>binge</i> , últimos 30 dias, por grupo etário-2015/2019/2024 (%)..	53
Figura 28. Tabaco. Prevalências de consumo ao longo da vida, nos últimos 12 meses e nos últimos 30 dias, por tipo de tabaco - 2024 (%)	54
Figura 29. Tabaco. Consumo diário ou quase diário nos últimos 30 dias, por tipo de tabaco, entre total de inquiridos e consumidores atuais - 2024 (%)	55
Figura 30. Tabaco. Prevalências de consumo ao longo da vida, nos últimos 12 meses e nos últimos 30 dias, por sexo - 2024 (%)	56
Figura 31. Tabaco. Consumo diário ou quase diário de cigarros tradicionais e eletrónicos nos últimos 30 dias, entre os consumidores atuais, por sexo - 2024 (%)	56
Figura 32. Tabaco. Prevalências de consumo, nos últimos 12 meses, por grupo etário - 2024 (%).....	57
Figura 33. Tabaco. Consumo diário ou quase diário de cigarros tradicionais e eletrónicos nos últimos 30 dias, por grupo etário entre os consumidores atuais - 2024 (%)	58
Figura 34. Tabaco. Prevalências de consumo nos últimos 12 meses, por grupo de tabaco - 2015/2019/2024 (%).....	59
Figura 35. Tabaco. Prevalências de consumo nos últimos 12 meses, por grupo de tabaco e sexo - 2015/2019/2024 (%).....	59
Figura 36. Tabaco. Prevalências de consumo de cigarros tradicionais nos últimos 12 meses, por sexo - 2015/2019/2024 (%)	60
Figura 37. Tabaco. Prevalências de consumo de cigarros eletrónicos nos últimos 12 meses, por sexo - 2015/2019/2024 (%)	60
Figura 38. Tabaco. Prevalências de consumo nos últimos 12 meses, por grupo etário - 2015/2019/2024 (%)	61
Figura 39. Tabaco. Prevalências de consumo de cigarros tradicionais nos últimos 12 meses, por grupo etário - 2015/2019/2024 (%)	62
Figura 40. Tabaco. Prevalências de consumo de cigarros eletrónicos nos últimos 12 meses, por grupo etário - 2015/2019/2024 (%).....	62
Figura 41. Drogas ilícitas. Prevalências de consumo ao longo da vida, nos últimos 12 meses e nos últimos 30 dias, no total e por tipo de droga ilícita - 2024 (%)	63
Figura 42. Drogas ilícitas. Prevalências de consumo de outras drogas ilícitas que não canábis ao longo da vida e nos últimos 12 meses - 2024 (%).....	64
Figura 43. Drogas ilícitas. Consumo diário ou quase diário de canábis nos últimos 30 dias, entre total de inquiridos e consumidores atuais - 2024 (%)	64
Figura 44. Drogas ilícitas. Prevalências de consumo ao longo da vida, nos últimos 12 meses e nos últimos 30 dias, por sexo - 2024 (%).....	65
Figura 45. Drogas ilícitas. Consumo diário ou quase diário de canábis nos últimos 30 dias, entre total de inquiridos e consumidores atuais, por sexo - 2024 (%)	66
Figura 46. Drogas ilícitas. Prevalências de consumo nos últimos 12 meses, por grupo etário - 2024 (%) .	66
Figura 47. Drogas ilícitas. Consumo diário ou quase diário de canábis nos últimos 30 dias, entre total de inquiridos e consumidores atuais, por grupo etário - 2024 (%).....	67
Figura 48. Drogas ilícitas. Prevalências de consumo ao longo da vida, nos últimos 12 meses e nos últimos 30 dias - 2015/2019/2024 (%).....	68
Figura 49. Drogas ilícitas. Prevalências de consumo de canábis ao longo da vida nos últimos 12 meses e nos últimos 30 dias - 2015/2019/2024 (%)	69
Figura 50. Drogas ilícitas. Prevalências de consumo de outras drogas que não canábis ao longo da vida, nos últimos 12 meses e nos últimos 30 dias - 2015/2019/2024 (%)	69
Figura 51. Drogas ilícitas. Consumo diário ou quase diário de canábis nos últimos 30 dias, entre total de inquiridos e consumidores atuais - 2015/2019/2024 (%)	70

Figura 52. Drogas ilícitas. Prevalências de consumo ao longo da vida nos últimos 12 meses e nos últimos 30 dias, por sexo - 2015/2019/2024 (%).....	71
Figura 53. Drogas ilícitas. Prevalências de consumo de canábis ao longo da vida, nos últimos 12 meses e nos últimos 30 dias, por sexo - 2015/2019/2024 (%)	71
Figura 54. Drogas ilícitas. Prevalências de consumo de outras drogas ilícitas que não canábis ao longo da vida e nos últimos 12 meses, por sexo - 2015/2019/2024 (%)	72
Figura 55. Drogas ilícitas. Prevalências de consumo nos últimos 12 meses, por grupo etário - 2015/2019/2024 (%)	72
Figura 56. Drogas ilícitas. Prevalências de consumo de canábis nos últimos 12 meses, por grupo etário - 2015/2019/2024 (%)	73
Figura 57. Drogas ilícitas. Prevalências de consumo de outras drogas ilícitas que não canábis nos últimos 12 meses, por grupo etário - 2015/2019/2024 (%)	74
Figura 58. Medicamentos. Prevalências de consumo ao longo da vida - 2024 (%).....	75
Figura 59. Medicamentos. Prevalências de consumo ao longo da vida, por sexo - 2024 (%)	76
Figura 60. Medicamentos. Prevalências de consumo ao longo da vida, por grupo etário - 2024 (%)	77
Figura 61. Medicamentos. Prevalências de consumo de tranquilizantes/sedativos ao longo da vida - 2015/2019/2024 (%)	77
Figura 62. Medicamentos. Prevalências de consumo de <i>nootrópicos</i> ao longo da vida 2019/2024 (%)....	78
Figura 63. Medicamentos. Prevalências de consumo não-prescrito de analgésicos fortes ao longo da vida - 2019/2024 (%).....	78
Figura 64. Medicamentos. Prevalências de consumo prescrito e não-prescrito ao longo da vida - 2024 (%)	79
Figura 65. Jogo eletrónico. Prevalências nos últimos 30 dias - 2024 (%)	80
Figura 66. Jogo eletrónico. Prática intensiva nos últimos 30 dias e prática numa base diária nos últimos 7 dias, por sexo - 2024 (%)	81
Figura 67. Jogo eletrónico. Prática intensiva nos últimos 30 dias e prática numa base diária nos últimos 7 dias, por grupo etário - 2024 (%)	81
Figura 68. Jogo a dinheiro. Prevalências nos últimos 12 meses - 2019/2024 (%).....	82
Figura 69. Jogo a dinheiro. Prevalências nos últimos 12 meses, por sexo - 2024 (%).....	83
Figura 70. Jogo a dinheiro. Prevalências nos últimos 12 meses - 2015/2019/2024 (%)	83
Figura 71. Jogo a dinheiro. Prevalências nos últimos 12 meses, por grupo etário - 2019/2024 (%).....	84
Figura 72. Jogo eletrónico <i>online</i> e jogo a dinheiro de forma problemática, entre total de inquiridos e jogadores - 2024 (%).....	85
Figura 73. Jogo eletrónico <i>online</i> e jogo a dinheiro de forma problemática, entre total de inquiridos, por sexo - 2024 (%)	85
Figura 74. Jogo eletrónico <i>online</i> e jogo a dinheiro de forma problemática, entre jogadores, por sexo - 2024 (%).....	86
Figura 75. Jogo eletrónico <i>online</i> e jogo a dinheiro de forma problemática, entre os inquiridos, por grupo etário - 2024 (%)	86
Figura 76. Jogo eletrónico <i>online</i> e jogo a dinheiro de forma problemática, entre os jogadores, por grupo etário - 2024 (%)	87
Figura 77. Jogo eletrónico <i>online</i> e jogo a dinheiro de forma problemática, entre total de inquiridos - 2019/2024 (%)	87
Figura 78. Jogo eletrónico <i>online</i> e jogo a dinheiro de forma problemática, entre jogadores - 2019/2024 (%)	88

Figura 79. Álcool, tabaco e canábis. Início dos consumos e de embriaguez severa com 13 anos ou menos, entre total de inquiridos - 2024 (%).....	89
Figura 80. Álcool, tabaco e canábis. Início dos consumos e de embriaguez severa com 13 anos ou menos, entre consumidores - 2024 (%).....	90
Figura 81. Álcool, tabaco e canábis. Início dos consumos com 13 anos de idade ou menos, entre total de inquiridos - 2019/2024 (%).....	91
Figura 82. Álcool, tabaco e canábis. Início dos consumos com 13 anos de idade ou menos, entre consumidores - 2019/2024 (%).....	91
Figura 83. Álcool. Início dos consumos e de embriaguez severa com 13 anos ou menos, por sexo - 2019/2024 (%).....	92
Figura 84. Tabaco. Início dos consumos com 13 anos ou menos, por sexo - 2019/2024 (%).....	93
Figura 85. Drogas ilícitas. Início dos consumos de canábis com 13 anos ou menos, por sexo - 2019/2024 (%).....	93
Figura 86. Álcool. Perceção de facilidade de acesso (“fácil” ou “muito fácil”) - 2019/2024 (%).....	95
Figura 87. Tabaco. Perceção de facilidade de acesso a cigarros tradicionais (“fácil” ou “muito fácil”) - 2019/2024 (%).....	96
Figura 88. Drogas ilícitas. Perceção de facilidade de acesso (“fácil” ou “muito fácil”) - 2019/2024 (%)....	97
Figura 89. Medicamentos. Perceção de facilidade de acesso sem indicação médica (“fácil” ou “muito fácil”) - 2019/2024 (%).....	97
Figura 90. Álcool. Perceção de facilidade de acesso a cerveja (“fácil” ou “muito fácil”),por grupo etário - 2015/2019/2024 (%).....	98
Figura 91. Álcool. Perceção de facilidade de acesso a <i>alcopops</i> (“fácil” ou “muito fácil”),por grupo etário - 2015/2019/2024 (%).....	99
Figura 92. Álcool. Perceção de facilidade de acesso a vinho (“fácil” ou “muito fácil”),por grupo etário - 2015/2019/2024 (%).....	99
Figura 93. Perceção de facilidade de acesso a bebidas destiladas (“fácil” ou “muito fácil”), por grupo etário - 2015/2019/2024 (%).....	100
Figura 94. Tabaco. Perceção de facilidade de acesso a cigarros tradicionais (“fácil” ou “muito fácil”), por grupo etário - 2015/2019/2024 (%).....	101
Figura 95. Drogas ilícitas. Perceção de facilidade de acesso a canábis (“fácil” ou “muito fácil”), por grupo etário - 2015/2019/2024 (%).....	102
Figura 96. Drogas ilícitas. Perceção de facilidade de acesso a cocaína (“fácil” ou “muito fácil”), por grupo etário - 2015/2019/2024 (%).....	102
Figura 97. Drogas ilícitas. Perceção de facilidade de acesso a <i>ecstasy</i> (“fácil” ou “muito fácil”), por grupo etário - 2015/2019/2024 (%).....	103
Figura 98. Drogas ilícitas. Perceção de facilidade de acesso a LSD (“fácil” ou “muito fácil”), por grupo etário - 2015/2019/2024 (%).....	103
Figura 99. Medicamentos. Perceção de facilidade de acesso a tranquilizantes/sedativos sem receita médica (“fácil” ou “muito fácil”), por grupo etário - 2015/2019/2024 (%).....	104
Figura 100: Distribuição das Variáveis pelos Fatores.....	106
Figura 101: <i>Clusters</i> identificados em função dos Fatores.....	107

1. INTRODUÇÃO

ENQUADRAMENTO

O Estudo sobre o Consumo de Álcool, Tabaco, Drogas e outros Comportamentos Aditivos e Dependências (ECATD-CAD) é um estudo transversal que se replica a cada quatro anos, embora, devido à pandemia da COVID-19, excecionalmente a presente edição tenha decorrido cinco anos depois da última. O estudo resulta da aplicação do questionário ESPAD em amostras representativas dos alunos do ensino público com idades entre os 13 e 18 anos, sendo que a presente edição foi a primeira cuja recolha de dados se fez *online*. O estudo é implementado desde 2003 e durante as primeiras edições centrou-se quase exclusivamente no consumo de álcool, tabaco, drogas ilícitas e outras substâncias psicoativas, incluindo alguns tipos de medicamentos. Em 2015, o âmbito foi alargado também a outros comportamentos aditivos sem substância, como o jogo (*gaming* e *gambling*) e a utilização da *Internet*, e desde então o espaço concedido no questionário a este tipo de fenómenos tem aumentado consistentemente. Até 2015, o estudo foi implementado apenas em Portugal Continental, sendo que, a partir de 2019, o âmbito foi alargado às Regiões Autónomas dos Açores e da Madeira.

Centrado unicamente nos alunos que completam 16 anos no ano da inquirição, o ESPAD é um estudo europeu que se realiza desde 1995 e em que Portugal participa desde o início, sendo que ao longo das várias edições já participaram 49 países europeus diferentes (ESPAD *Group*, 2020). Dado a sua metodologia comum e a conseqüente comparabilidade dos resultados, o ESPAD afirmou-se como o estudo de referência no âmbito da epidemiologia das substâncias psicoativas, a nível europeu, dado permitir o acompanhamento da evolução do fenómeno do consumo nos adolescentes.

Pelas mesmas razões e, sobretudo, em virtude de garantir uma amostra representativa a nível nacional e regional, o ECATD-CAD é o estudo de referência² sobre comportamentos aditivos entre os jovens portugueses com idades compreendidas entre os 13 e os 18 anos, sendo que, ao longo dos anos, os resultados obtidos têm permitido monitorizar a situação e a evolução epidemiológica em Portugal e, com isso, ajudar a definir e a avaliar políticas.

O processo de implementação do estudo é complexo, dado envolver muitos milhares de alunos e muitas centenas de escolas, pelo que a sua realização não seria possível sem uma estreita colaboração com o Ministério da Educação³ e com as Secretarias Regionais dos Açores⁴ e da Madeira⁵.

² Para uma discussão histórica mais aprofundada acerca do ECATD-CAD e de outros estudos epidemiológicos em Portugal, remete-se para Feijão, 2017: 15-18.

³ Direção-Geral de Estatísticas da Educação e Ciência e Direção-Geral da Educação.

⁴ Secretaria Regional da Educação e Cultura e Secretaria Regional da Saúde: Direção Regional de Prevenção e Combate às Dependências.

⁵ Secretaria Regional da Saúde: IASaúde / UCAD.

O presente relatório disponibiliza o essencial dos resultados obtidos em 2024 a nível nacional, focando-se essencialmente nas prevalências e padrões de consumo de álcool, tabaco, drogas ilícitas e outros comportamentos aditivos, para além de duas questões em particular: a precocidade dos consumos e a perceção da facilidade de acesso às substâncias psicoativas em causa. Tal como aconteceu com a informação recolhida em 2019 (Calado & Lavado, 2023; 2022; 2021; 2020; Carapinha & Lavado, 2021; Lavado & Calado, 2021; 2020), os atuais resultados serão objeto de uma análise mais aprofundada, nomeadamente a nível regional ou centrada em determinados aspetos, daí resultando relatórios temáticos que serão publicados oportunamente.

2. METODOLOGIA

METODOLOGIA E PROCEDIMENTOS

Objetivos

O objetivo deste estudo epidemiológico centrado nos alunos que frequentam o 3.º Ciclo do Ensino Básico e o Ensino Secundário em escolas públicas é o de monitorizar o consumo de álcool, tabaco, drogas ilícitas, medicamentos com efeito psicoativo, (ab)uso de *Internet*, jogo eletrónico e jogo a dinheiro, assim como conhecer a dimensão, os contornos e as consequências destes fenómenos, nomeadamente através do conhecimento dos vários padrões de consumo/utilização, dos contextos e dos próprios consumidores/utilizadores.

Estes dados recolhidos periodicamente permitem o conhecimento da evolução destes fenómenos e constituem uma fonte de informação indispensável para os decisores políticos e para os técnicos ao nível da prevenção dos comportamentos aditivos e das dependências, com ou sem substâncias (tanto na fase de planeamento como na de avaliação das políticas e das intervenções). Por outro lado, permitem responder aos compromissos de Portugal para com as organizações internacionais relevantes nesta área, designadamente a União Europeia (Comissão Europeia, Grupo Horizontal de Drogas e Agência da União Europeia sobre Drogas), o Conselho da Europa (Grupo Pompidou) e a Organização das Nações Unidas (Organização Mundial de Saúde).

O ESPAD tem por objetivo obter informação comparável entre os países europeus participantes e visa fornecer uma base sólida para a implementação de políticas, em particular as direcionadas aos jovens. Sendo o ECATD-CAD, no essencial, o alargamento do ESPAD a alunos de outros grupos etários (para além dos 16 anos), isso significa que, genericamente, toda a metodologia é idêntica à deste estudo europeu, incluindo o instrumento de recolha de dados.

Tipo de estudo

O ECATD-CAD é um estudo transversal, realizado por inquérito, em amostras representativas – a nível nacional – dos alunos do ensino público (3º Ciclo e Secundário), de cada grupo etário dos 13 aos 18 anos. A recolha de dados faz-se por via da aplicação de questionário preenchido pelos alunos em ambiente de sala de aula (sem interação entre os alunos). O estudo repete-se a cada 4 anos, o que permite acompanhar a evolução dos fenómenos em análise, em cada grupo etário, ao longo do tempo. Em 2024, e acompanhando as mudanças no ESPAD *Group*, em Portugal procedeu-se pela primeira vez à aplicação do questionário em formato *online*. Acrescente-se que, entre a edição de 2019 e a de 2024,

excecionalmente distam cinco anos, de modo a atenuar os constrangimentos causados pela pandemia da COVID-19.

Considerações de carácter ético

- Procedeu-se à submissão e aprovação do questionário, por parte do Ministério da Educação através do Sistema de Monitorização de Inquéritos em Meio Escolar (Inquérito Nº 1276400001 – MIME/MEC).
- Realizou-se a solicitação de autorização parental / consentimento parental ativo, de acordo com Regulamento Geral de Proteção de Dados da União Europeia (modelo disponibilizado pelo ICAD). Cada escola enviou a Autorização Parental aos Encarregados de Educação dos(as) alunos(as) da(s) turma(s) selecionada(s), explicando o que é o ESPAD/ECATD-CAD e pedindo autorização para a participação do(a) aluno(a) no inquérito (foi explicado claramente que se tratava de um inquérito internacional, realizado em mais de 35 países europeus, de 4 em 4 anos, para monitorizar o consumo de álcool, tabaco, drogas ilícitas, medicamentos com efeito psicoativo, (ab)uso de Internet, jogo eletrónico e jogo a dinheiro. Os alunos não-participantes – seja porque o Encarregado de Educação não autorizou a participação, seja porque o aluno recusou participar (mesmo com autorização parental) – deveriam permanecer na sala a desempenhar outra tarefa escolar que o professor(a) indicasse.

Procedimentos

Após a submissão e aprovação do questionário na plataforma do Sistema de Monitorização de Inquéritos em Meio Escolar do Ministério da Educação, procedeu-se a um primeiro contacto junto das escolas selecionadas aleatoriamente, através de ofício-circular dirigido aos Diretores dos Agrupamentos de Escolas/Escolas não-agrupadas, descrevendo o enquadramento e objetivos do estudo, e solicitando a participação das turmas selecionadas aleatoriamente em cada escola.

Em anexo ao citado ofício-circular, foram enviados: (a) cartas de recomendação do Grupo Pompidou, do Observatório Europeu da Droga e da Toxicodependência (atual EUDA – Agência Europeia sobre Drogas) e da Coordenação europeia do ESPAD, e também um (b) documento detalhando os procedimentos a tomar, especificando a participação solicitada ao respetivo Agrupamento/Escola não-agrupada.

Caso a resposta de participação da Escola não fosse negativa, foi pedido a cada Diretor(a) que designasse um(a) Coordenador(a) Local do ESPAD, sendo a pessoa responsável por gerir a aplicação do questionário ao nível do Agrupamento de Escolas ou Escola não-agrupada, e ponto de contacto entre o ICAD e a Escola.

Neste seguimento, foi enviado a cada Coordenador(a) Local do ESPAD um documento com as instruções dos procedimentos a seguir e o modelo de Autorização Parental (para que as escolas, de acordo com as normas do Ministério da Educação, solicitassem previamente o consentimento parental ativo).

No decorrer da aplicação

Os principais procedimentos elencados nas instruções para aplicação do questionário consistiam no seguinte:

- A aplicação do questionário deveria decorrer nas turmas indicadas pelo ICAD em ambiente de sala de aula (sem interação entre os alunos) e aplicado por um(a) professor(a);
- A escola escolheria o dia (entre as datas disponibilizadas) e o(s) tempo(s) letivo(s) para proceder à aplicação do questionário;
- O ICAD disponibilizava o *link* para aceder ao questionário, assim como um conjunto de senhas de acesso, para serem distribuídas aleatoriamente pelos alunos, ou seja, cada aluno tinha direito a uma senha única, tendo sido sugerido pelo ICAD que fossem os próprios alunos a escolher uma senha, de modo que sentissem assegurado o anonimato e a confidencialidade das suas respostas;
- Cada aluno(a) utilizava um computador de secretária da Escola ou o próprio portátil (fornecido pela Escola), não podendo ser utilizado qualquer instrumento de livre acesso (nomeadamente telemóveis), a fim de garantir que as questões colocadas fossem respondidas apenas pelo destinatário pretendido;
- No início do preenchimento do questionário os alunos foram informados acerca do enquadramento do estudo, sendo-lhes dada a garantia de que os resultados nunca seriam divulgados por turma ou por escola. Além de instruções no preenchimento do questionário, também se sublinhava o carácter voluntário da sua participação, assim como o anonimato e confidencialidade do mesmo, uma vez que, por um lado, não se perguntava o nome ou qualquer outra informação que pudesse identificar o(a) aluno(a) e, por outro lado, não seria possível localizar nem saber a partir de qual computador determinado(a) aluno(a) preencheria o questionário.

Universo e Amostra

O ECATD-CAD (versão alargada do ESPAD) inclui amostras representativas dos alunos de cada um dos grupos etários dos 13 aos 18 anos a nível nacional e, desde 2015, amostras globalmente representativas

do conjunto destes alunos, por NUTS I, NUTS II (Regiões) e NUTS III (Sub-Regiões), sendo que desde 2019 as Regiões Autónomas dos Açores e da Madeira também fazem parte deste estudo.

Nos estudos em meio escolar desenvolvidos pelo ICAD ou instituições que o precederam, a unidade base da amostragem é a turma. Relativamente ao ESPAD/ECATD-CAD, constroem-se amostras probabilísticas representativas, a nível nacional, das populações-alvo, alunos do ensino público que em 2024 completam cada uma das idades entre os 13 e os 18 anos. Tendo em conta que os alunos de cada grupo etário estão distribuídos por vários anos de escolaridade, na prática constroem-se amostras representativas dos alunos de cada ano de escolaridade, a partir das quais, num segundo momento, são obtidas as amostras representativas de cada grupo etário.

O Ministério da Educação, através da Direção-Geral de Estatísticas da Educação, assim como também a Direção-Regional da Educação da R.A. Madeira e a Secretaria Regional da Educação, Cultura e Desporto da R.A. Açores, fornecem as bases de dados mais recentes relativas ao número de alunos e de turmas por ano de escolaridade, em cada uma das escolas. Com base nesta informação, são constituídas bases de amostragem a partir de todas as turmas, estratificadas ao nível geográfico das NUTS II e NUTS III, sendo o peso de cada estrato proporcional ao número real de turmas. Em cada estrato, a seleção das turmas é feita pelo método da amostragem aleatória sistemática (seleção aleatória da primeira turma e seleção sistemática das restantes em função do número de turmas necessário para esse estrato – amostragem probabilística aleatória estratificada).

A dimensão das amostras é calculada com vista a obter estimativas das prevalências de consumo que, com um nível de confiança de 95%, não excedam margens de erro aceitáveis mesmo para os valores de maior incerteza (a metodologia do ESPAD sugere amostras de pelo menos 2400 alunos para cada grupo etário, o que corresponde a margens de erro de $\pm 2\%$, para prevalências de 50%).

Em resumo

As principais notas quanto à metodologia empregue no presente estudo resumem-se assim:

- Universo: alunos do 3º Ciclo do Ensino Básico e do Ensino Secundário das escolas públicas de Portugal.
- Unidade amostral: turmas.
- Amostragem: probabilística aleatória estratificada.
- Questionário: concebido através da plataforma *SPSS Dimensions* e aplicado *online* pela primeira vez na presente edição do estudo.

- No decorrer da aplicação do questionário, o ICAD contou com o suporte técnico dos Serviços da PSE – Produtos e Serviços de Estatística (empresa contratada pelo ICAD, que comercializa e fornece apoio relativamente ao SPSS – *Statistical Package for the Social Science*).
- Foi realizado um teste-piloto, dado que o questionário foi aplicado, pela primeira vez, em formato *online*. O teste decorreu de forma muito positiva, tanto ao nível da compreensão e do interesse demonstrado pelos alunos como na utilização do formato *online* para o preenchimento do questionário. Desde o primeiro contacto com as escolas (convite) até à aplicação do questionário, foram enviados dois *e-mails* de alerta a solicitar resposta por parte das escolas que ainda não tinham respondido.
- Recolha de dados: de 15 de abril a 15 de maio de 2024.
- A base de dados ficou à guarda do ICAD, sendo tratada apenas pela equipa do ESPAD Portugal (utilizando o *SPSS Statistics – versão 27*).
- Taxa de resposta de Agrupamentos de Escolas/Escolas não-agrupadas: 65%. Taxa de não-resposta superior à de 2019, uma vez que a aplicação do questionário enfrentou algumas dificuldades devido à sobreposição de atividades que exigiam o tempo dos alunos. Entre estas, destacam-se as iniciativas relacionadas com as comemorações dos 50 anos da Revolução de 25 de Abril, o envolvimento dos alunos em vários projetos de investigação de longa duração e a preparação para os exames nacionais.
- Alguns alunos e professores manifestaram preferência por responder ao questionário através do telemóvel, o que não estaria de acordo com as orientações definidas pelo Ministério da Educação. No entanto, apesar de algumas dificuldades de natureza técnica, as escolas participantes empenharam-se na colaboração com o ICAD, I.P. e seguiram as instruções fornecidas. De um modo geral, os alunos levaram a sério o preenchimento do questionário e, como habitualmente, apenas alguns professores reportaram pequenas perturbações durante o processo de aplicação.

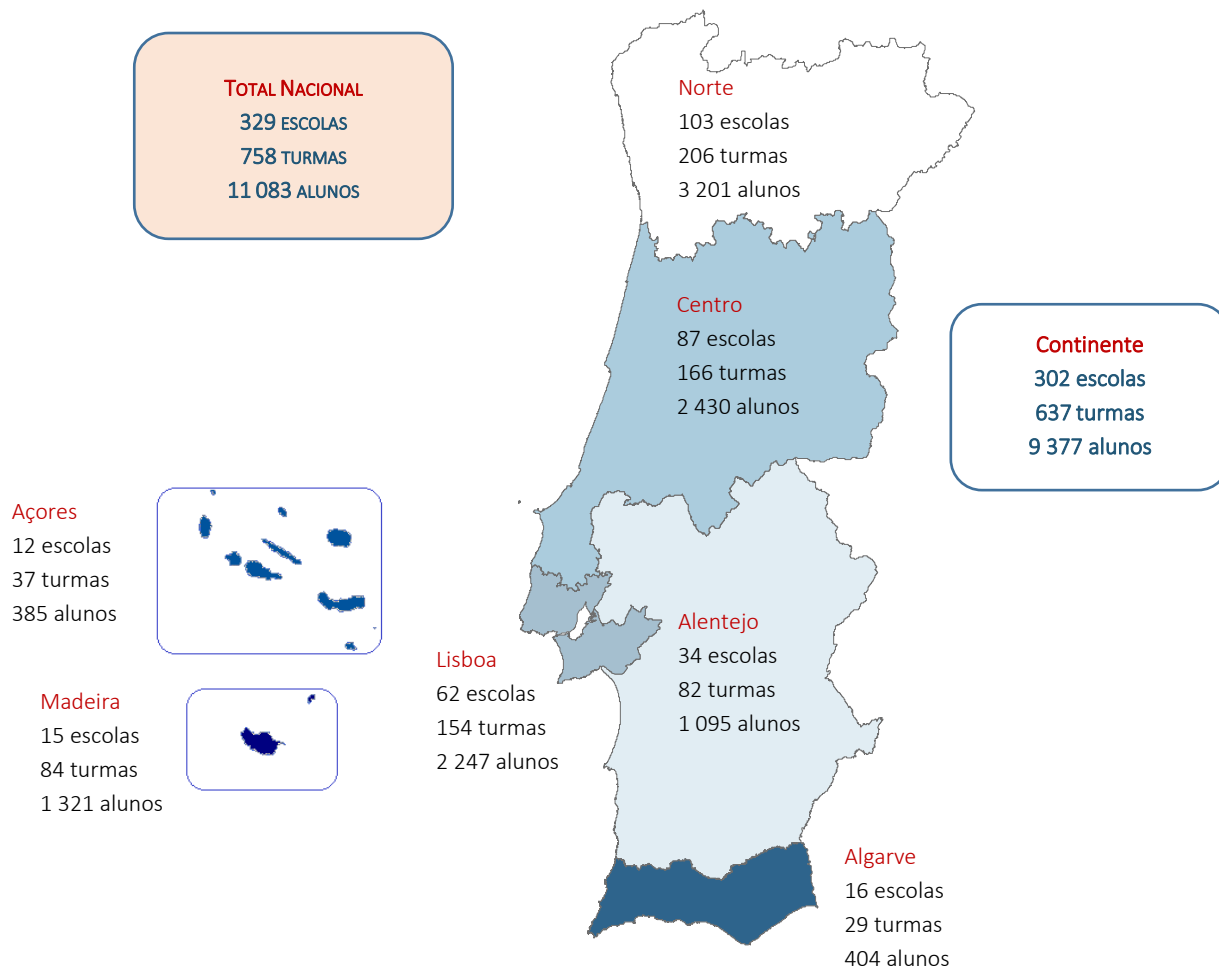
Características da Amostra

O ECATD-CAD/2024 é representativo a nível nacional e regional (segundo as NUTs I, II e III), por sexo, e por idades (13 aos 18 anos). Após a validação dos questionários preenchidos, obteve-se uma amostra nacional de 11.083 alunos do ensino público localizadas em todas as regiões de Portugal Continental e das Regiões Autónomas dos Açores e da Madeira. Os resultados nacionais foram obtidos a partir de uma base ponderada (figura 1).

Importa deixar a ressalva que o planeamento amostral foi realizado em 2023, e assim este estudo manteve a delimitação das NUTS vigente à data, não incorporando as alterações introduzidas pelo Regulamento Delegado (UE) 2023/674 da Comissão, de 26 de dezembro de 2022, que entrou em vigor a 1 de janeiro de 2024, assegurando assim a consistência e comparabilidade dos resultados com a edição anterior (em 2019).

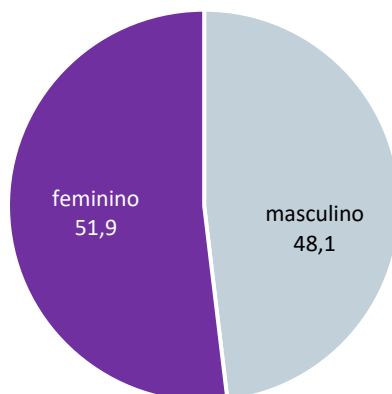
Em relação às características da amostra, verifica-se que é ligeiramente mais feminina do que masculina, sendo que a proporção de alunos mais velhos (16, 17 e 18 anos) é também ligeiramente maior do que a proporção de alunos mais novos (13, 14 e 15 anos) (figura 2 e 3).

Figura 1. Amostra. Número de escolas, turmas e alunos por NUT I e NUT II - 2024



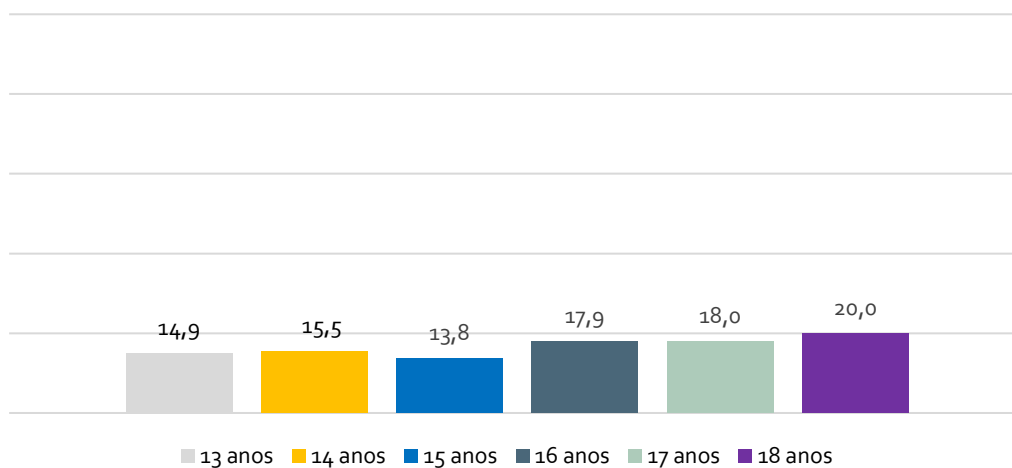
Fonte: ICAD/DIMC/UEI

Figura 2. Amostra. Inquiridos por sexo - 2024 (%)



Fonte: ICAD/DIMC/UEI

Figura 3. Amostra. Inquiridos por grupo etário - 2024 (%)



Fonte: ICAD/DIMC/UEI

3. RESULTADOS

PREVALÊNCIAS E PADRÕES DE CONSUMO

Em traços muito gerais, os resultados do ECATD-CAD/2024 convergem com os da edição anterior (implementada em 2019) e estão em linha com as tendências que estudos recentemente realizados em Portugal a nível nacional e regional junto de populações jovens têm identificado (Carapinha, Calado & Neto, 2024; Calado, Carapinha & Neto, 2024; Silva *et al.*, 2024; Fialho *et al.*, 2023; Gaspar *et al.*, 2022; Bento *et al.*, 2021; Valentim, Moutinho & Carvalho, 2021), nomeadamente a predominância do consumo de bebidas alcoólicas, o decréscimo do consumo de tabaco (sobretudo de combustão), a afirmação da canábis como principal droga ilícita, a subida do jogo a dinheiro e a massificação do uso da *Internet* entre a população juvenil portuguesa. A figura 4 oferece uma panorâmica geral da prevalência de consumo de álcool, tabaco e drogas ilícitas entre os alunos do ensino público com idades entre as 13 e os 18 anos nas três temporalidades consideradas: experimentação, consumo recente e consumo atual.

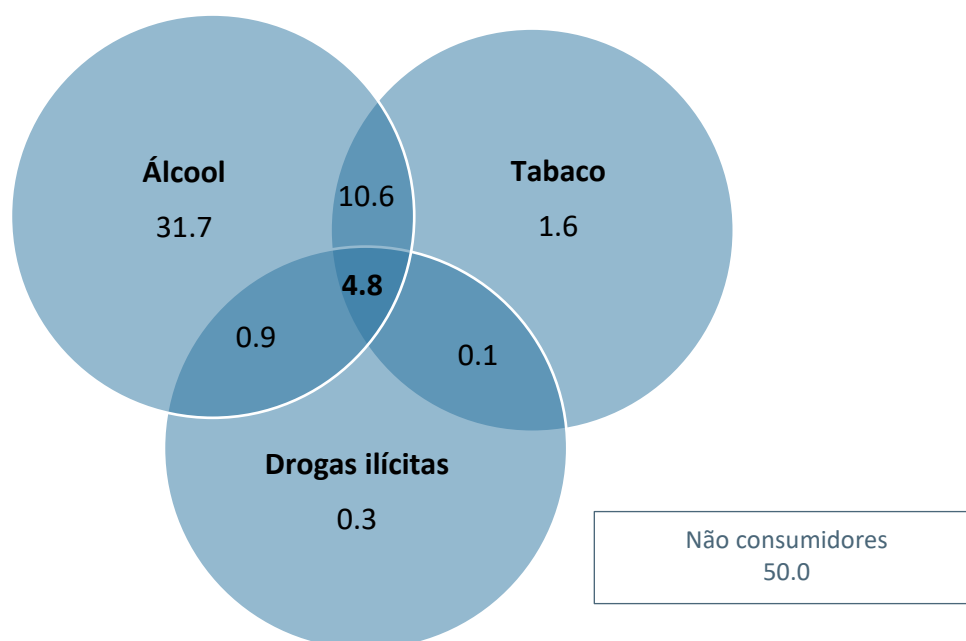
Figura 4. Álcool, tabaco e drogas ilícitas. Prevalências de consumo ao longo da vida, nos últimos 12 meses e nos últimos 30 dias - 2024 (%)



Fonte: ICAD/DIMC/UEI

Feitas as contas, um em cada vinte inquiridos consumiu, no ano anterior à aplicação do questionário, bebidas alcoólicas, tabaco e drogas ilícitas. O álcool é a substância psicoativa mais consumida pelos alunos e os seus consumidores são maioritariamente consumidores exclusivos, não tendo, portanto, consumido no último ano nem tabaco nem qualquer droga ilícita. Por outro lado, no mesmo período temporal, metade dos alunos foi abstinente, não tendo consumido recentemente nenhuma das substâncias em causa (figura 5).

Figura 5. Álcool, tabaco e drogas ilícitas. Prevalências de consumo nos últimos 12 meses - 2024 (%)



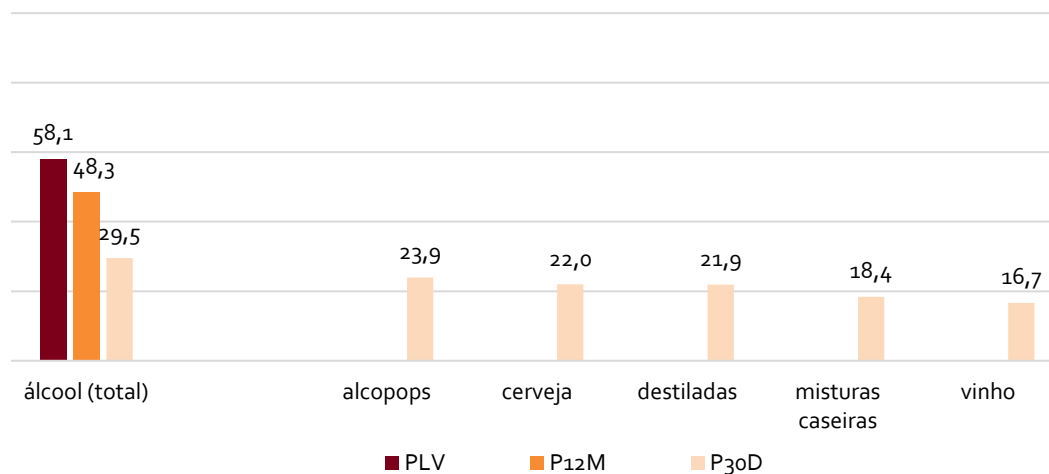
Fonte: ICAD/DIMC/UEI

Álcool

Apesar de, em larguíssima medida, a amostra ser composta por indivíduos abaixo dos 18 anos⁶ (a idade mínima legal de consumo), a maior parte dos inquiridos (58%) declara já ter ingerido uma qualquer bebida alcoólica ao longo da vida, o que demonstra, mais uma vez, que o álcool é de longe a substância psicoativa mais consumida pela população juvenil portuguesa. Um pouco menos de metade dos alunos (48%) declara ter bebido álcool nos 12 meses anteriores à inquirição, enquanto a proporção de consumidores atuais de álcool – isto é, os inquiridos que tomaram uma bebida alcoólica nos 30 dias anteriores à aplicação do inquérito – fica ligeiramente aquém de 1/3 (30%).

Entre as bebidas alcoólicas mais consumidas pelos alunos no último mês, figuram os *alcopops*⁷ (24%) e, com prevalências ligeiramente abaixo, a cerveja e as bebidas destiladas (ambas com 22%). As misturas caseiras⁸ (18%) e o vinho (17%) são as bebidas alcoólicas que menos inquiridos declaram ter consumido nos últimos 30 dias (figura 6).

Figura 6. Álcool. Prevalências de consumo ao longo da vida, nos últimos 12 meses e nos últimos 30 dias, por tipo de bebida alcoólica - 2024 (%)



Fonte: ICAD/DIMC/UEI

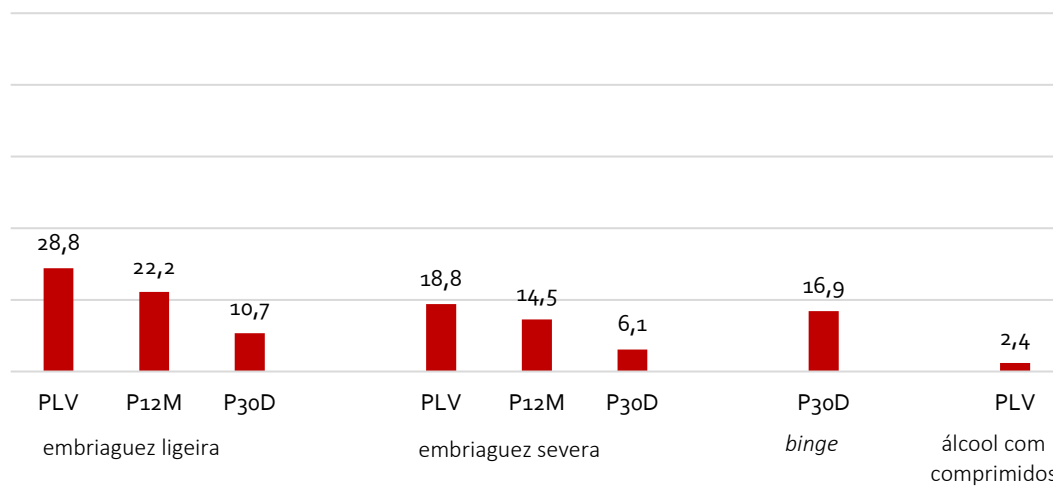
⁶ Como atrás explicado na seção metodológica, foram inquiridos alunos que completaram entre 13 e 18 anos em 2024, pelo que, tendo em conta que a recolha de dados decorreu em 15 de março e 15 de abril, mesmo o que se designa como «jovens de 18» é, na verdade, um grupo composto maioritariamente por menores de idade, dado que muitos terão completado 18 anos já depois da aplicação do questionário.

⁷ Garrafas/latas de sumos com bebidas alcoólicas, como *Somersby*, *Eristoff Ice Lemon*, *Apple*, *Superbock Green*, etc.

⁸ Bebidas preparadas pelos próprios, por amigos ou por outros, podendo também conter sumos/refrigerantes, como “litrosa”, “receita”, “sangria”, etc.

São minoritários os alunos que declaram ter tido comportamentos de risco acrescido associados ao consumo de álcool. Ainda assim, 29% declaram já ter bebido álcool ao ponto de se «sentirem alegres» (embriaguez ligeira) pelo menos uma vez na vida, enquanto os que o fizeram no último ano constituem 22% e no último mês totalizam 11%. A prevalência de embriaguez severa é menor, mas ainda assim bastante relevante: 19%, 15% e 6%, nas temporalidades do longo da vida, últimos 12 meses e últimos 30 dias, respetivamente. Por outro lado, no último mês, 17% dos inquiridos ingeriram bebidas alcoólicas de uma forma *binge* (cinco ou mais doses numa mesma ocasião). Finalmente, a prática de misturar álcool com comprimidos por forma a obter um efeito psicoativo significativo é, de todos os comportamentos de risco associados ao consumo de álcool considerados, de longe o menos prevalente (2%) (figura 7).

Figura 7. Álcool. Comportamentos de risco acrescido ao longo da vida, nos últimos 12 meses e nos últimos 30 dias - 2024 (%)



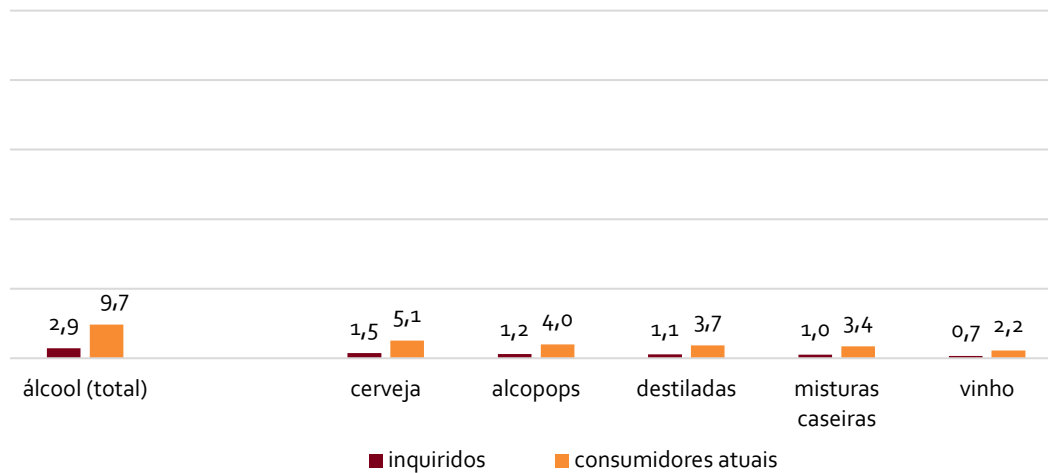
Fonte: ICAD/DIMC/UEI

Não obstante ser a substância psicoativa de eleição da população juvenil, o consumo de álcool por parte dos alunos tende a ser mais ocasional do que frequente. De facto, cerca de metade (49%) dos alunos que beberam álcool no último mês declaram tê-lo feito em somente numa ou duas ocasiões, o que corresponde a 14% dos inquiridos. A percentagem que declara ingerir bebidas alcoólicas com uma frequência de vinte ocasiões de consumo no último mês (aqui entendido como consumo diário ou quase diário) é ainda mais diminuta: 3% dos inquiridos e 5% dos consumidores atuais. Por tipo de bebida alcoólica, a percentagem dos respetivos consumidores que declaram consumir numa base diária ou quase diária varia entre 5%, no caso da cerveja, e 2%, no caso do vinho (figura 8).

Entre os inquiridos, os comportamentos de risco acrescido associados ao álcool tendem a ser igualmente esporádicos, sendo o consumo *binge* frequente (aqui entendido como três ou mais ocasiões de consumo

no último mês) o que mais expressão tem (7%). No entanto, quando a análise se restringe aos consumidores atuais, a percentagem que declara ter adotado no último mês estes padrões de risco acrescido em três ou mais ocasiões é naturalmente mais elevada: 25%, no caso do *binge*, 15%, no caso da embriaguez ligeira, e 6%, no caso da embriaguez severa (figura 9).

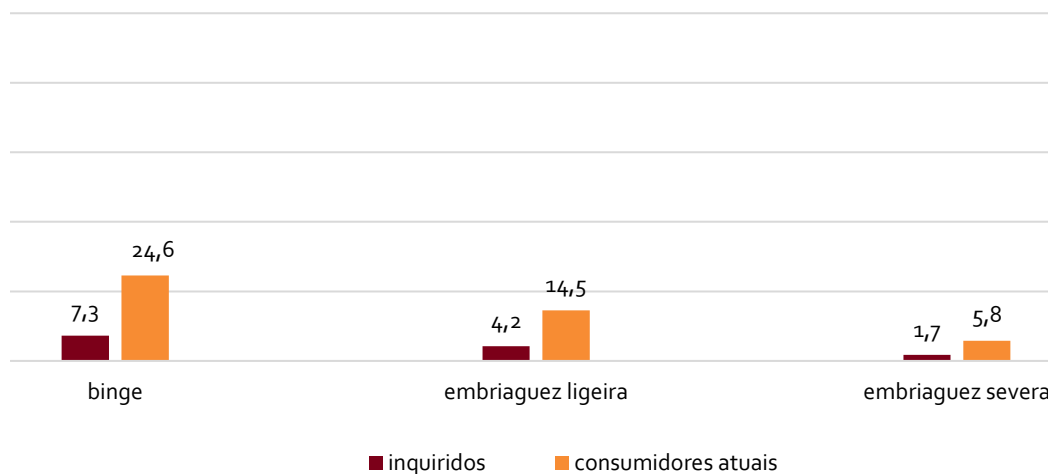
Figura 8. Álcool. Consumo diário ou quase diário*, por tipo de bebida alcoólica nos últimos 30 dias, entre total de inquiridos e consumidores atuais - 2024 (%)



*20 ou mais ocasiões de consumo nos últimos 30 dias.

Fonte: ICAD/DIMC/UEI

Figura 9. Álcool. Comportamentos de risco acrescido frequentes* nos últimos 30 dias, entre total de inquiridos e consumidores atuais - 2024 (%)



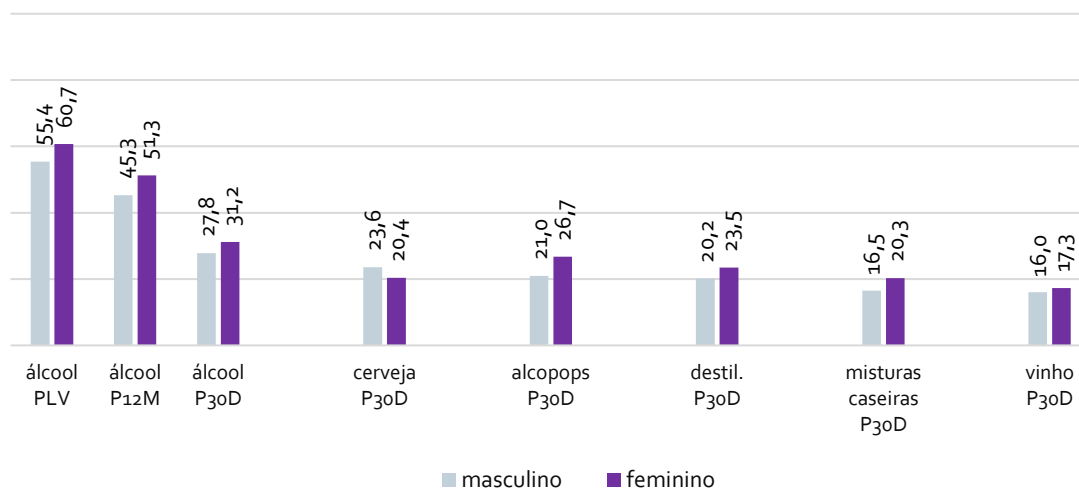
*3 ou mais ocasiões nos últimos 30 dias.

Fonte: ICAD/DIMC/UEI

Análise por sexo

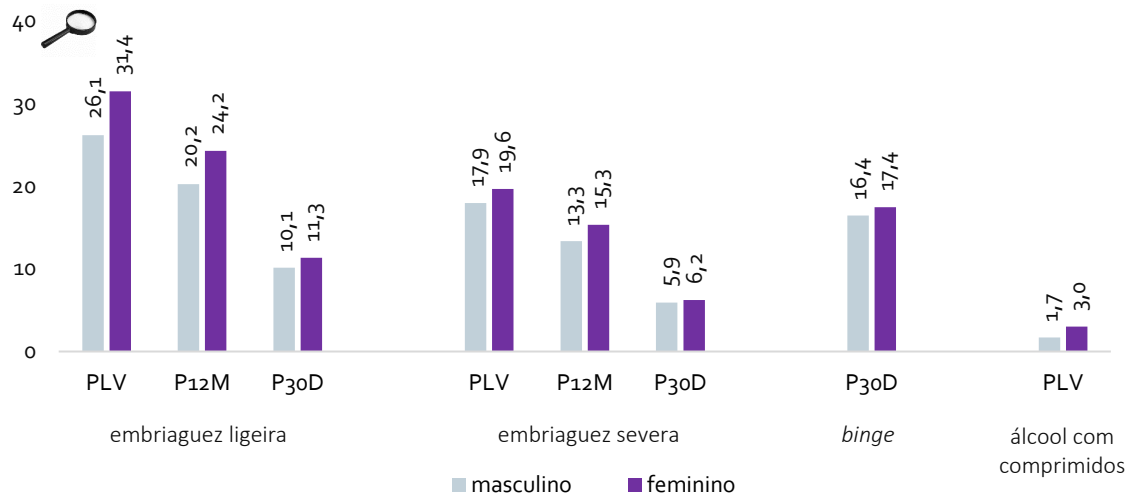
Seja em que temporalidade for, entre os alunos, o consumo de álcool é hoje uma prática mais feminina do que masculina, sendo a discrepância em termos absolutos mais acentuada no que concerne ao longo da vida e aos últimos 12 meses (5 e 6 pontos percentuais, respetivamente) e menos no que diz respeito aos últimos 30 dias (3pp.). No entanto, quando a análise se faz em função do tipo de bebida alcoólica, verifica-se que o cenário está longe de ser homogéneo, pois se a cerveja se destaca das restantes bebidas alcoólicas por ser a única cujo consumo é mais prevalente entre os rapazes (+3pp.), os *alcopops* destacam-se por serem o tipo de bebida cujo consumo é acentuadamente mais feminino do que masculino, estando em causa uma diferença de 6pp. entre os dois sexos (figura 10).

Figura 10. Álcool. Prevalências de consumo ao longo da vida, nos últimos 12 meses e nos últimos 30 dias, por sexo - 2024 (%)



Fonte: ICAD/DIMC/UEI

Também os comportamentos de risco acrescido associados ao consumo de álcool tendem a ser mais prevalentes entre as raparigas do que entre os rapazes, embora a diferença de valores não seja tão acentuada quanto a verificada no que se refere à prevalência de consumo. A embriaguez ligeira destaca-se como o comportamento de risco acrescido em que a discrepância é maior, nomeadamente ao nível das temporalidades do longo da vida (5pp.) e últimos 12 meses (4pp.). Em sentido contrário, em todos os indicadores, os valores relativos aos últimos 30 dias tendem a ser muito aproximados (figura 11).

Figura 11. Álcool. Comportamentos de risco acrescido, por sexo - 2024 (%)

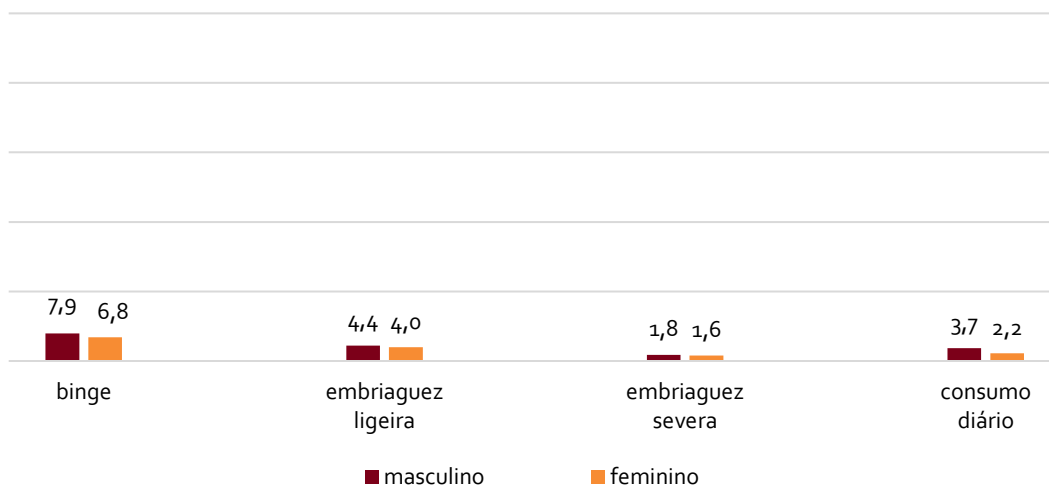
Fonte: ICAD/DIMC/UEI

Apesar serem mais prevalentes entre as raparigas, os comportamentos de risco acrescido associados ao consumo de álcool tendem a ser mais frequentes entre os rapazes. Entre o total dos inquiridos, a diferença entre os dois sexos é relevante apenas no caso do consumo *binge* e, sobretudo, do consumo diário, enquanto no caso da embriaguez os valores são muito aproximados (figura 12).

No entanto, quando a análise se restringe ao grupo dos consumidores atuais, as discrepâncias são mais acentuadas, sendo a diferença entre os dois sexos mais expressiva em termos absolutos no que concerne ao consumo *binge* (7 pp.) e menos no caso da embriaguez severa (2pp.). É no que respeita à ingestão de bebidas alcoólicas numa base diária ou quase diária que a discrepância é mais acentuada em termos relativos, pois, entre os consumidores, a percentagem de rapazes que o fez em três ou mais ocasiões no último é cerca do dobro da verificada entre as raparigas (figura 13).

Em conclusão, entre a população em estudo, a ingestão de bebidas alcoólicas e os comportamentos de risco acrescidos associados ao consumo de álcool são mais prevalentes entre as raparigas do que entre os rapazes. No entanto, são estes últimos quem tem estes comportamentos de forma mais frequente.

Figura 12. Álcool. Comportamentos de risco acrescido frequentes* e consumo diário**, entre total de inquiridos, por sexo - 2024 (%)

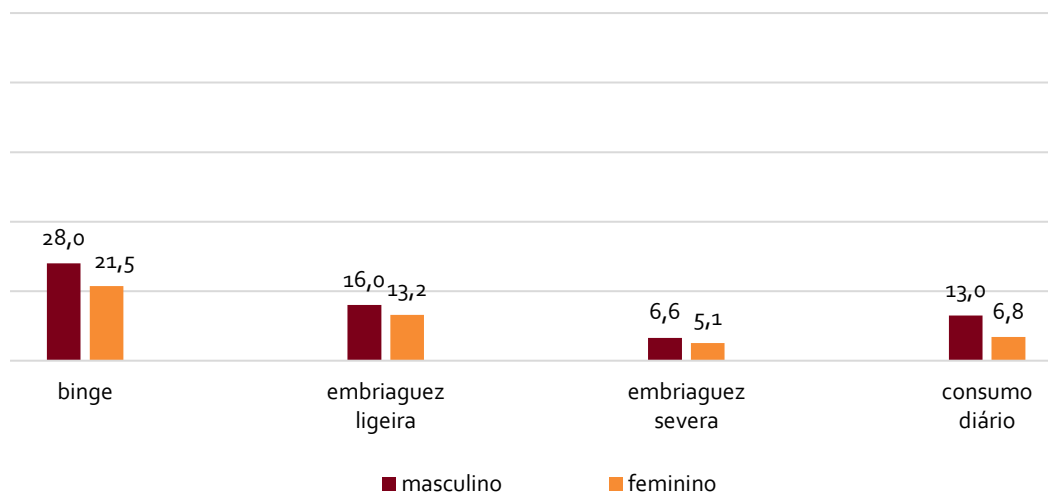


*3 ou mais ocasiões nos últimos 30 dias, no que se refere a embriaguez ligeira e severa e também ao *binge*.

**20 ou mais ocasiões de consumo nos últimos 30 dias, de qualquer bebida alcoólica.

Fonte: ICAD/DIMC/UEI

Figura 13. Álcool. Comportamentos de risco acrescido frequentes* e consumo diário**, entre consumidores atuais, por sexo - 2024 (%)



*3 ou mais ocasiões nos últimos 30 dias, no que se refere a embriaguez ligeira e severa e também ao *binge*.

**20 ou mais ocasiões de consumo nos últimos 30 dias, de qualquer bebida alcoólica.

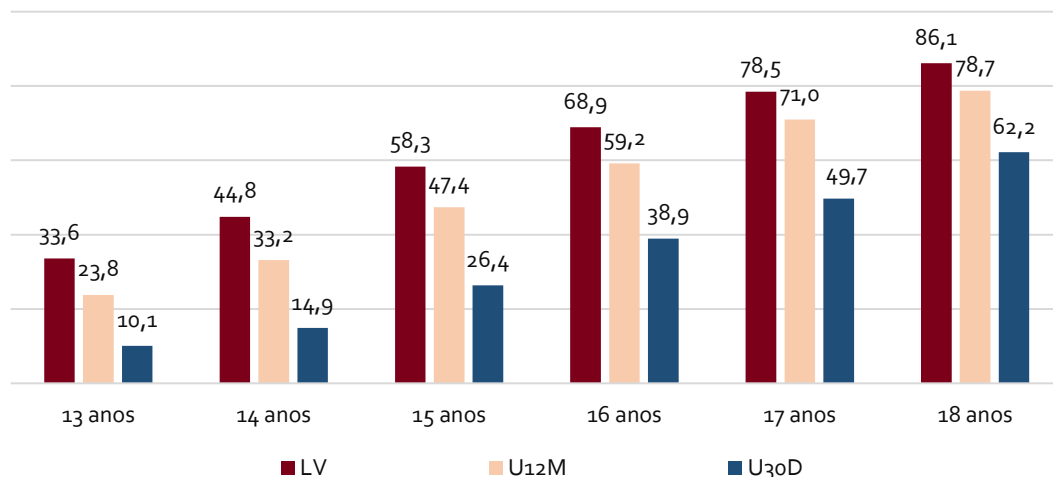
Fonte: ICAD/DIMC/UEI

Análise por grupo etário

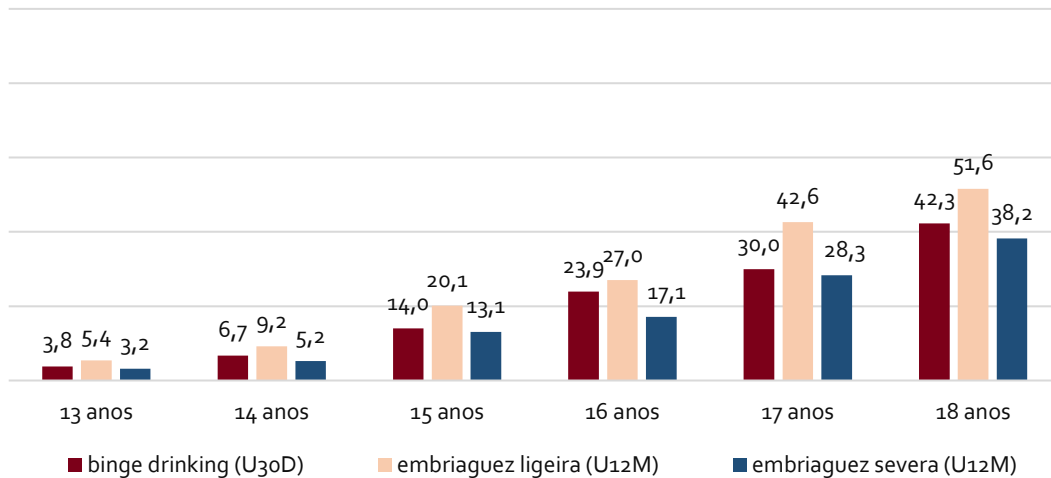
Entre os alunos, o consumo de álcool é uma prática que aumenta em função da idade, sendo que o mesmo se aplica aos comportamentos de maior risco, como a embriaguez e o consumo *binge*. Não obstante os inquiridos mais velhos registarem prevalências de consumo muito superiores aos mais novos, não pode deixar de ser destacado que quase um em cada quatro alunos de 13 anos consumiu uma bebida alcoólica nos 12 meses anteriores à inquirição, sendo que aos 14 anos é um em cada três e aos 15 anos perto de um em cada dois.

Em todas as idades a ingestão de álcool de uma forma *binge* nos últimos 30 dias é mais prevalente do que embriaguez severa nos últimos 12 meses, sendo a diferença mais acentuada aos 16 anos (7pp.) (figuras 14 e 15).

Figura 14. Álcool. Prevalências de consumo ao longo da vida, por grupo etário - 2024 (%)

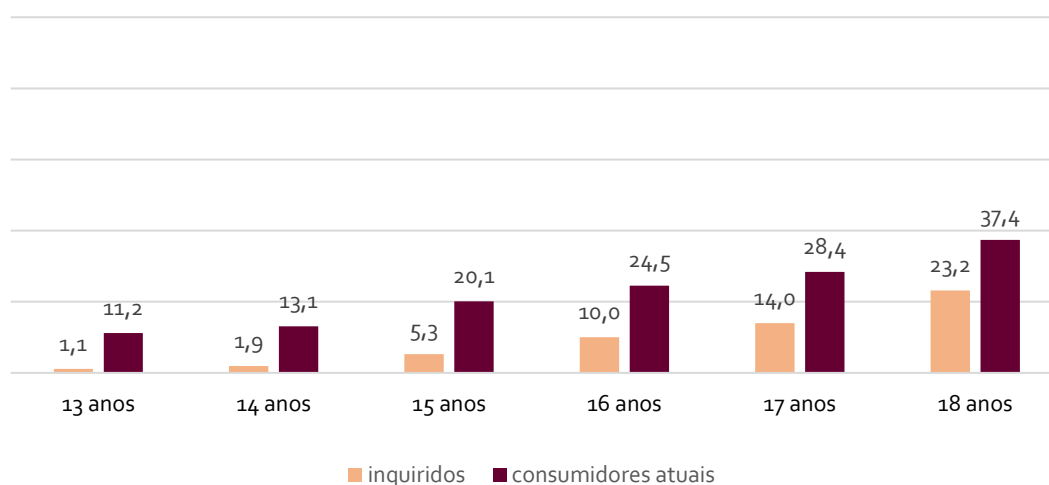


Fonte: ICAD/DIMC/UEI

Figura 15. Álcool. Comportamentos de risco acrescido, por grupo etário - 2024 (%)

Fonte: ICAD/DIMC/UEI

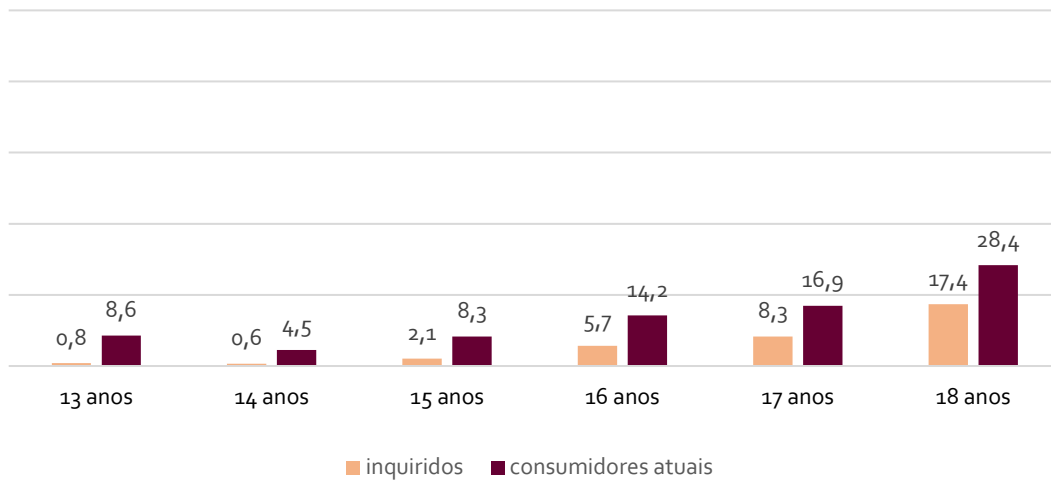
Também a frequência de consumo *binge* é um indicador cujos valores aumentam em função da idade (figura 16). O mesmo, contudo, não se pode dizer acerca da embriaguez ligeira e severa em três ou mais ocasiões no último mês, pois, tanto num indicador como noutro, não são os alunos de 13 anos quem registam os valores menos elevados, mas os de 14 anos, sendo que a prevalência registada entre os consumidores de 13 anos é semelhante à verificada entre os consumidores de 15 anos. No caso da embriaguez severa, também entre os 16 e 17 anos não se verifica uma subida dos valores (figuras 17 e 18)

Figura 16. Álcool. Prevalências de consumo *binge* frequente* nos últimos 30 dias, entre total de inquiridos e consumidores atuais, por grupo etário - 2024 (%)

*3 ou mais ocasiões nos últimos 30 dias.

Fonte: ICAD/DIMC/UEI

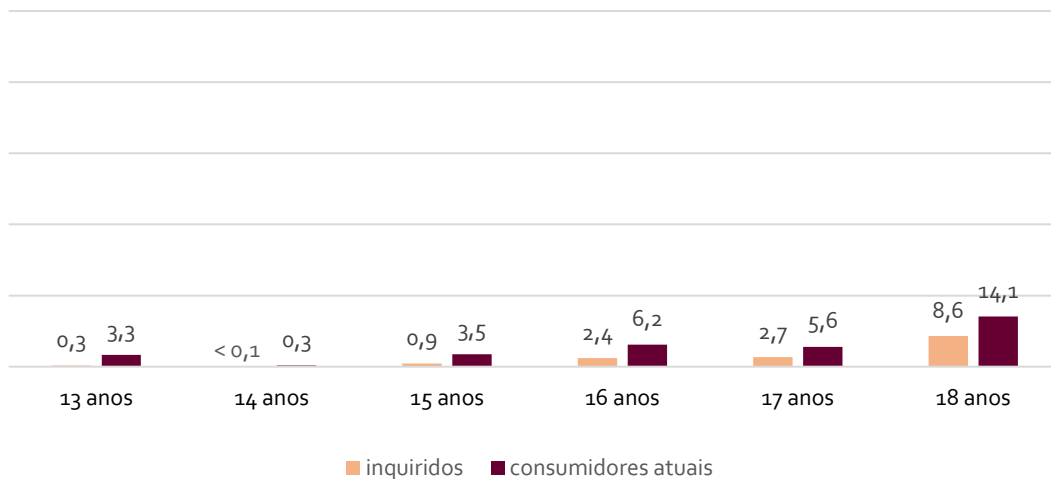
Figura 17. Álcool. Prevalências de embriaguez ligeira frequente* nos últimos 30 dias, entre total de inquiridos e consumidores atuais, por grupo etário - 2024 (%)



*3 ou mais ocasiões nos últimos 30 dias.

Fonte: ICAD/DIMC/UEI

Figura 18. Álcool. Prevalências de embriaguez severa frequente* nos últimos 30 dias, entre total de inquiridos e consumidores atuais, por grupo etário - 2024 (%)



*3 ou mais ocasiões nos últimos 30 dias.

Fonte: ICAD/DIMC/UEI

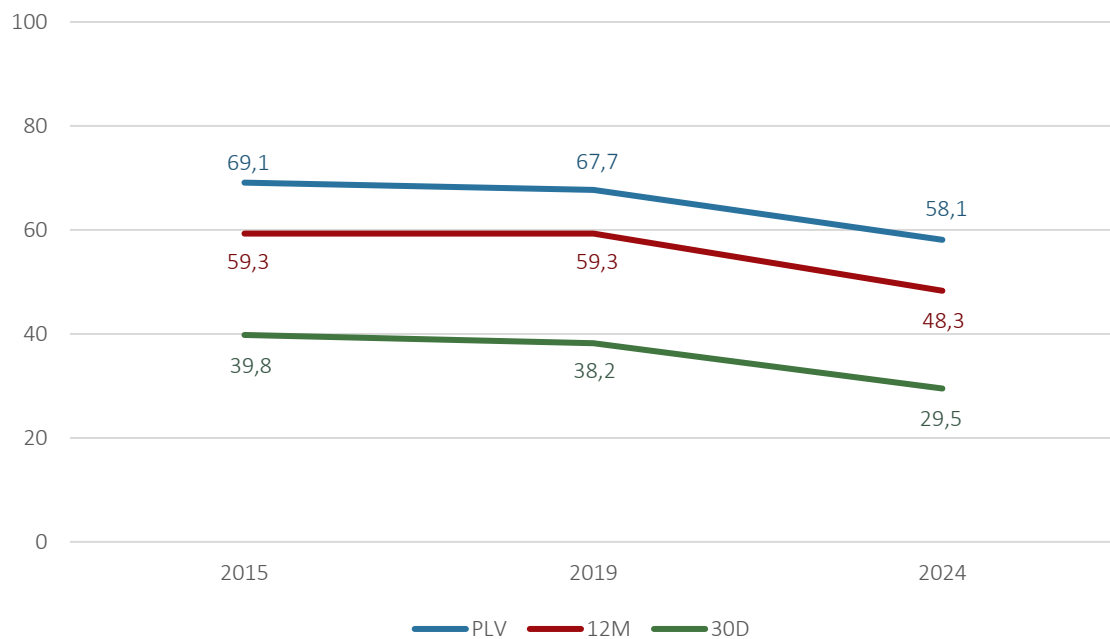
Em conclusão, o consumo de álcool aumenta em função da idade. No entanto, o mesmo não pode ser dito de uma forma taxativa acerca da frequência de consumo, uma vez que os alunos mais novos de todos (13 anos) não são quem regista os valores mais baixos relativos à embriaguez ligeira e severa em três ou mais ocasiões nos últimos 30 dias.

Evolução (2015-2024)

Os resultados obtidos em 2024 indicam uma clara descida do consumo de álcool e dos comportamentos de risco acrescido associados ao álcool, como a ingestão de bebidas alcoólicas de uma forma *binge* e a embriaguez severa. Em 2019, alguns indicadores relativos à ingestão de bebidas alcoólicas apontavam para uma estabilização, outros deixavam já antever uma tendência descida, embora pouco acentuada. Em 2024, a descida é inequívoca, uma vez que se verifica em todos os indicadores sem exceção um decréscimo, por vezes bastante acentuado, revelando que a queda do consumo de álcool é uma realidade entre os alunos do ensino público com idades entre os 13 e os 18 anos. Face a 2019, é no que concerne à ingestão recente de bebidas alcoólicas que a descida é mais expressiva (-11pp.).

Entre 2015 e 2024, a maior descida verifica-se no que respeita à prevalência de consumo de álcool (com um decréscimo de 11 e 10pp., consoante a temporalidade em causa). Quanto aos comportamentos de risco acrescido, apesar da embriaguez severa se ter tornado claramente menos prevalente (entre -4 e -8pp., consoante a temporalidade em causa) o *binge* destaca-se como o indicador cujos valores se têm mantido mais estáveis, alterando-se pouco nas últimas três edições do estudo (-2pp) (figuras 19 e 20).

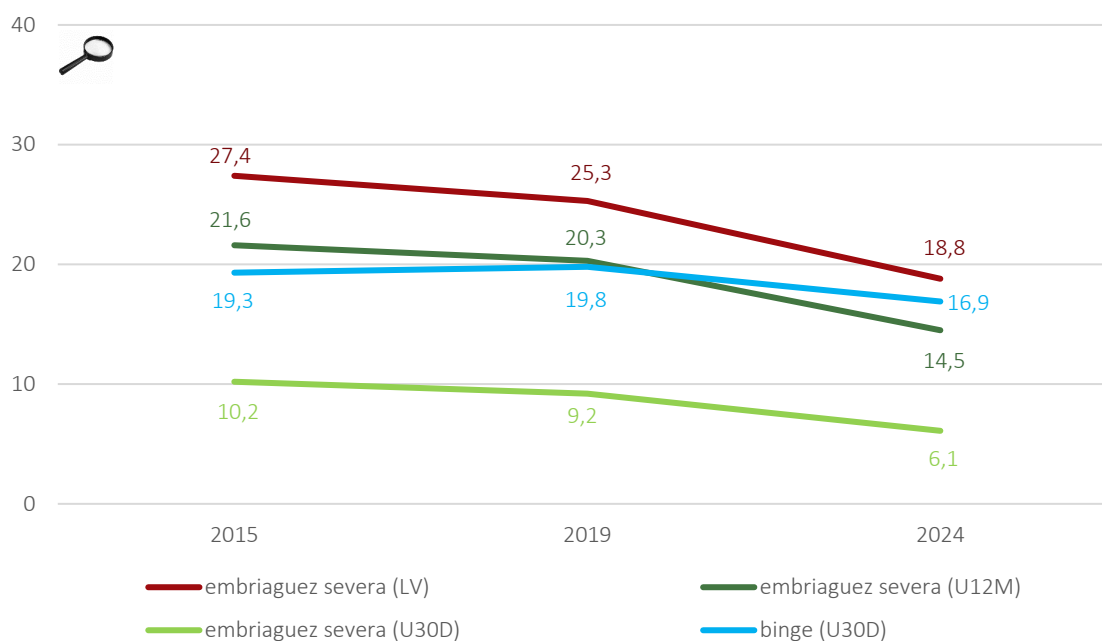
Figura 19. Álcool. Prevalências de consumo ao longo da vida, nos últimos 12 meses e nos últimos 30 dias - 2015*/2019/2024 (%)



* Em 2015, apenas Portugal Continental.

Fonte: ICAD/DIMC/UEI

Figura 20. Álcool. Prevalências de embriaguez severa ao longo da vida, nos últimos 12 meses e nos últimos 30 dias, e de consumo *binge* nos últimos 30 dias - 2015*/2019/2024 (%)

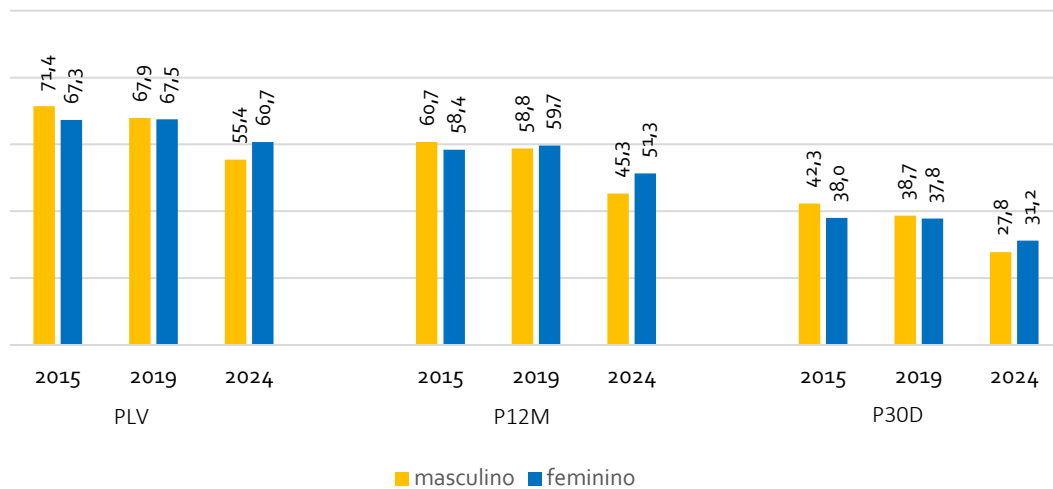


* Em 2015, apenas Portugal Continental.

Fonte: ICAD/DIMC/UEI

A magnitude da descida das prevalências de consumo de álcool não é, contudo, igual para o sexo masculino e o sexo feminino. De facto, entre 2015 e 2024, a ingestão de bebidas alcoólicas desceu duas vezes mais entre os rapazes do que entre as raparigas (16pp. vs. 7pp., no caso do longo da vida, 15pp. vs. 7pp., no caso dos últimos 12 meses, e 15pp. vs. 7pp., no caso dos últimos 30 dias). Se na edição de 2015 se constatava que a ingestão de bebidas alcoólicas era mais prevalente entre os rapazes e em 2019 se verificava uma aproximação das prevalências de consumo de álcool entre os dois sexos, em 2024 assiste-se a uma clara inversão da tendência inicial (figura 21).

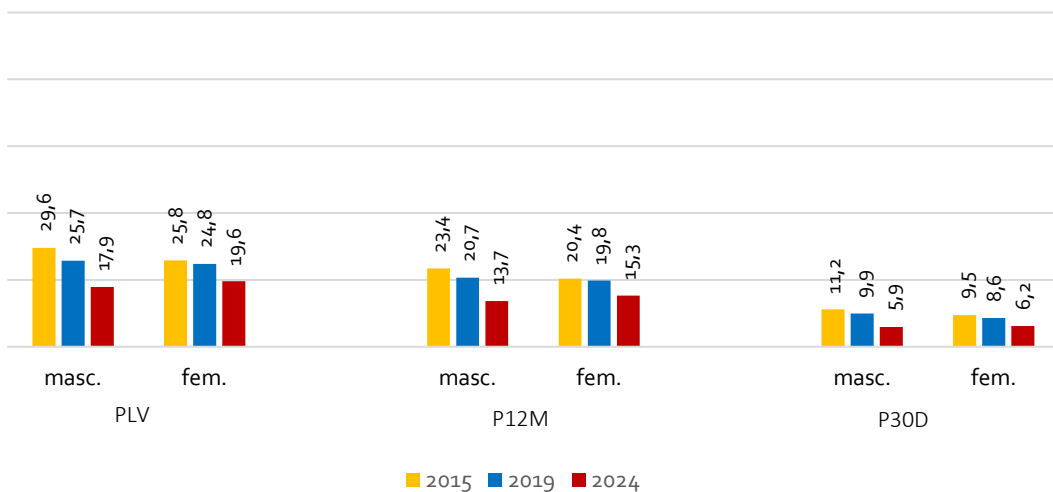
Figura 21. Álcool. Prevalências de consumo ao longo da vida, nos últimos 12 meses e nos últimos 30 dias, por sexo - 2015*/2019/2024 (%)



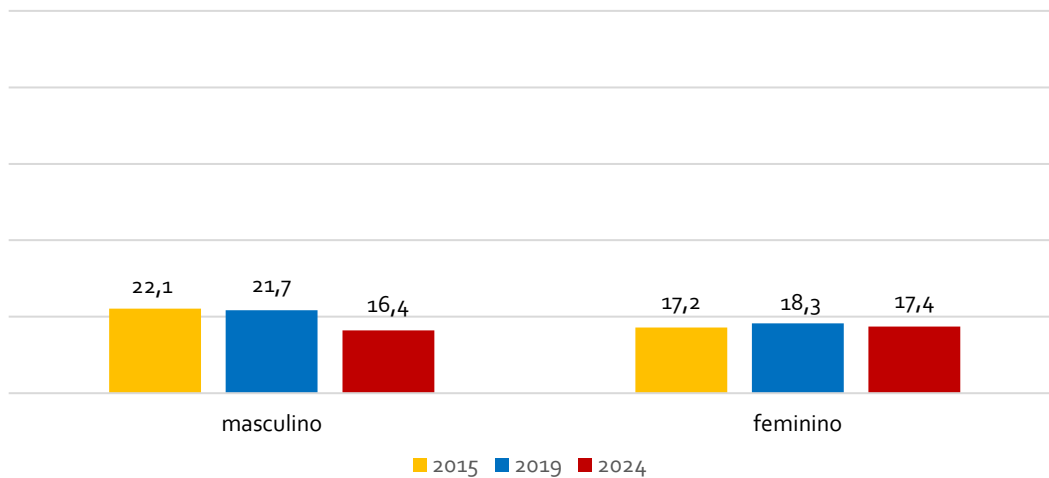
* Em 2015, apenas Portugal Continental.
 Fonte: ICAD/DIMC/UEI

O mesmo pode ser dito acerca da evolução dos comportamentos de risco acrescido associados ao álcool. No caso da embriaguez severa, assiste-se a uma tendência de descida nas prevalências em ambos os sexos, embora também aqui de uma forma mais acentuada entre os rapazes. Feitas as contas, entre 2015 e 2024, a prevalência de embriaguez severa entre os rapazes diminuiu duas vezes mais do que entre as raparigas (12p. vs. 6pp., no longo da vida, 10pp. vs. 5pp., nos últimos 12 meses, e 5pp. vs. 3pp., nos últimos 30 dias) (figura 22). No que diz respeito ao consumo *binge*, enquanto, entre 2015 e 2024, esta prática se tornou consideravelmente menos prevalente entre os rapazes (-6pp.), pelo contrário, entre as raparigas os valores pouco oscilaram (figura 23).

Figura 22. Álcool. Prevalências de embriaguez severa ao longo da vida, nos últimos 12 meses e nos últimos 30 dias, por sexo - 2015*/2019/2024 (%)



* Em 2015, apenas Portugal Continental.
 Fonte: ICAD/DIMC/UEI

Figura 23. Álcool. Prevalências de consumo *binge* nos últimos 30 dias, por sexo - 2015*/2019/2024 (%)

* Em 2015, apenas Portugal Continental.

Fonte: ICAD/DIMC/UEI

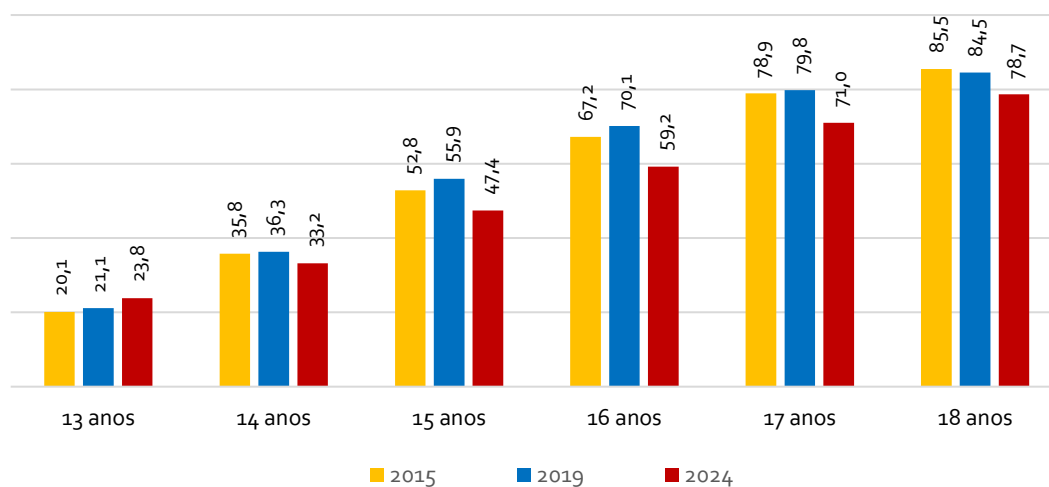
Analisando a evolução recente por grupo etário nas últimas três edições do estudo, verifica-se que a prevalência de consumo de álcool nos últimos 12 meses diminuiu em todas as idades, com exceção dos alunos mais novos (13 anos), caso em que se assiste inclusivamente a uma tendência de subida (+4pp.), em contraciclo com as restantes idades. Em valores absolutos, o maior decréscimo verifica-se nos alunos de 16 e de 17 anos (-8pp., em ambas as idades) (figura 24).

Entre 2015 e 2024, a prevalência de embriaguez ligeira recente diminuiu em todas as idades, sendo que o decréscimo entre os alunos de 13 anos foi residual, a ponto de se considerar que, na verdade, entre os alunos mais novos, a tendência deve ser considerada de estabilização, mais uma vez em contraciclo com os restantes grupos etários. O maior decréscimo regista-se entre os alunos mais velhos, nomeadamente os de 16 e 18 anos (-7 e -8pp., respetivamente) (figura 25).

Quanto à embriaguez severa recente, também aqui a maior descida se verifica nos alunos mais velhos (-5pp., aos 16, 17 e 18 anos), enquanto os valores pouco se alteraram entre os alunos de 13 e 15 anos (figura 26).

Face ao estudo anterior, o consumo *binge* nos últimos 30 dias subiu apenas entre os alunos de 18 anos (+3pp.), tendo as prevalências estabilizado ou decrescido de forma pouco acentuada nas restantes idades. Entre 2015 e 2024, verifica-se que os valores se têm mantido mais ou menos estáveis entre os alunos mais novos, enquanto se regista uma tendência de subida entre os alunos mais velhos, novamente com os alunos de 18 a destacar-se por uma subida continuada (+6pp.) (figura 27).

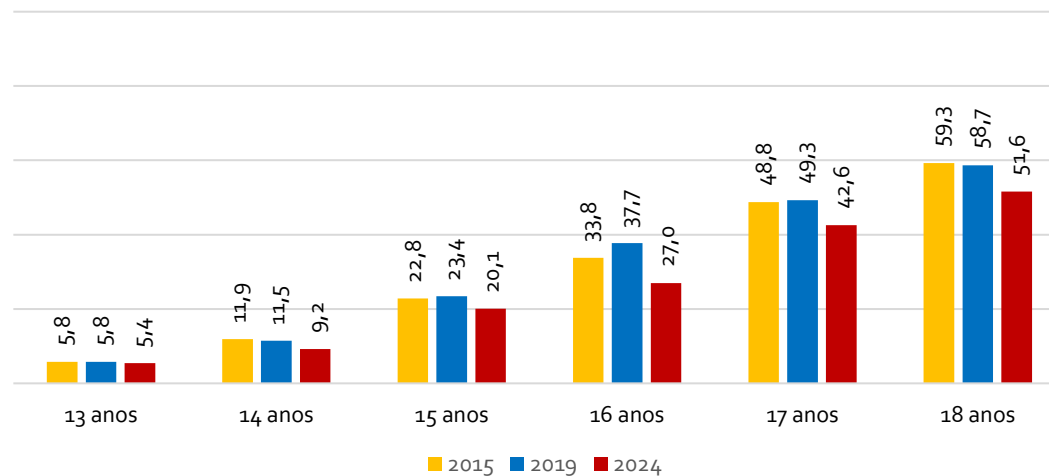
Figura 24. Álcool. Prevalências de consumo nos últimos 12 meses, por grupo etário - 2015*/2019*/2024 (%)



* Em 2015 e 2019, apenas Portugal Continental.

Fonte: ICAD/DIMC/UEI

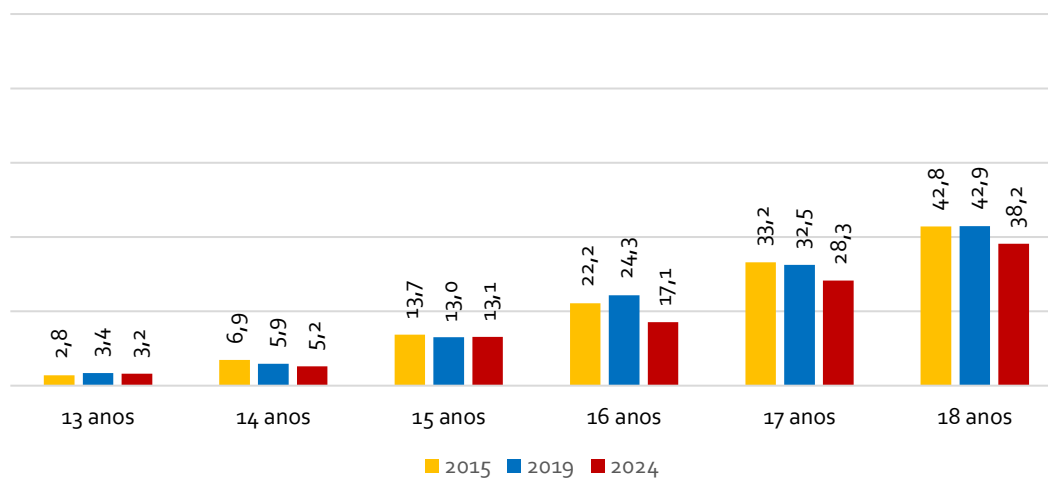
Figura 25. Álcool. Prevalências de embriaguez ligeira nos últimos 12 meses, por grupo etário - 2015*/2019*/2024 (%)



* Em 2015 e 2019, apenas Portugal Continental.

Fonte: ICAD/DIMC/UEI

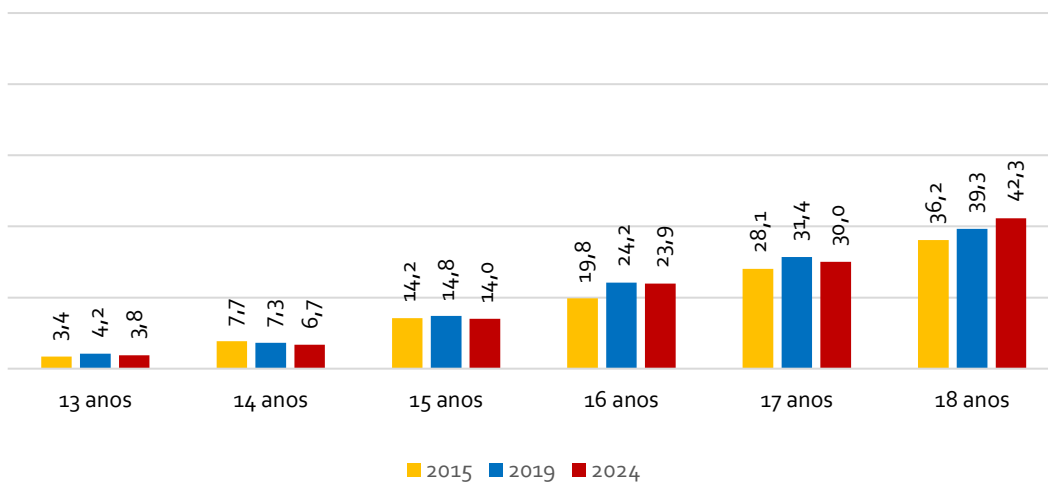
Figura 26. Álcool. Prevalências de embriaguez severa nos últimos 12 meses, por grupo etário - 2015*/2019*/2024 (%)



* Em 2015 e 2019, apenas Portugal Continental.

Fonte: ICAD/DIMC/UEI

Figura 27. Álcool. Prevalências de consumo *binge* nos últimos 30 dias, por grupo etário - 2015*/2019*/2024 (%)



* Em 2015 e 2019, apenas Portugal Continental.

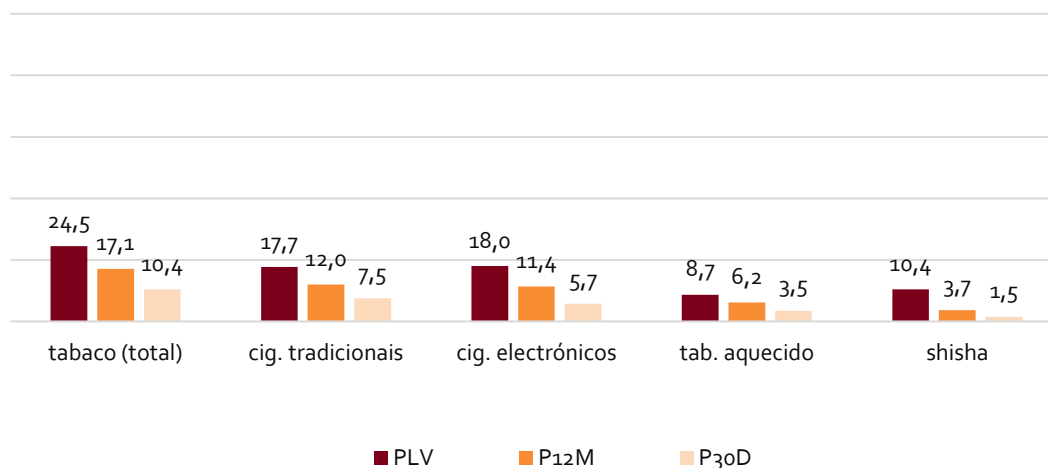
Fonte: ICAD/DIMC/UEI

Tabaco

Apesar da tendência de decréscimo verificada nos últimos anos, o tabaco permanece a segunda substância psicoativa mais consumida pelos alunos do ensino público com idades entre os 13 aos 18 anos, embora com prevalências de consumo muito inferiores à ingestão de bebidas alcoólicas.

A percentagem de alunos que fumaram uma qualquer forma de tabaco alguma vez na vida é de 25%, enquanto 12% fizeram-no no último ano e 7% no último mês. Fazendo a análise pelas diferentes formas de fumar tabaco, verifica-se que atualmente, nesta população, o consumo de cigarros eletrónicos já está ao nível do consumo de cigarros de combustão, ainda que ligeiramente abaixo no que concerne à temporalidade dos últimos 30 dias (-2pp.), enquanto tabaco aquecido e *shisha* são as formas menos comuns de consumo. Embora entre os alunos a experimentação de *shisha* seja superior à de tabaco aquecido, verifica-se o contrário no que diz respeito às temporalidades dos últimos 12 meses e dos últimos 30 dias (figura 28).

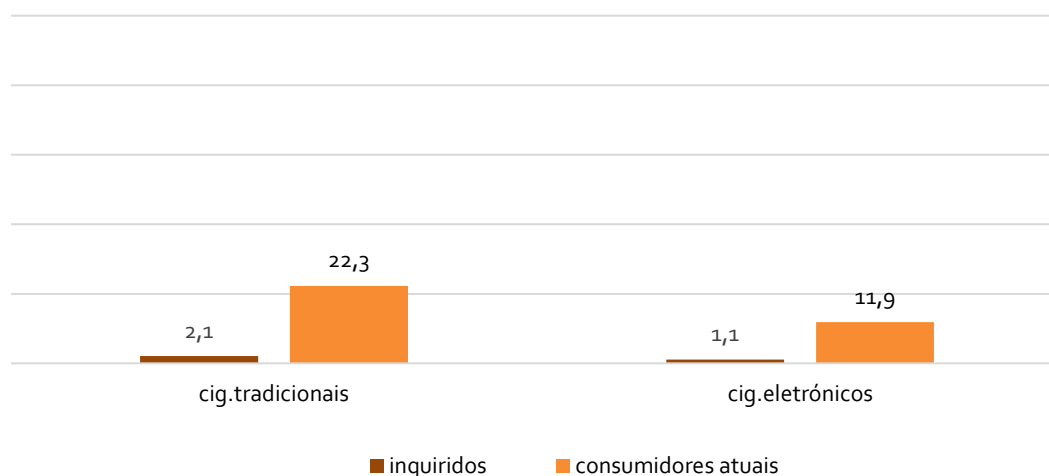
Figura 28. Tabaco. Prevalências de consumo ao longo da vida, nos últimos 12 meses e nos últimos 30 dias, por tipo de tabaco - 2024 (%)



Fonte: ICAD/DIMC/UEI

Entre a população em estudo, o tabaco é a substância psicoativa consumida com maior frequência, sobretudo o tabaco de combustão. De facto, a percentagem de consumidores atuais de cigarros ditos tradicionais que, no último mês, consumiram em vinte ou mais ocasiões (22%) não é muito distante da que fumou menos de um cigarro por semana (27%). Em relação ao tabaco dito tradicional, entre consumidores, a frequência do consumo de cigarros eletrónicos é muito inferior, seja em termos absolutos (-10pp), seja em termos relativos (um pouco menos de um rácio de 2 para 1) (figura 29).

Figura 29. Tabaco. Consumo diário ou quase diário* nos últimos 30 dias, por tipo de tabaco, entre total de inquiridos e consumidores atuais - 2024 (%)



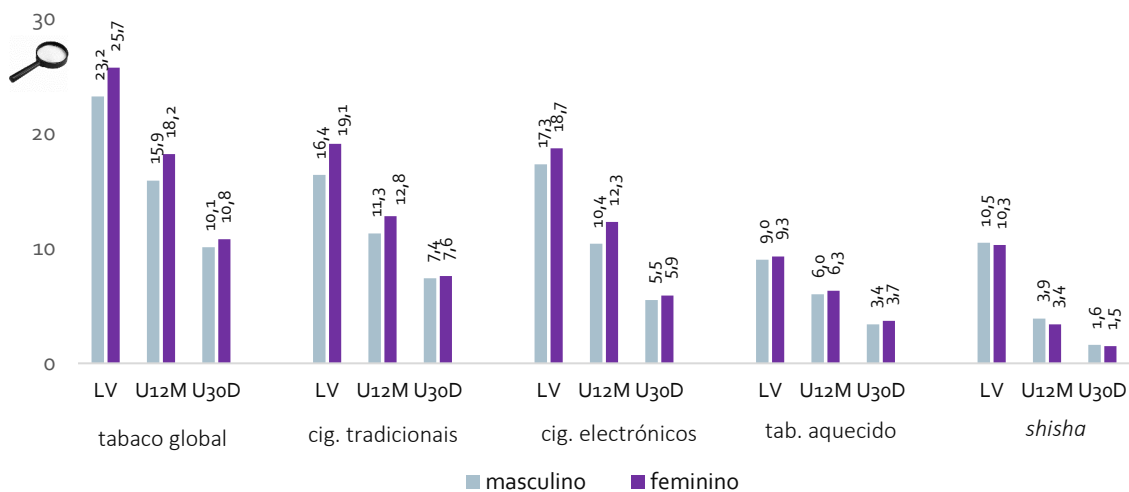
*20 ou mais ocasiões de consumo nos últimos 30 dias.

Fonte: ICAD/DIMC/UEI

Análise por sexo

Tal como acontece no caso do álcool, considerando todas as formas de tabaco, o consumo é mais prevalente entre as raparigas do que entre os rapazes, embora no que concerne ao consumo nos últimos 30 dias os valores sejam muito aproximados entre ambos os sexos. Quando a análise se faz para cada uma das formas de consumir tabaco, verifica-se que a experimentação e o consumo recente de cigarros de combustão e de cigarros eletrónicos são práticas mais femininas do que masculinas, enquanto no caso de tabaco aquecido e *shisha* os valores sejam semelhantes para ambos os sexos. Quanto à temporalidade dos últimos 30 dias, mais uma vez as prevalências de consumo das diferentes formas de tabaco pouco diferem em função do sexo (figura 30).

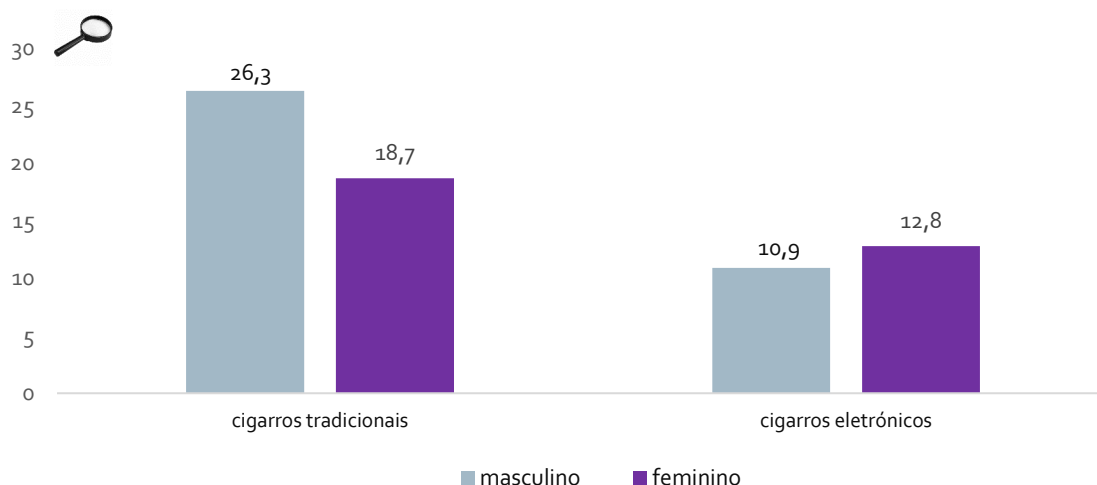
Figura 30. Tabaco. Prevalências de consumo ao longo da vida, nos últimos 12 meses e nos últimos 30 dias, por sexo - 2024 (%)



Fonte: ICAD/DIMC/UEI

Quanto à frequência do consumo de tabaco, verificam-se discrepâncias consideráveis em função do sexo. Entre os consumidores atuais de cigarros ditos tradicionais, são sobretudo os rapazes quem mais adota um padrão de consumo diário ou quase diário (26% vs. 19%), enquanto no caso dos cigarros eletrónicos se passa o contrário, embora a diferença entre sexos não seja tão acentuada (11% vs. 13%) (figura 31).

Figura 31. Tabaco. Consumo diário ou quase diário* de cigarros tradicionais e eletrónicos nos últimos 30 dias, entre os consumidores atuais, por sexo - 2024 (%)



*20 ou mais ocasiões de consumo nos últimos 30 dias.

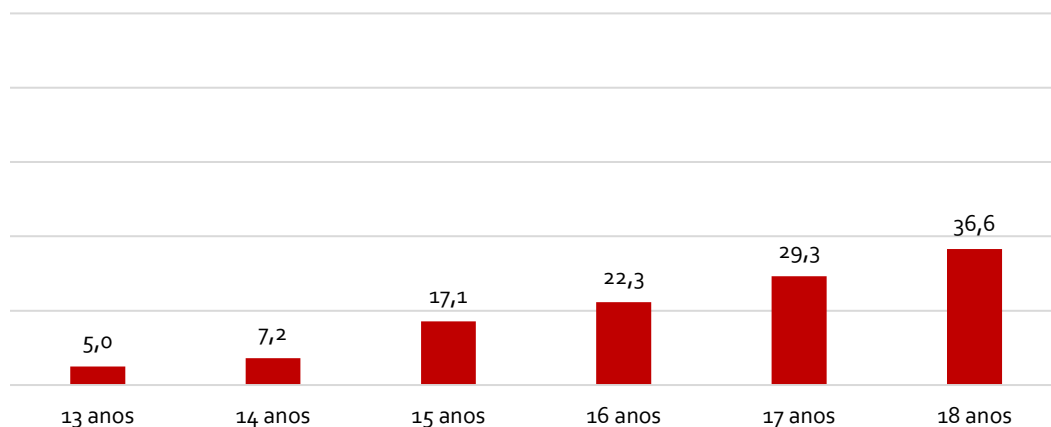
Fonte: ICAD/DIMC/UEI

Análise por grupo etário

Quando se analisa o consumo de tabaco em função da idade, verifica-se o mesmo do que no caso do álcool, isto é, que o consumo aumenta em função da idade dos alunos, sendo a subida proporcionalmente mais acentuada entre os 14 e os 15 anos, caso em que os valores mais do que duplicam (figura 32).

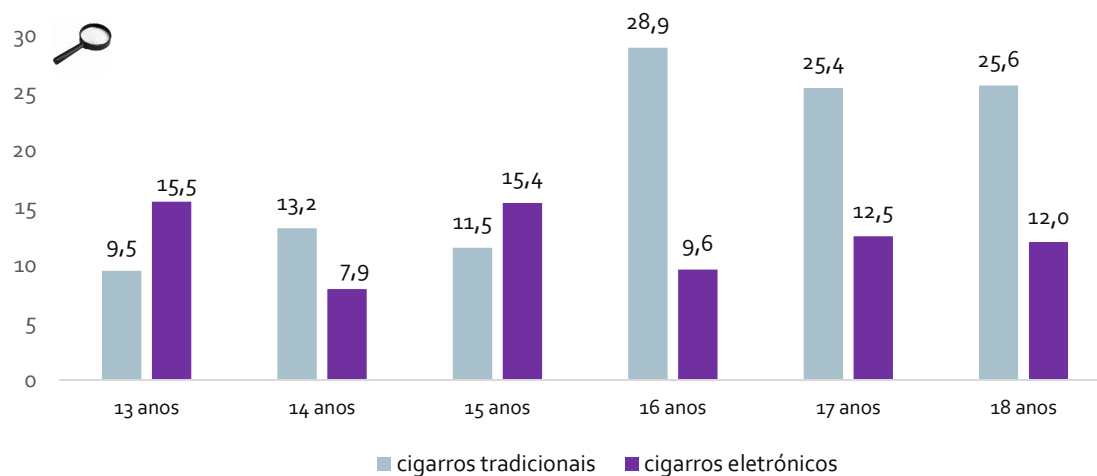
Quanto à frequência, contudo, não se pode dizer que, entre o grupo de consumidores, o consumo diário ou quase diário aumente em função da idade, sendo que o panorama é diferente quer se trate de cigarros ditos tradicionais ou de cigarros eletrónicos. No primeiro caso, são os consumidores mais velhos (com destaque para os de 16 anos) quem mais adota este padrão de consumo. No caso dos cigarros eletrónicos, embora os valores sejam mais aproximados entre as várias idades, os consumidores de 13 e 15 anos destacam-se como aqueles que mais adotam um padrão de consumo numa base diária ou quase diária (figura 33).

Figura 32. Tabaco. Prevalências de consumo, nos últimos 12 meses, por grupo etário - 2024 (%)



Fonte: ICAD/DIMC/UEI

Figura 33. Tabaco. Consumo diário ou quase diário* de cigarros tradicionais e eletrónicos nos últimos 30 dias, por grupo etário entre os consumidores atuais - 2024 (%)



*20 ou mais ocasiões de consumo nos últimos 30 dias.

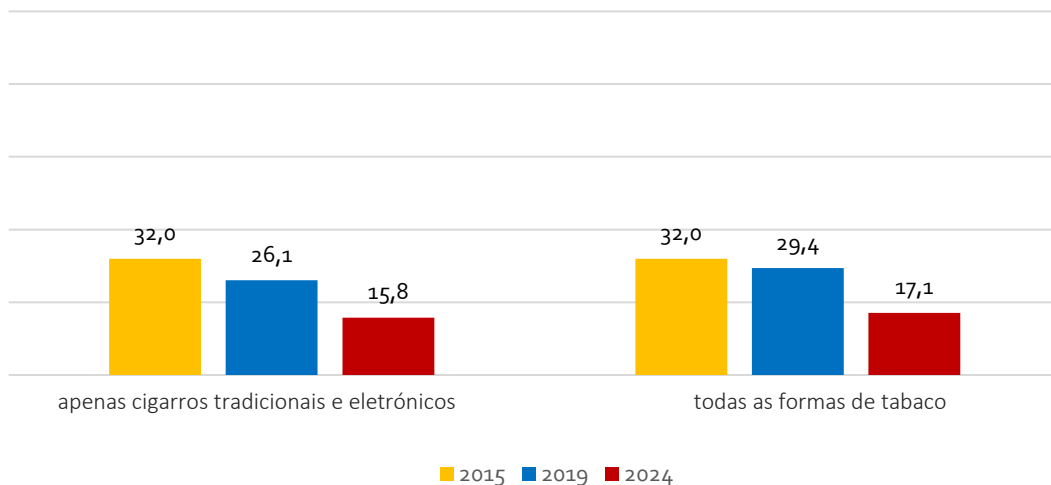
Fonte: ICAD/DIMC/UEI

Evolução (2015-2024)

Dado que o questionário em 2015 não incluía duas das quatro formas de consumir tabaco que, a partir de 2019, passaram a ser discriminadas no instrumento de recolha de dados, a comparabilidade total só é possível face à edição anterior do estudo. Há, portanto, duas maneiras possíveis de analisar a evolução do consumo de tabaco entre os alunos do ensino público com idades entre os 13 e os 18 anos: ou comparar apenas o consumo de cigarros ditos tradicionais e/ou cigarros eletrónicos (as duas formas questionadas em 2015) ou comparar o consumo total das três edições, mesmo sabendo que em 2015 o total engloba menos formas de consumir tabaco. Ambas são válidas, pois mesmo neste último caso, em que a comparação não é total, convém não esquecer que em 2015 *shisha* e, sobretudo, tabaco aquecido eram formas de tabaco pouco conhecidas e ainda à procura de maior implementação.

Seja qual for a forma de comparação, verifica-se sempre uma tendência clara de descida. Se se considerar as formas de tabaco comuns aos três questionários – cigarros tradicionais e cigarros eletrónicos –, verifica-se que o consumo recente diminuiu para cerca de metade (o que corresponde a -16pp.). Se se incluir também na comparação as outras formas de tabaco que, a partir de 2019, passaram a estar incluídas – *shisha* e tabaco aquecido –, verifica-se que o decréscimo foi menos expressivo entre 2015 e 2019, mas igualmente acentuado entre 2015 e 2024 (-15 pp.) (figura 34).

Figura 34. Tabaco. Prevalências de consumo nos últimos 12 meses, por grupo de tabaco - 2015*/2019*/2024 (%)

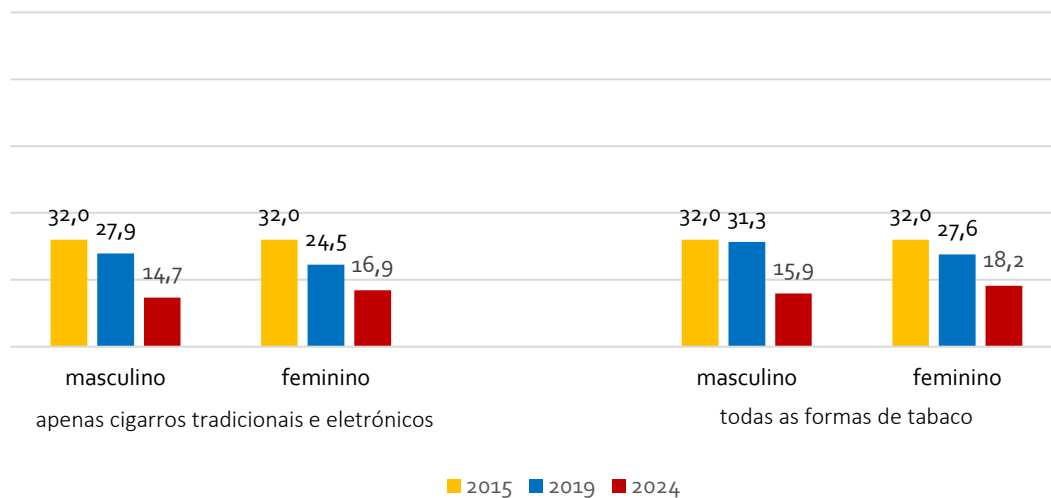


* Em 2015, apenas Portugal Continental.

Fonte: ICAD/DIMC/UEI

Analisando a evolução em função do sexo, constata-se que, enquanto em 2019, face a 2015, as prevalências de consumo recente tinham diminuído mais entre as raparigas, em 2024, face a 2019, o decréscimo mais acentuado verifica-se entre os rapazes. Entre 2015 e 2024, em ambos os sexos o consumo de tabaco decresceu de forma muito acentuada, tendo diminuído ligeiramente mais entre os elementos do sexo masculino do que do sexo feminino (2pp. de diferença), seja contabilizando as formas principais de fumar tabaco, seja considerando todas as formas de consumir tabaco (figura 35).

Figura 35. Tabaco. Prevalências de consumo nos últimos 12 meses, por grupo de tabaco e sexo - 2015*/2019*/2024 (%)

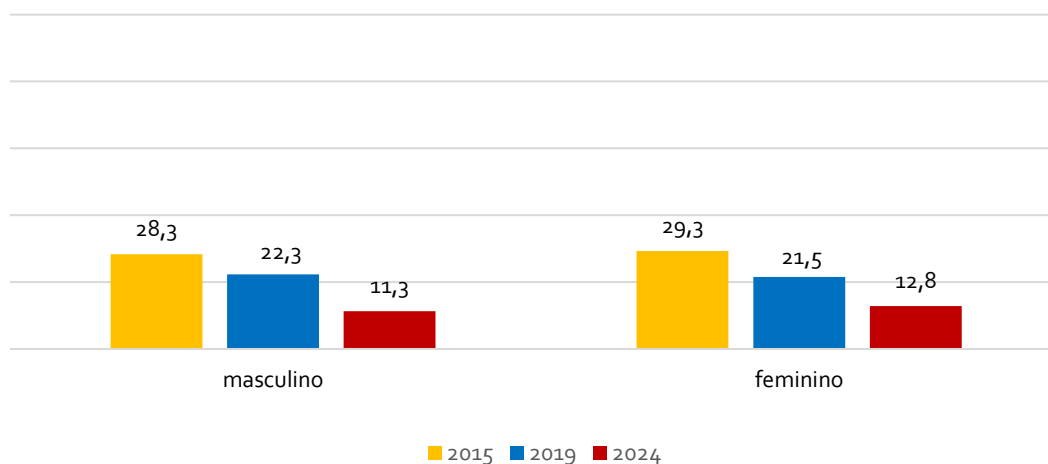


* Em 2015, apenas Portugal Continental.

Fonte: ICAD/DIMC/UEI

Analisando a evolução por tipo de tabaco, verifica-se que, entre 2015 e 2024, a prevalência do consumo recente de cigarros ditos tradicionais caiu para menos de metade em ambos os sexos, o que corresponde a um decréscimo de 17 pp. (figura 36). No caso dos cigarros eletrónicos, pelo contrário, a evolução do consumo recente varia consideravelmente em função do sexo, assistindo-se a um decréscimo de 4pp. entre os rapazes e a um aumento de 2pp entre as raparigas (figura 37).

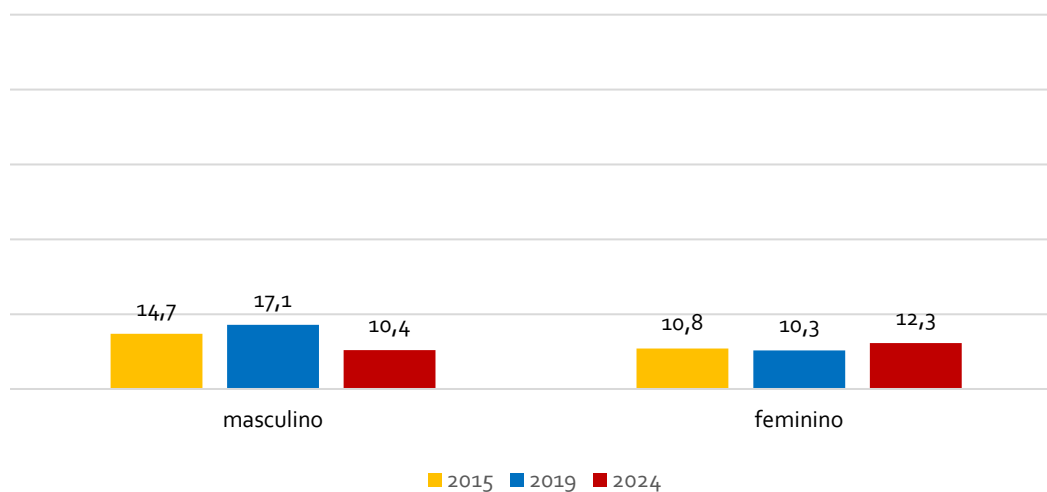
Figura 36. Tabaco. Prevalências de consumo de cigarros tradicionais nos últimos 12 meses, por sexo - 2015*/2019*/2024 (%)



* Em 2015, apenas Portugal Continental.

Fonte: ICAD/DIMC/UEI

Figura 37. Tabaco. Prevalências de consumo de cigarros eletrónicos nos últimos 12 meses, por sexo - 2015*/2019*/2024 (%)



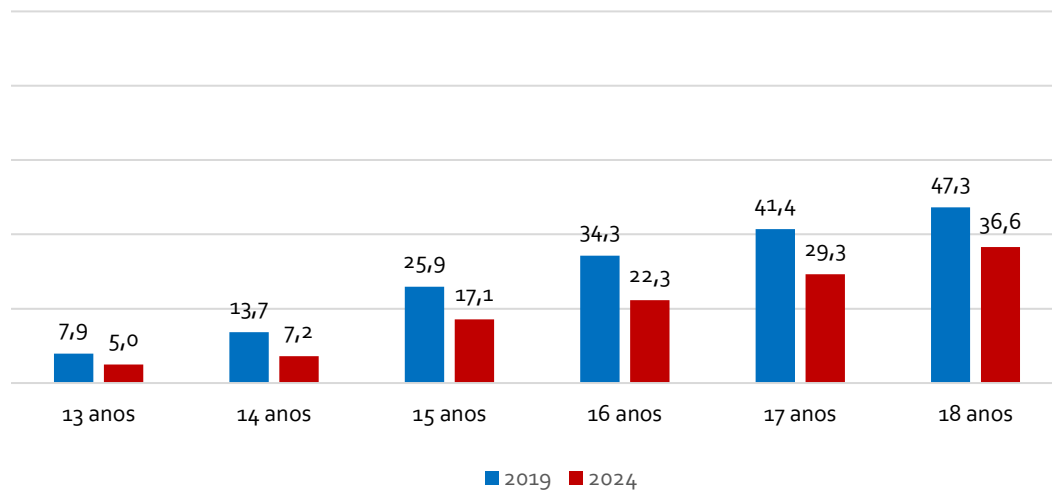
* Em 2015, apenas Portugal Continental.

Fonte: ICAD/DIMC/UEI

Entre 2019 e 2024, as prevalências de consumo de tabaco desceram em todas as idades, sendo que em termos absolutos o maior decréscimo verifica-se nos alunos de 16 e 17 anos (-12pp.). Em termos relativos, contudo, a maior descida verifica-se nos alunos de 14 anos, caso em que a prevalência desceu cerca de 50% (figura 38).

Quanto à evolução do consumo recente por tipo de tabaco, verifica-se que, entre 2015 e 2024, o consumo de cigarros de combustão diminuiu de forma muito acentuada em todas as idades. Em termos relativos, contudo, o decréscimo foi proporcionalmente mais expressivo entre os alunos mais novos, tendo os valores descido mais de 70% aos 13 e 14 anos (figura 39). Quanto ao consumo recente de cigarros eletrónicos, a evolução varia consideravelmente em função da idade, pois se, entre 2015 e 2024, as prevalências têm oscilado pouco entre os alunos de 13, 15 e 16 anos, assiste-se a uma tendência clara de descida aos 14 anos e a uma inequívoca tendência de subida aos 18 anos (figura 40).

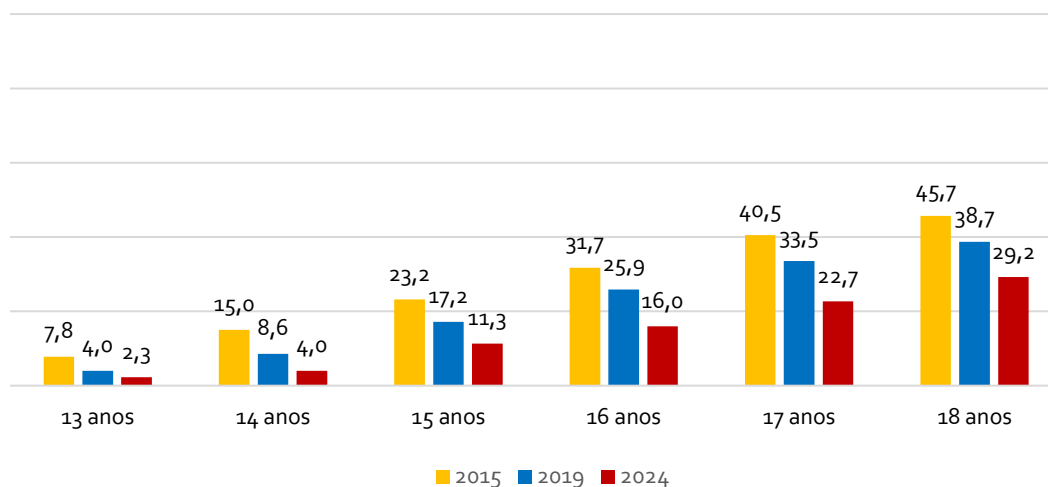
Figura 38. Tabaco. Prevalências de consumo nos últimos 12 meses, por grupo etário - 2015*/2019*/2024 (%)



* Em 2019, apenas Portugal Continental.

Fonte: ICAD/DIMC/UEI

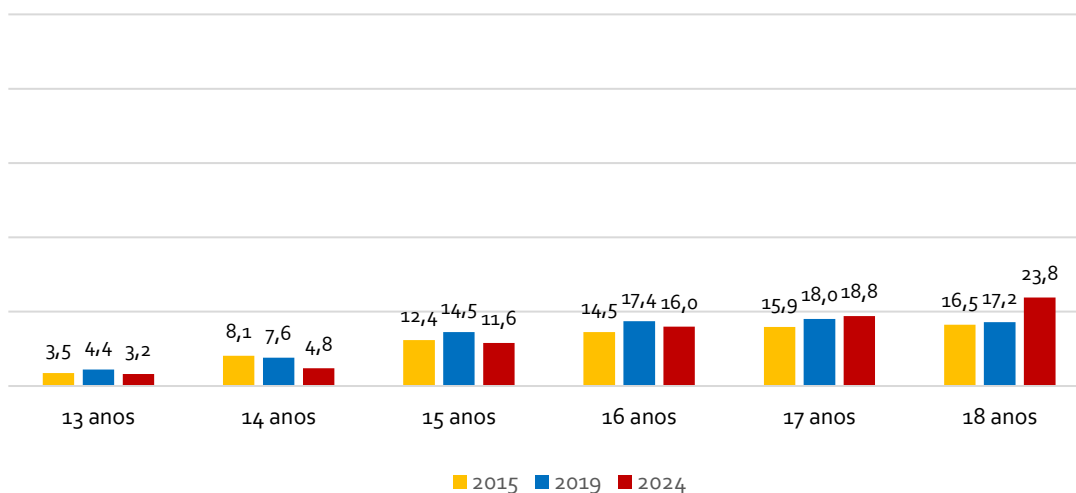
Figura 39. Tabaco. Prevalências de consumo de cigarros tradicionais nos últimos 12 meses, por grupo etário - 2015*/2019*/2024 (%)



* Em 2015 e 2019, apenas Portugal Continental.

Fonte: ICAD/DIMC/UEI

Figura 40. Tabaco. Prevalências de consumo de cigarros eletrónicos nos últimos 12 meses, por grupo etário - 2015*/2019*/2024 (%)



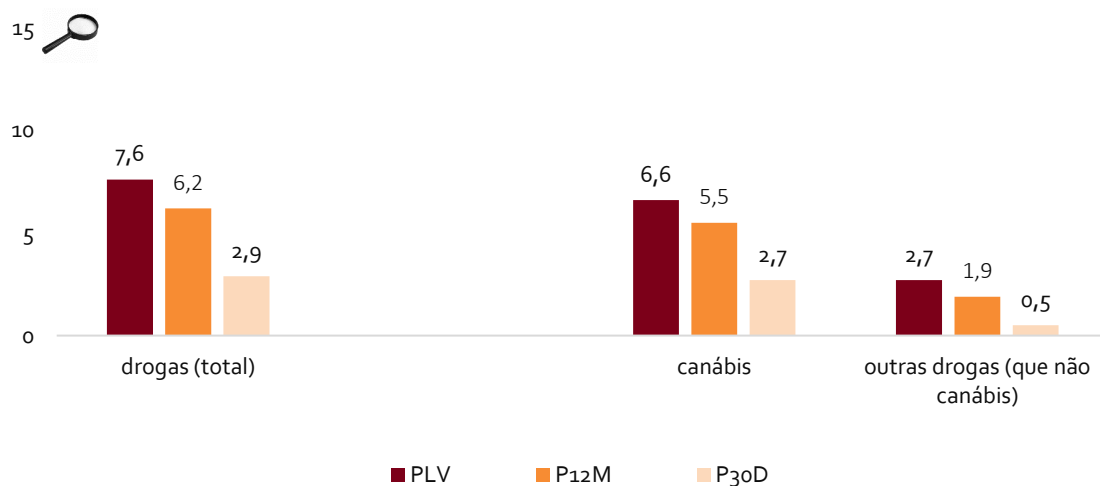
* Em 2015 e 2019, apenas Portugal Continental.

Fonte: ICAD/DIMC/UEI

Drogas Ilícitas

O consumo de drogas ilícitas por parte dos alunos do ensino público com idades entre os 13 e os 18 anos é consideravelmente menor do que consumo de tabaco e muito inferior ao consumo de bebidas alcoólicas. Ainda assim, 8% dos alunos já consumiram ao longo da vida uma qualquer droga ilícita, um pouco menos fê-lo no último ano (6%) e bastante menos no mês anterior à inquirição (3%). Nesta população, a canábis é, de longe, a substância ilícita mais consumida (7%, 6% e 3% nas temporalidades do longo da vida, últimos 12 meses e últimos 30 dias, respetivamente), sendo muito diminuta a percentagem de alunos que consumiram uma ou mais drogas ilícitas que não canábis, sobretudo na temporalidade do consumo atual, em que é residual (figura 41).

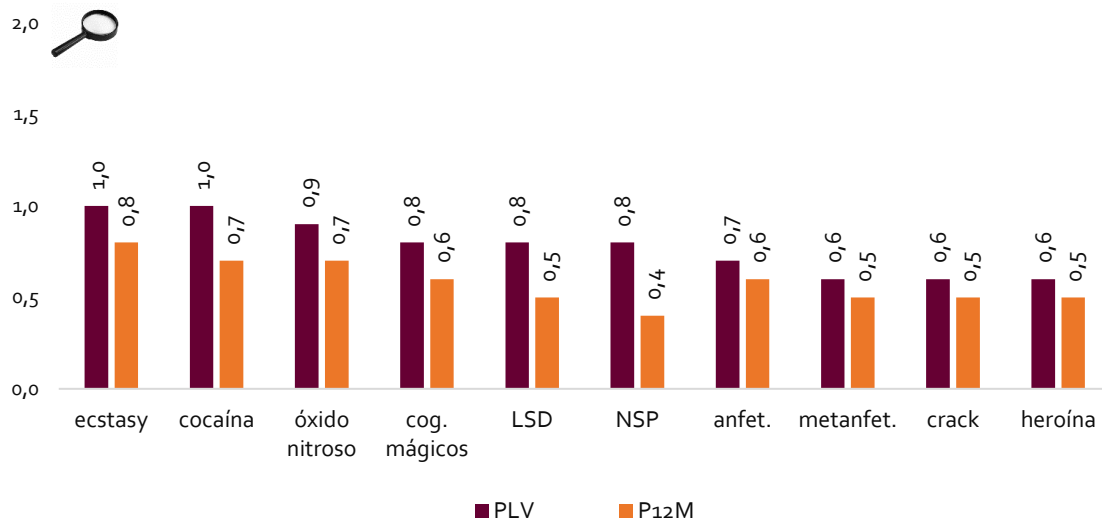
Figura 41. Drogas ilícitas. Prevalências de consumo ao longo da vida, nos últimos 12 meses e nos últimos 30 dias, no total e por tipo de droga ilícita - 2024 (%)



Fonte: ICAD/DIMC/UEI

Canábis à parte, as diferentes substâncias ilícitas registam prevalências de consumo ao longo da vida a rondar 1% e menos do que isso no que concerne ao consumo no último ano. Este foi o primeiro ano em que os alunos foram inquiridos acerca do consumo de óxido nítrico, tendo-se registado valores muito semelhantes à cocaína e aos cogumelos alucinogénicos (figura 42).

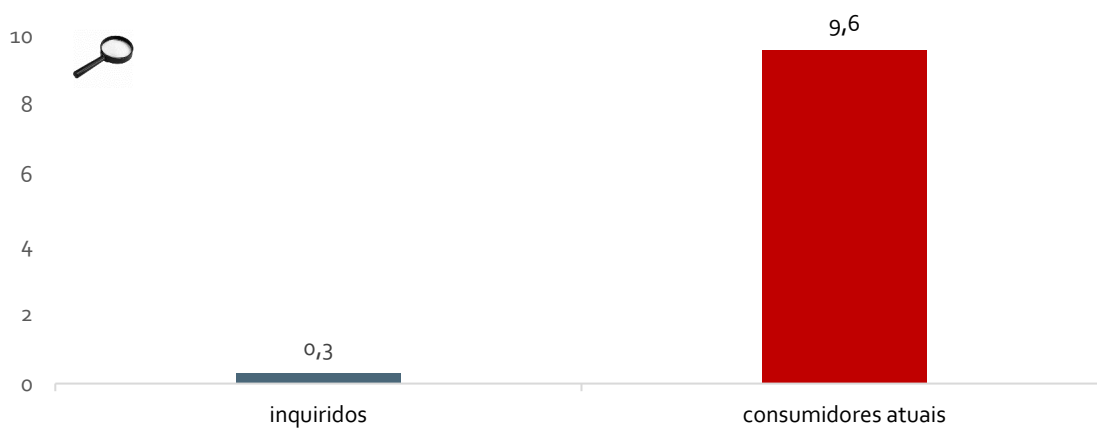
Figura 42. Drogas ilícitas. Prevalências de consumo de outras drogas ilícitas que não canábis ao longo da vida e nos últimos 12 meses - 2024 (%)



Fonte: ICAD/DIMC/UEI

Tal como no caso do álcool, o consumo de drogas ilícitas tende a ser mais esporádico do que frequente, sendo que um pouco menos de metade dos alunos que consumiram canábis no último mês fê-lo em apenas uma ou duas ocasiões (42%). Ainda assim, um em cada dez consumidores atuais de canábis adotou um padrão de consumo diário ou quase diário (figura 43).

Figura 43. Drogas ilícitas. Consumo diário ou quase diário* de canábis nos últimos 30 dias, entre total de inquiridos e consumidores atuais - 2024 (%)



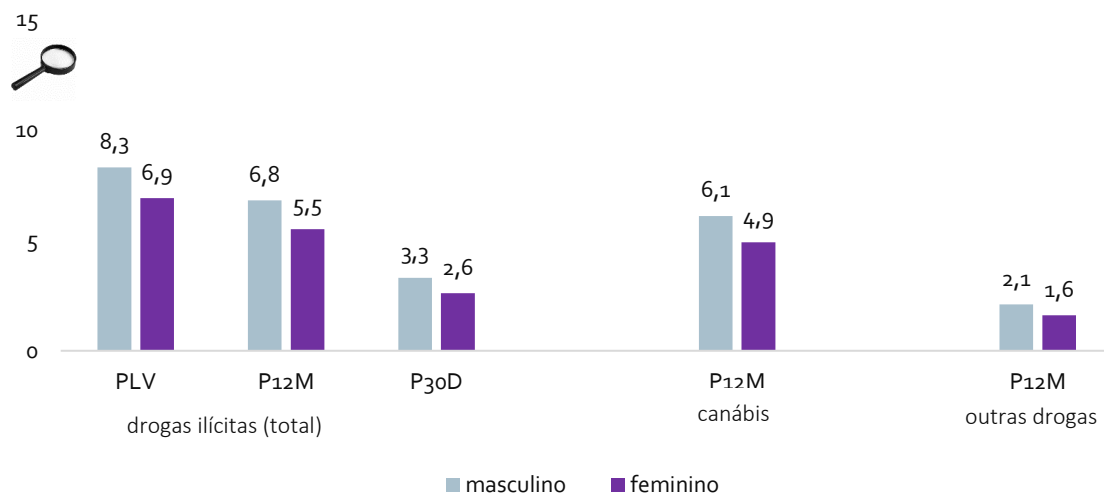
*20 ou mais ocasiões de consumo nos últimos 30 dias.

Fonte: ICAD/DIMC/UEI

Análise por sexo

Ao contrário do que se verifica para o álcool e o tabaco, o consumo de drogas ilícitas é uma prática mais masculina do que feminina, sendo a diferença em termos absolutos maior no que concerne à canábis e menor no que diz respeito ao grupo das restantes drogas ilícitas (figura 44).

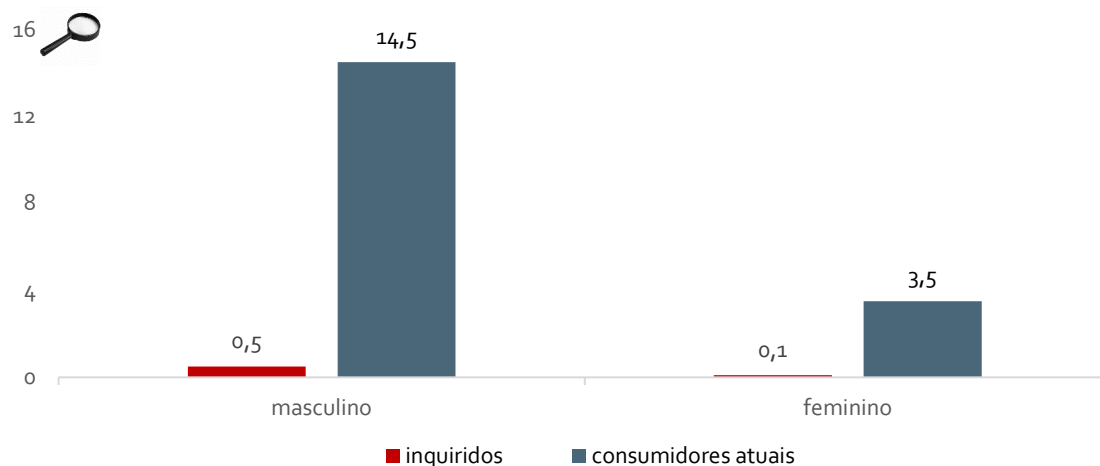
Figura 44. Drogas ilícitas. Prevalências de consumo ao longo da vida, nos últimos 12 meses e nos últimos 30 dias, por sexo - 2024 (%)



Fonte: ICAD/DIMC/UEI

Não só o consumo de drogas ilícitas é mais prevalente entre rapazes do que entre raparigas, como é muito mais frequente entre os primeiros. Entre inquiridos, ainda que em causa estejam valores residuais, verifica-se uma diferença proporcionalmente muito relevante entre os dois sexos, sendo que entre consumidores a discrepância é acentuada não só em termos relativos (na medida em que a percentagem de rapazes que adota um padrão de consumo diário ou quase diário é quatro vezes maior do que o verificado entre as raparigas), mas também em termos absolutos (11p.) (figura 45).

Figura 45. Drogas ilícitas. Consumo diário ou quase diário* de **canábis** nos últimos 30 dias, entre total de inquiridos e consumidores atuais, por sexo - 2024 (%)



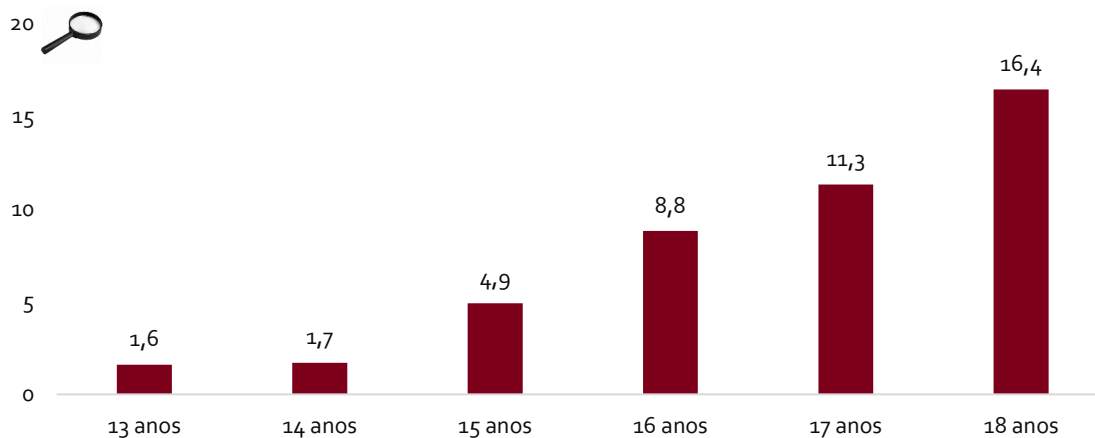
*20 ou mais ocasiões de consumo nos últimos 30 dias.

Fonte: ICAD/DIMC/UEI

Análise por grupo etário

Quando se analisa o consumo de drogas ilícitas em função da idade, verifica-se o mesmo do que no caso de álcool e tabaco, isto é, que o consumo aumenta em função da idade dos alunos. No entanto, mais uma vez, os alunos de 13 anos registam valores muito próximos dos de 14 anos e é entre os 14 e os 15 anos que a subida é mais acentuada, caso em que os valores quase triplicam (figura 46).

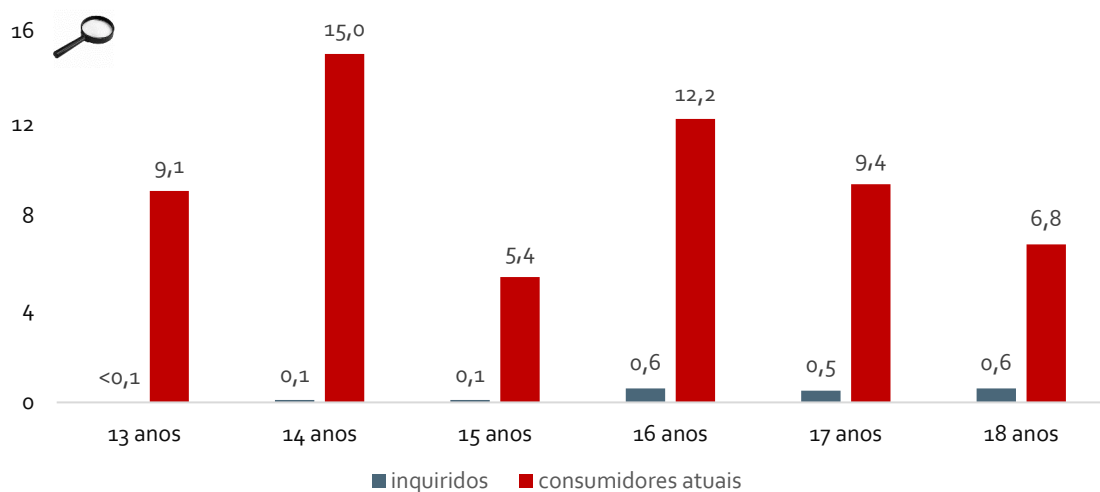
Figura 46. Drogas ilícitas. Prevalências de consumo nos últimos 12 meses, por grupo etário - 2024 (%)



Fonte: ICAD/DIMC/UEI

No entanto, quando se analisa a frequência do consumo de canábis em função do grupo etário, não se pode dizer o mesmo, nomeadamente quando a análise se restringe ao grupo dos consumidores atuais de canábis. Se entre inquiridos, se verifica uma clivagem entre os alunos mais novos (13-15 anos) e os mais velhos (16-18 anos), mas não propriamente um aumento em função da idade, entre consumidores são os de 14 anos quem se destaca pelo maior consumo diário e os de 15 anos quem se destaca em sentido contrário (figura 47).

Figura 47. Drogas ilícitas. Consumo diário ou quase diário* de canábis nos últimos 30 dias, entre total de inquiridos e consumidores atuais, por grupo etário - 2024 (%)



*20 ou mais ocasiões de consumo nos últimos 30 dias.

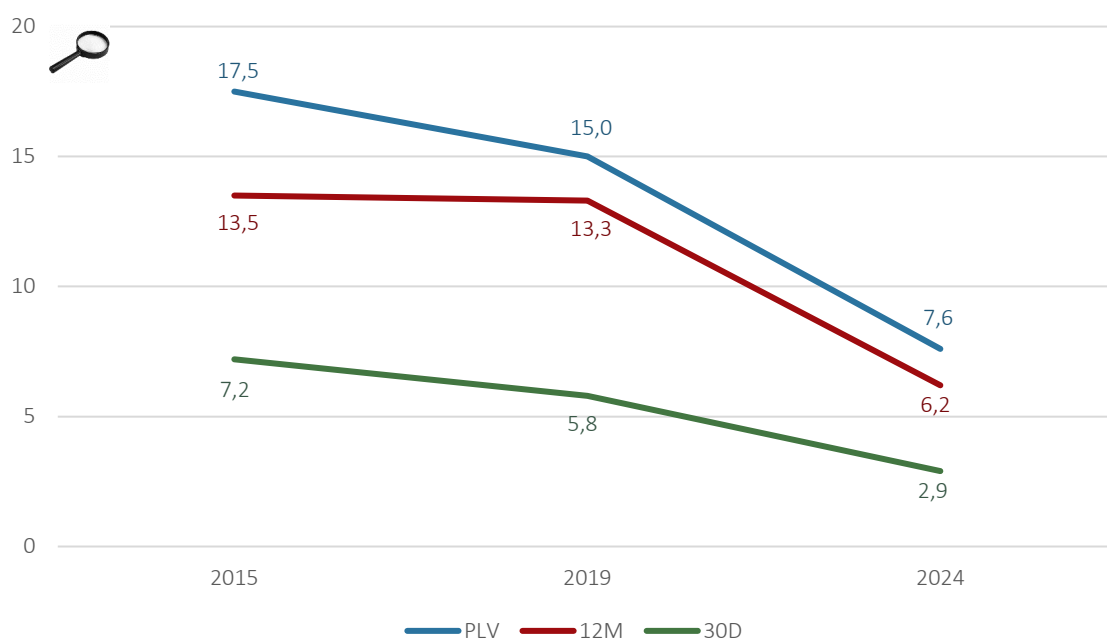
Fonte: ICAD/DIMC/UEI

Evolução (2015-2024)

No estudo anterior, constatava-se uma ligeira tendência de diminuição do consumo de drogas ilícitas entre os alunos do ensino público com idades entre os 13 e os 18 anos, nomeadamente ao nível da experimentação e do consumo atual, pois o consumo recente praticamente não se alterou entre 2015 e 2019. Em 2024, a tendência de descida não só se confirma, como se acentua. Para se ter uma ideia do decréscimo verificado nos últimos anos, diga-se que, entre 2019 e 2024, os valores relativos ao consumo nos últimos 12 meses e nos últimos 30 dias caíram para metade ou que a percentagem de alunos que em 2024 declararam já ter consumido uma droga ilícita ao longo da vida é muito semelhante à que em 2019 declarou ter consumido no último mês (figura 48). O mesmo pode ser dito acerca da canábis, a droga ilícita mais consumida por esta população (figura 49). Quanto às outras drogas ilícitas que não canábis,

entre 2015 e 2019 registou-se uma ligeira subida da experimentação e do consumo recente, mantendo-se as prevalências relativas ao consumo nos últimos 30 dias. Em 2024, contudo, essa tendência inverte-se, verificando-se, face ao estudo anterior, um decréscimo relevante, sobretudo no que concerne as temporalidades do longo da vida e dos últimos 12 meses. Entre 2015 e 2024, o consumo de drogas ilícitas que não canábis é hoje inferior (figura 50).

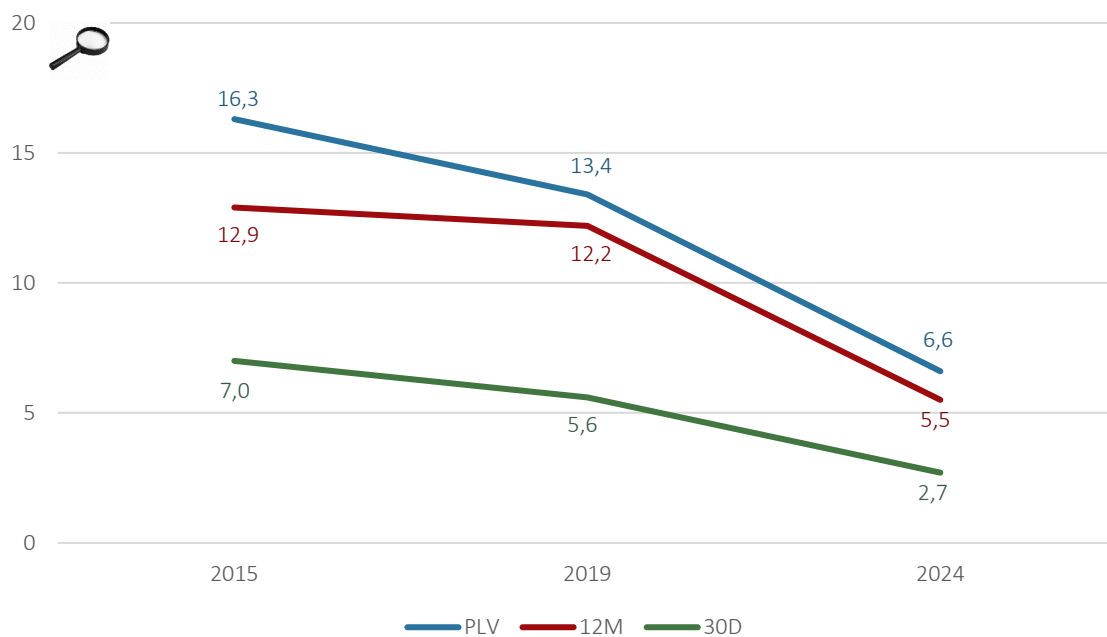
Figura 48. Drogas ilícitas. Prevalências de consumo ao longo da vida, nos últimos 12 meses e nos últimos 30 dias - 2015*/2019/2024 (%)



* Em 2015, apenas Portugal Continental.

Fonte: ICAD/DIMC/UEI

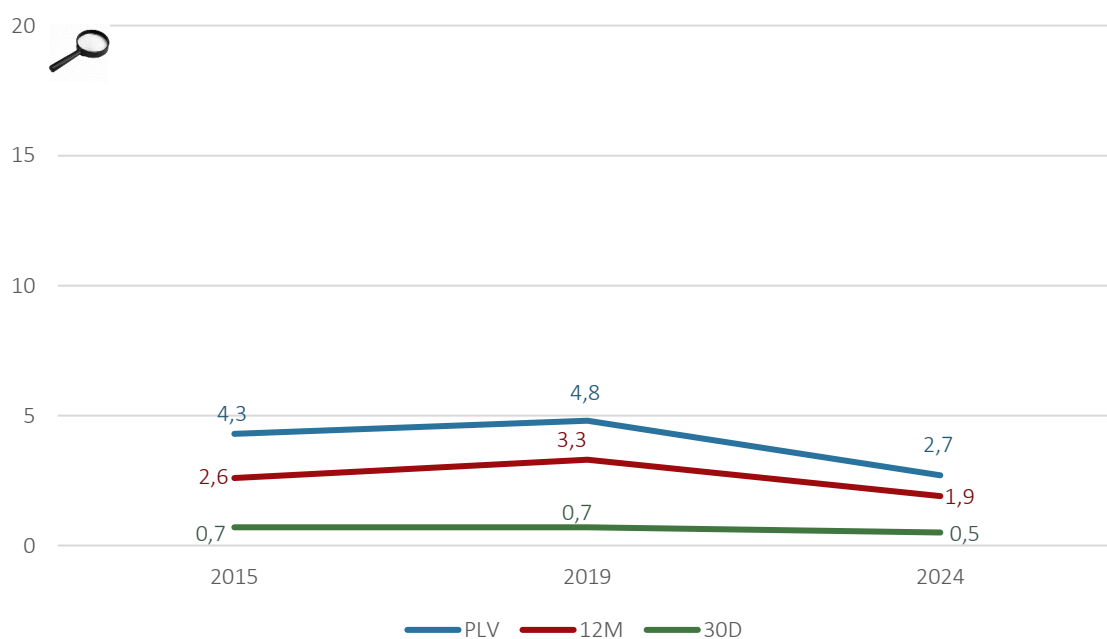
Figura 49. Drogas ilícitas. Prevalências de consumo de canábis ao longo da vida nos últimos 12 meses e nos últimos 30 dias - 2015*/2019/2024 (%)



* Em 2015, apenas Portugal Continental.

Fonte: ICAD/DIMC/UEI

Figura 50. Drogas ilícitas. Prevalências de consumo de outras drogas que não canábis ao longo da vida, nos últimos 12 meses e nos últimos 30 dias - 2015*/2019/2024 (%)

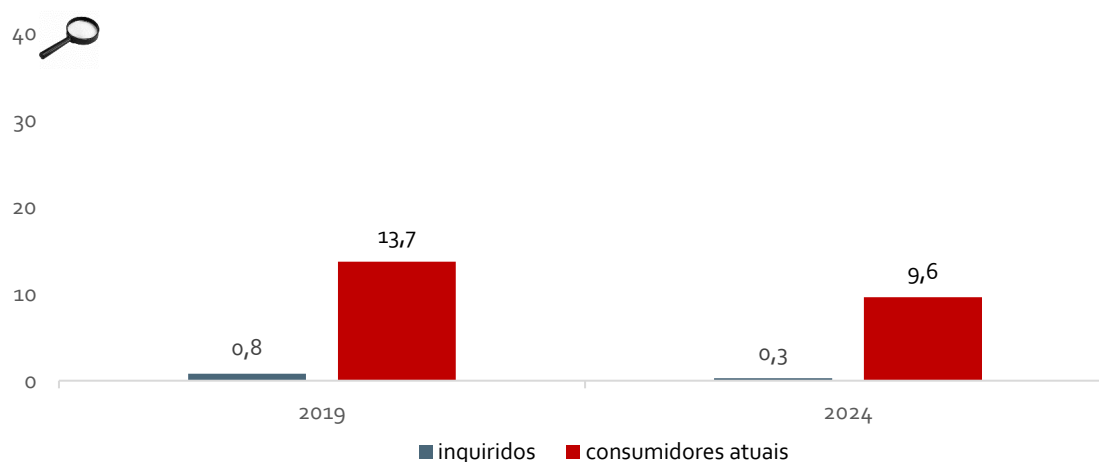


* Em 2015, apenas Portugal Continental.

Fonte: ICAD/DIMC/UEI

Face ao estudo anterior, verifica-se também um decréscimo no consumo diário de canábis. Embora em causa estejam valores residuais, a percentagem de inquiridos que declaram ter consumido canábis numa base diária ou quase diária no último mês caiu para menos de metade. Quando a análise se restringe aos consumidores atuais, verifica-se que não só há menos alunos a consumir canábis, como aqueles que o fazem tendem cada vez menos a adotar um padrão de consumo diário ou quase diário (-4pp.) (figura 51).

Figura 51. Drogas ilícitas. Consumo diário ou quase diário* de canábis nos últimos 30 dias, entre total de inquiridos e consumidores atuais - 2015/2019/2024 (%)

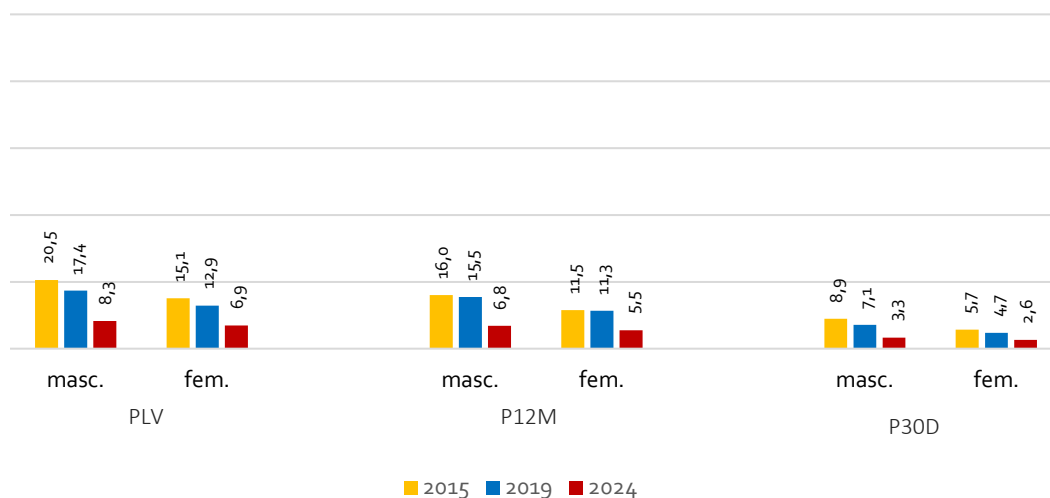


*20 ou mais ocasiões de consumo nos últimos 30 dias.

Fonte: ICAD/DIMC/UEI

Entre 2015 e 2024, a prevalência de consumo de drogas ilícitas diminuiu mais entre os rapazes do que entre as raparigas, levando a que se assista hoje a uma tendência de aproximação entre os dois sexos no que respeita ao consumo deste tipo de substâncias psicoativas. Assim, por exemplo, enquanto a prevalência de consumo recente decresceu 9pp. entre os rapazes, no mesmo período temporal caiu 6pp. entre as raparigas. Tal é válido para o conjunto de todas as drogas ilícitas e também isoladamente para o caso da canábis e das outras que não canábis (figuras 52, 53 e 54).

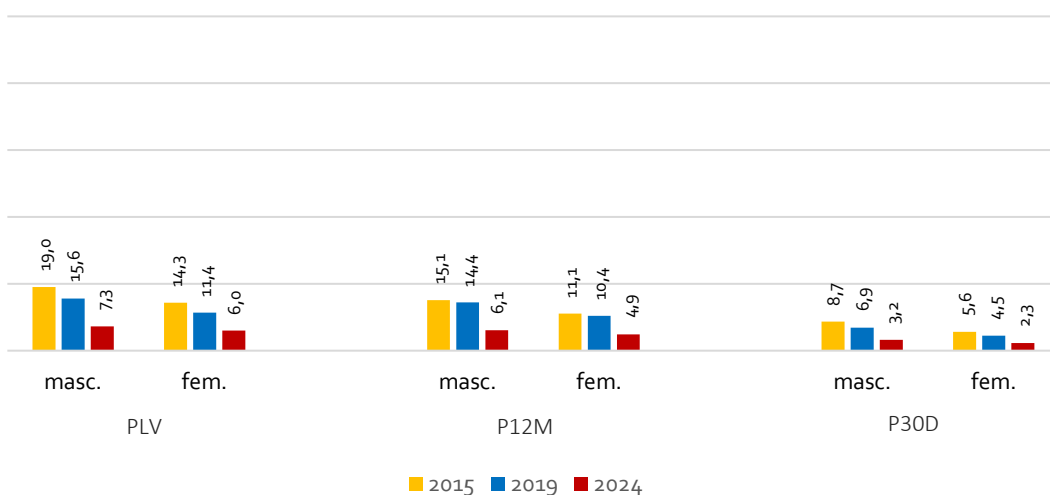
Figura 52. Drogas ilícitas. Prevalências de consumo ao longo da vida nos últimos 12 meses e nos últimos 30 dias, por sexo - 2015*/2019/2024 (%)



* Em 2015, apenas Portugal Continental.

Fonte: ICAD/DIMC/UIE

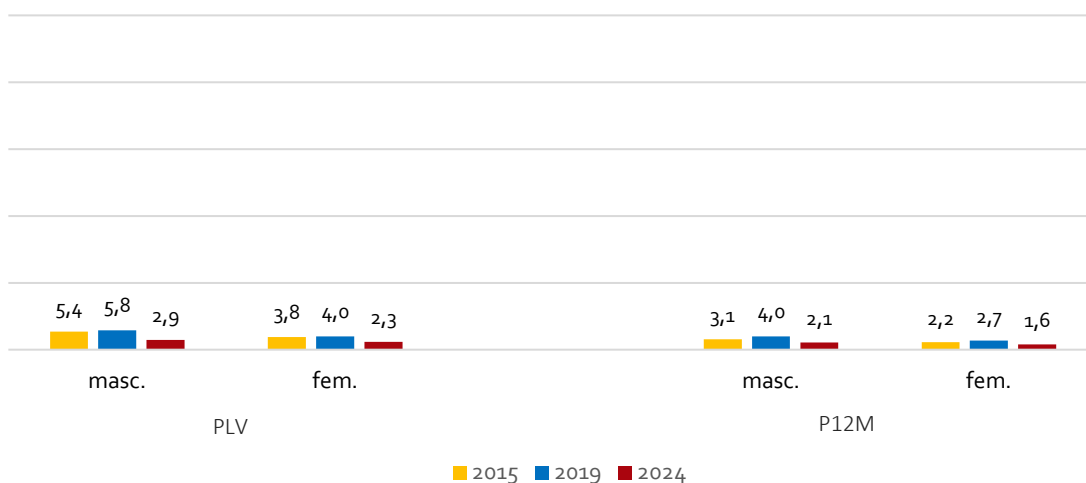
Figura 53. Drogas ilícitas. Prevalências de consumo de canábis ao longo da vida, nos últimos 12 meses e nos últimos 30 dias, por sexo - 2015*/2019/2024 (%)



* Em 2015, apenas Portugal Continental.

Fonte: ICAD/DIMC/UIE

Figura 54. Drogas ilícitas. Prevalências de consumo de outras drogas ilícitas que não canábis ao longo da vida e nos últimos 12 meses, por sexo - 2015*/2019/2024 (%)

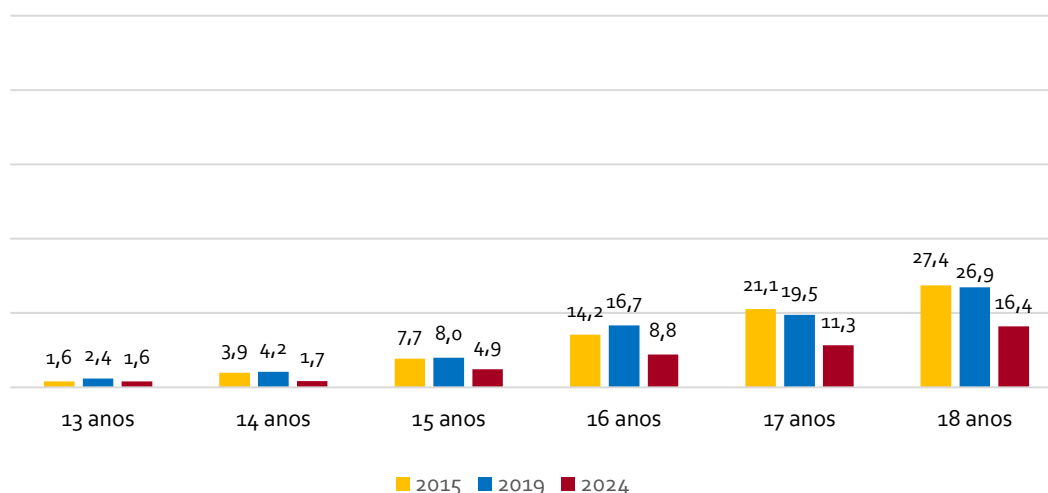


* Em 2015, apenas Portugal Continental.

Fonte: ICAD/DIMC/UEI

Analisando a evolução do consumo de drogas ilícitas em função da idade, verifica-se que, face ao estudo anterior, se assiste a uma descida do consumo recente em todos os grupos etários, sendo mais expressivo em termos absolutos entre os alunos de 18 anos (-11p) e em termos relativos entre os de 14 anos (uma descida para menos de metade). Entre 2015 e 2024, apenas entre os alunos de 17 e 18 anos se verifica um decréscimo continuado, enquanto os de 13 anos se destacam como os únicos que em 2024 registam valores semelhantes a 2015 (figura 55).

Figura 55. Drogas ilícitas. Prevalências de consumo nos últimos 12 meses, por grupo etário - 2015*/2019*/2024 (%)

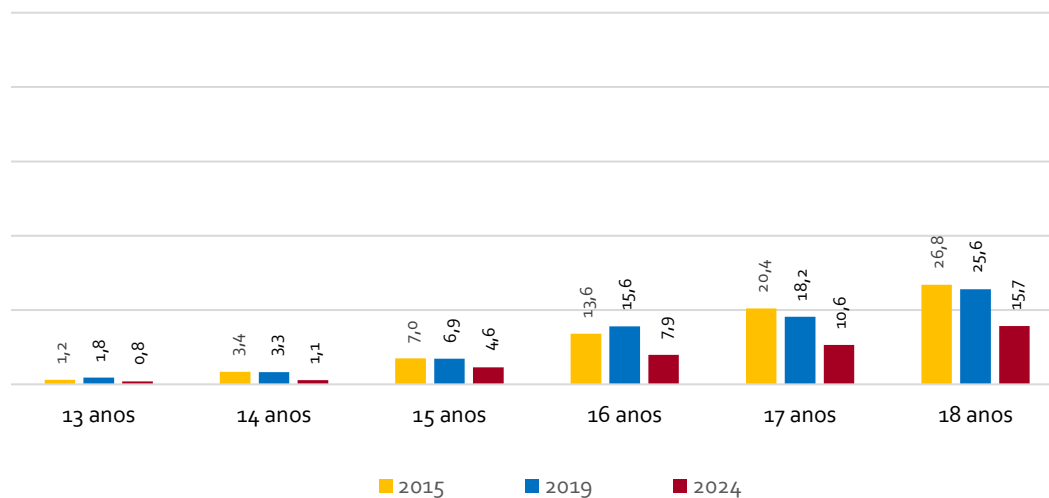


* Em 2015 e 2019, apenas Portugal Continental.

Fonte: ICAD/DIMC/UEI

No que respeita à canábis, face ao estudo anterior, mais uma vez os alunos de 18 anos destacam-se pelo maior decréscimo em termos absolutos (-10pp.) e os de 14 anos pelo maior decréscimo em termos relativos (com uma descida de cerca de 2/3). Entre 2015 e 2024, apesar de se assistir a uma descida no consumo recente de canábis em todas as idades, apenas entre os alunos de 15, 17 e 18 anos se verifica um decréscimo continuado (figura 56).

Figura 56. Drogas ilícitas. Prevalências de consumo de canábis nos últimos 12 meses, por grupo etário - 2015*/2019*/2024 (%)

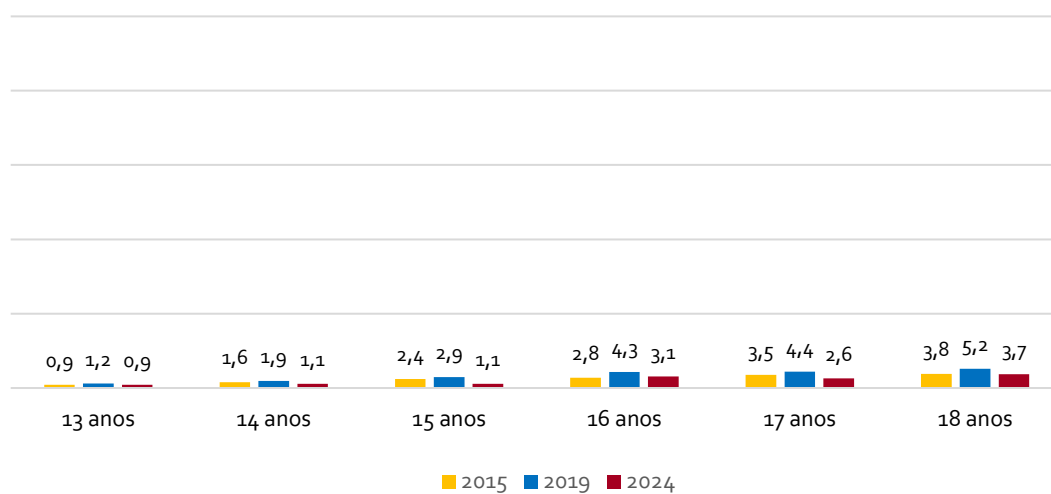


* Em 2015, e 2019, apenas Portugal Continental.

Fonte: ICAD/DIMC/UEI

Entre 2015 e 2024, em contraciclo com as restantes idades, as prevalências de consumo recente de outras drogas que não canábis mantiveram-se inalteradas entre os alunos de 13 anos e subiram marginalmente entre os alunos de 16 anos. Face a 2019, contudo, a percentagem de alunos que nos últimos 12 meses consumiram este tipo de drogas desceu em todas as idades, embora de forma mais acentuada em termos absolutos entre os alunos mais velhos e de forma relativa entre os de 15 anos (figura 57).

Figura 57. Drogas ilícitas. Prevalências de consumo de outras drogas ilícitas que não canábis nos últimos 12 meses, por grupo etário - 2015*/2019*/2024 (%)



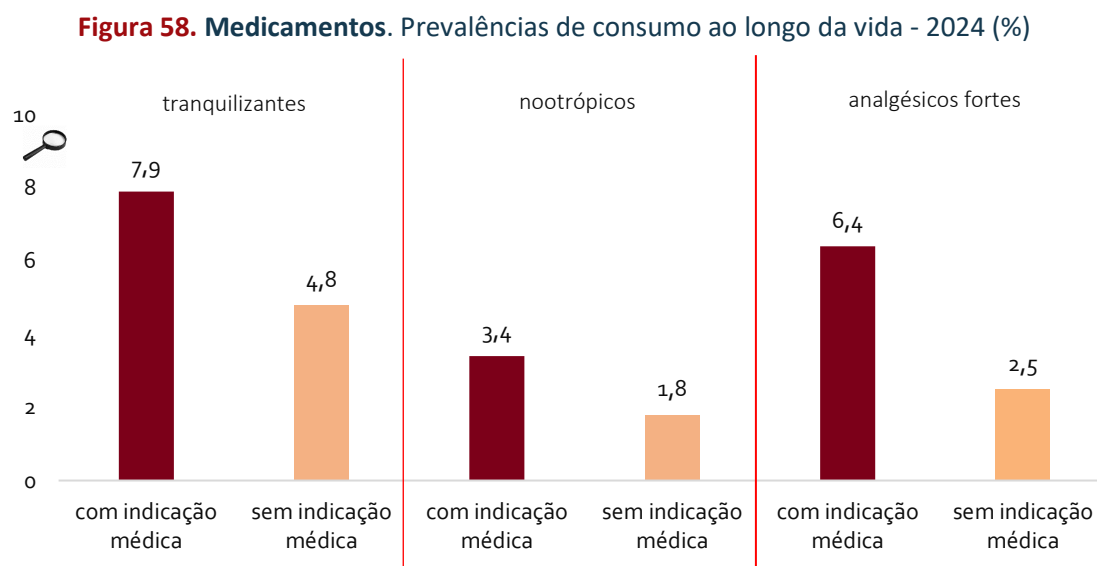
* Em 2015 e 2019, apenas Portugal Continental.

Fonte: ICAD/DIMC/UEI

Medicamentos

A finalizar o bloco de questões sobre substâncias psicoativas, o questionário incluía questões sobre o consumo ao longo da vida de determinados medicamentos com efeitos psicoativos – tranquilizantes/sedativos⁹, estimulantes cognitivos¹⁰ (*nootrópicos*) e analgésicos fortes¹¹ –, fazendo a distinção entre aquele que é feito por indicação médica e o que não o é.

A percentagem de alunos que já consumiu qualquer um destes tipos de medicamentos não tem muita expressão, sobretudo quando em causa está o consumo não-prescrito por um médico. Dos medicamentos com efeitos psicoativos considerados, os tranquilizantes/sedativos são os mais consumidos pelos alunos, com uma prevalência de experimentação de 8% e de 5% (com e sem indicação médica, respetivamente). O consumo ao longo da vida de analgésicos fortes regista prevalências um pouco inferiores (6% e 3%), enquanto os *nootrópicos* destacam-se como o tipo de medicamentos psicoativos menos consumido pelos alunos (3% e 2%) (figura 58).



Fonte: ICAD/DIMC/UEI

Quando a análise se faz em função do sexo, verifica-se que o consumo de tranquilizantes/sedativos, tanto prescrito como não-prescrito, tende a ser uma prática muito mais feminina do que masculina, estando

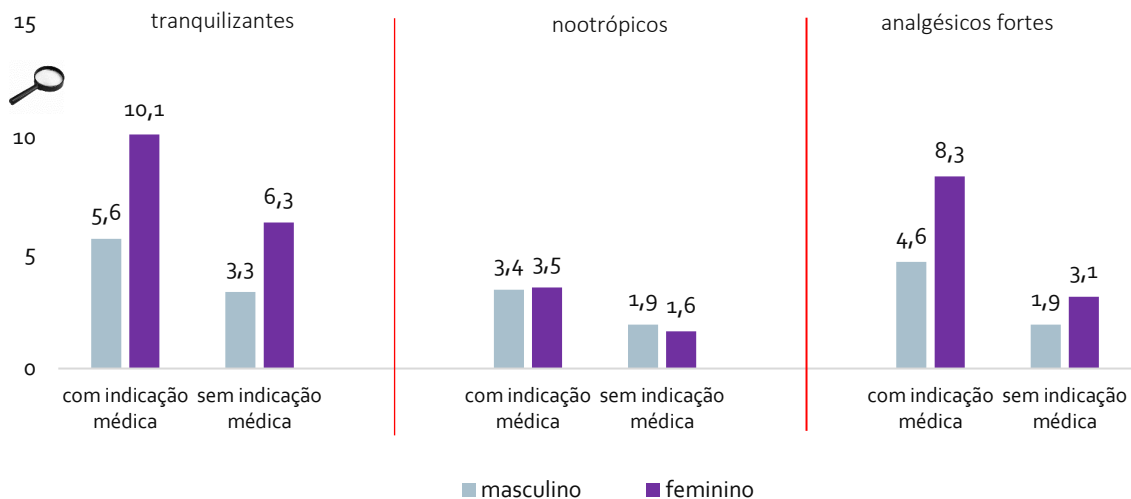
⁹ Foram dados como exemplo os seguintes medicamentos: *Xanax*, *Valium*, *Lexotan* e *Victan*.

¹⁰ Foram dados como exemplo os seguintes medicamentos: *Ritalina*, *Modafinil* e *Concerta*.

¹¹ No questionário, “analgésicos fortes/muito fortes” são descritos como “medicamentos utilizados para aliviar a dor intensa”. É ainda explicitado que o consumo não-prescrito é aquele que é feito sem indicação médica e com o intuito de “ficar alterado”.

em causa uma diferença muito acentuada em termos relativos (perto de um rácio de 2 para 1). O mesmo verifica-se em relação ao consumo de analgésicos fortes, embora a discrepância entre os dois sexos seja ligeiramente menos acentuada. Em sentido contrário, o consumo prescrito e não-prescrito de *nootrópicos* pouco varia em função do sexo (figura 59).

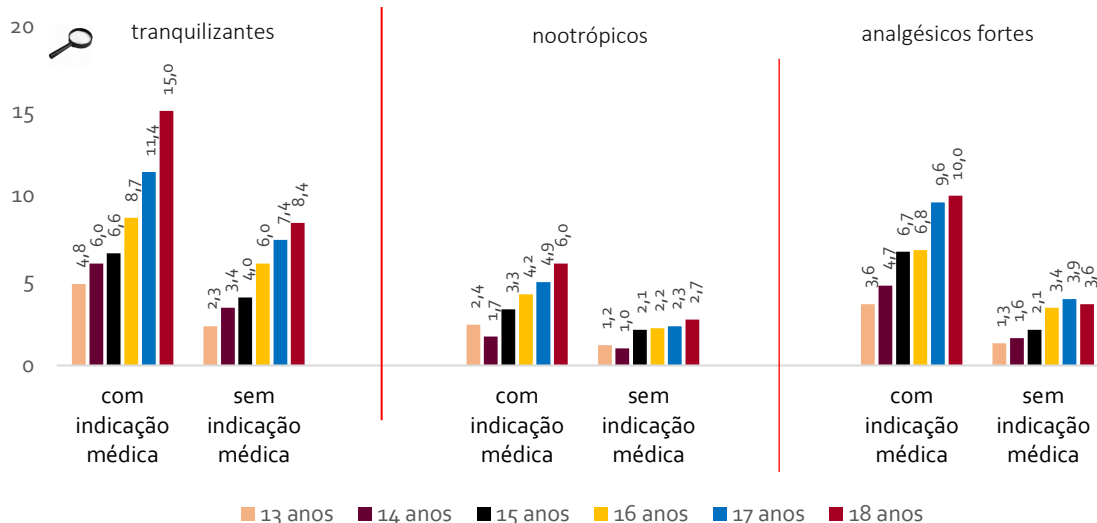
Figura 59. Medicamentos. Prevalências de consumo ao longo da vida, por sexo - 2024 (%)



Fonte: ICAD/DIMC/UEI

Quando a análise se faz em função do grupo etário, verifica-se que o consumo prescrito e não-prescrito de tranquilizantes/sedativos, tal como álcool, tabaco e drogas ilícitas, aumenta em função da idade. O mesmo não pode ser dito da mesma forma taxativa acerca da experimentação de *nootrópicos* e de analgésicos fortes: quando em causa está o consumo por indicação médica de *nootrópicos*, verifica-se que são os alunos de 14 anos quem regista as menores prevalências, enquanto no caso do consumo não-prescrito os valores são muito aproximados entre os alunos de 13 e 14 anos e também entre os alunos de 15, 16 e 17 anos; no caso dos analgésicos fortes, o consumo prescrito é muito aproximado entre os alunos de 15 e 16 anos e também entre os de 17 e 18 anos, enquanto o consumo não-prescrito aumenta de forma continuada apenas entre os 13 e os 17 anos, pois os alunos de 18 anos registam uma prevalência inferior à dos 17 anos (figura 60).

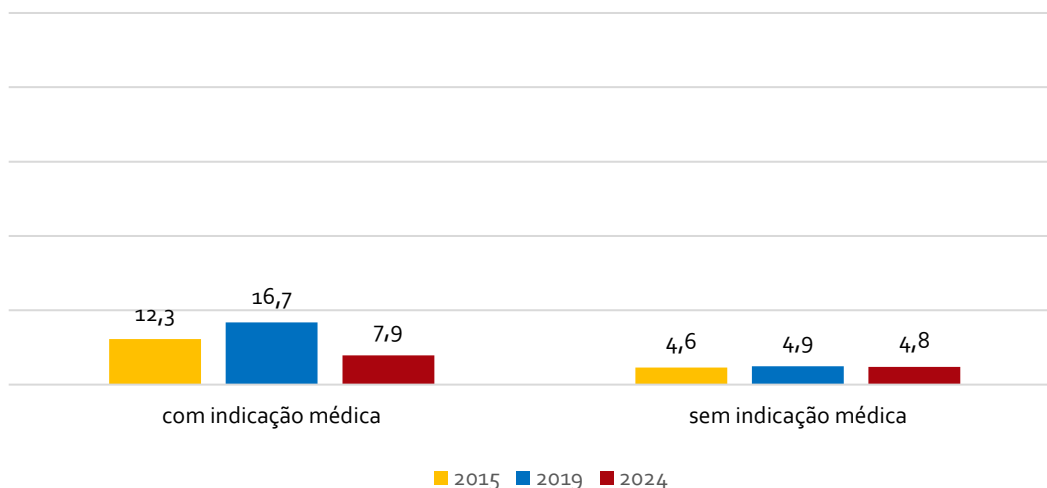
Figura 60. Medicamentos. Prevalências de consumo ao longo da vida, por grupo etário - 2024 (%)



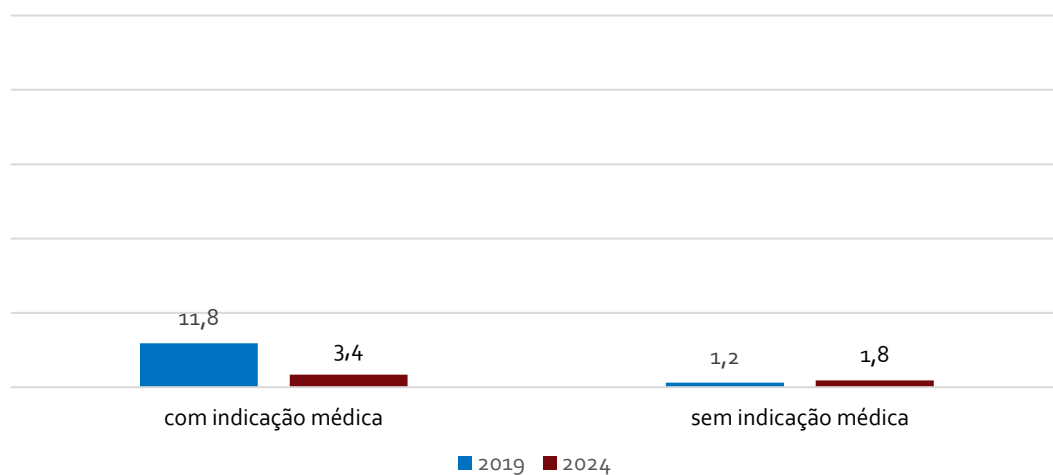
Fonte: ICAD/DIMC/UEI

Invertendo-se a tendência de subida verificada entre 2015 e 2019, regista-se em 2024 uma descida muito acentuada do consumo ao longo da vida de tranquilizantes/sedativos por indicação médica (-8pp., o que corresponde a uma queda para menos de metade), enquanto o consumo não-prescrito tem-se mantido estável nos últimos anos (figura 61). Quanto aos *nootrópicos*, verifica-se que, face ao estudo anterior, o consumo ao longo da vida por indicação médica desce de forma muito acentuada (-8pp.), enquanto o consumo sem indicação médica regista uma tendência de ligeira subida (figura 62). Por fim, o consumo não-prescrito de analgésicos fortes com o intuito de obter um efeito psicoativo duplicou entre 2019 e 2024, embora estejam em causa valores diminutos (figura 63).

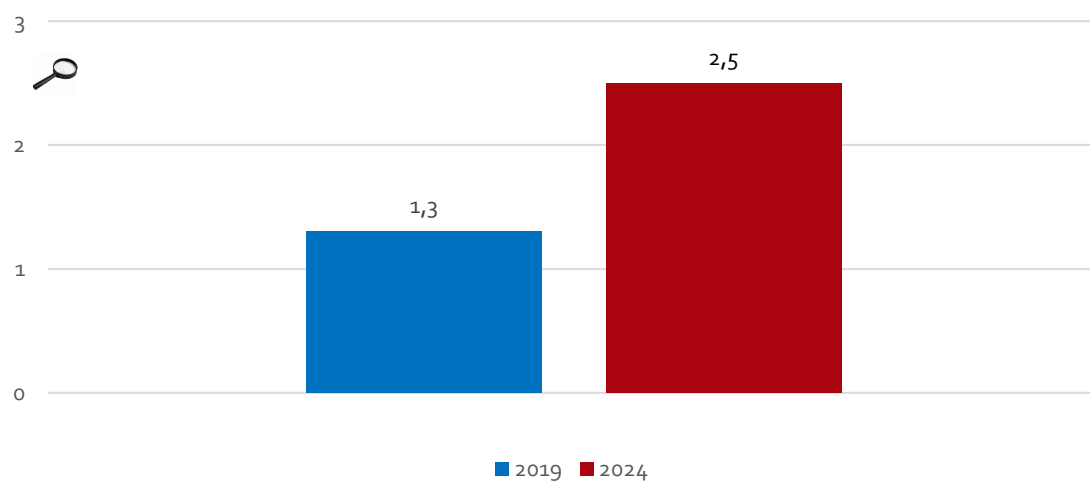
Figura 61. Medicamentos. Prevalências de consumo de tranquilizantes / sedativos ao longo da vida - 2015*/2019/2024 (%)



* Em 2015, apenas Portugal Continental.
 Fonte: ICAD/DIMC/UEI

Figura 62. Medicamentos. Prevalências de consumo de *nootrópicos* ao longo da vida - 2019/2024 (%)

Fonte: ICAD/DIMC/UEI

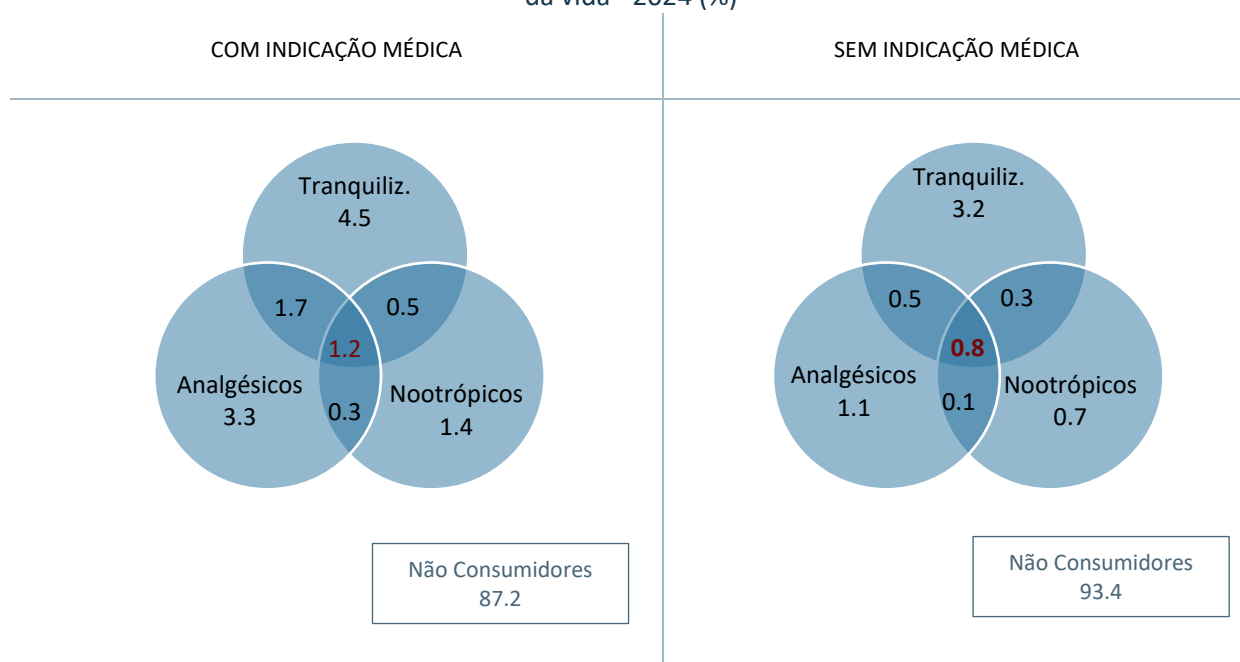
Figura 63. Medicamentos. Prevalências de consumo não-prescrito* de analgésicos fortes ao longo da vida - 2019/2024 (%)

* Em 2019, a questão referia-se exclusivamente ao consumo de analgésicos fortes sem indicação médica, pelo que a comparação diz respeito apenas ao consumo não-prescrito.

Fonte: ICAD/DIMC/UEI

A esmagadora maioria dos alunos nunca tomou os medicamentos com efeitos psicoativos considerados, seja por indicação médica (87%), seja sem indicação médica (93%). Feitas as contas, verifica-se que 1% dos alunos do ensino público com idades entre os 13 e os 18 anos consumiu alguma vez na vida por indicação médica tranquilizantes/sedativos, *nootrópicos* e analgésicos fortes. A percentagem para o consumo não-prescrito é da mesma ordem de grandeza (figura 64).

Figura 64. Medicamentos. Prevalências de consumo prescrito e não-prescrito ao longo da vida - 2024 (%)



Fonte: ICAD/DIMC/UEI

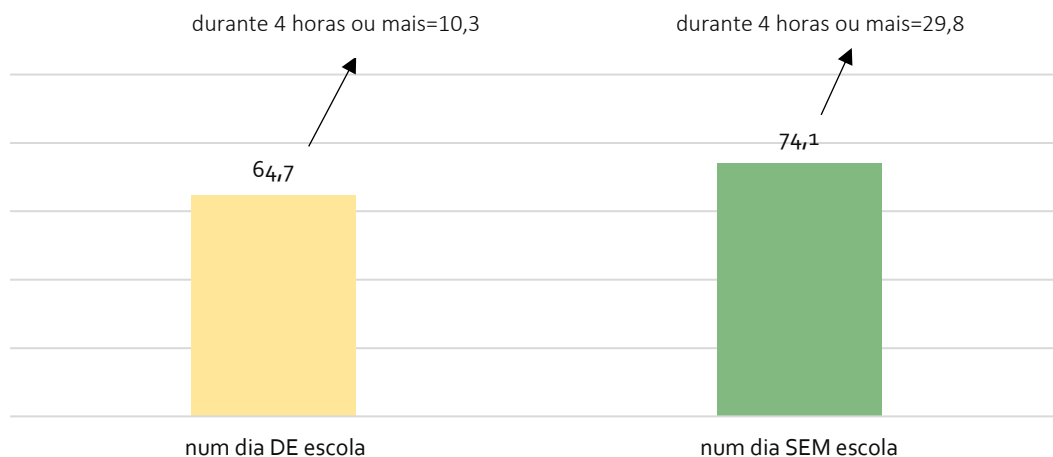
Jogo

Para além do consumo de substâncias psicoativas, questões sobre comportamentos potencialmente aditivos sem substância, nomeadamente jogo eletrónico (*gaming*) e jogo a dinheiro (*gambling*), foram também colocadas aos alunos.

A grande maioria dos inquiridos jogou jogos eletrónicos no último mês (79%), sendo que tal prática tende a ser mais prevalente em dias sem escola (74%) do que em dias de escola (65%). A percentagem de alunos que nos últimos sete dias jogou numa base diária ou quase diária – isto é, em quatro ou mais dias da última semana – é de 39%, o que corresponde a cerca de metade dos jogadores (49%).

Não só o jogo eletrónico é mais prevalente em dias sem escola (férias, feriados e fins-de-semana), como nesses dias os alunos despendem mais tempo a jogar videojogos: 30% dos que jogaram jogos eletrónicos em dias sem escola fizeram-no por norma por 4 horas ou mais, contra 10% em dias de escola (figura 65).

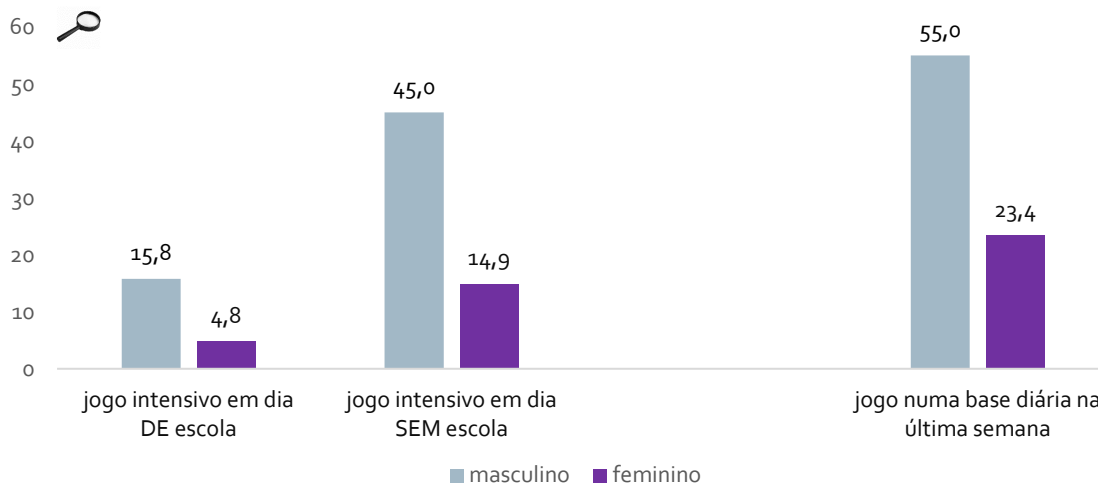
Figura 65. Jogo eletrónico. Prevalências nos últimos 30 dias - 2024 (%)



Fonte: ICAD/DIMC/UEI

Analisando o tempo diário de jogo eletrónico por sexo, verifica-se que os rapazes passam muito mais tempo a jogar videojogos do que as raparigas. Tanto em dias de escola como em dias sem escola, a percentagem de rapazes que passa quatro ou mais horas diárias a jogar este tipo de jogos é cerca de três vezes maior do que a verificada entre as raparigas. Quanto ao jogo eletrónico numa base diária ou quase diária, a percentagem de rapazes que jogaram em quatro ou mais dias da última semana é o dobro da das raparigas (figura 66).

Figura 66. Jogo eletrónico. Prática intensiva* nos últimos 30 dias e prática numa base diária** nos últimos 7 dias, por sexo - 2024 (%)

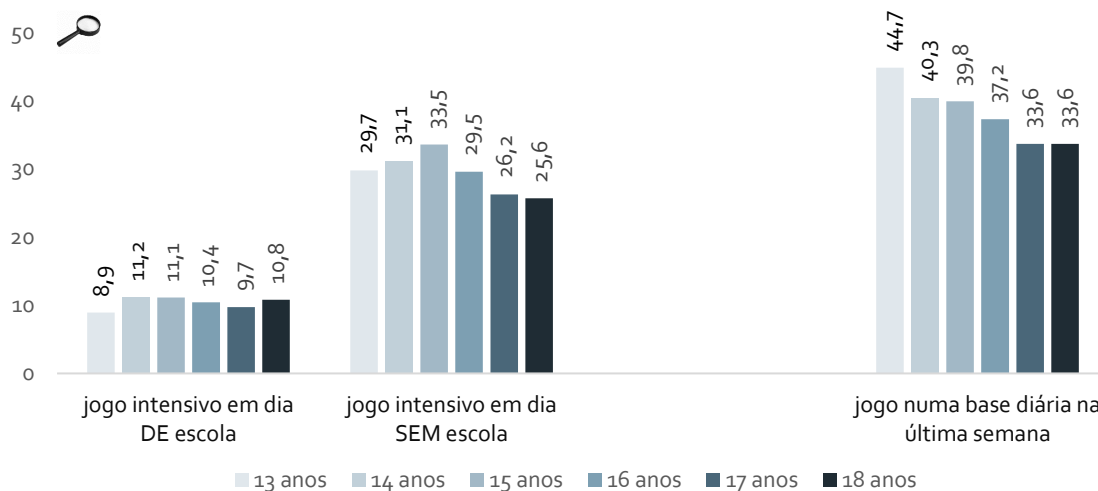


*Jogar durante 4 ou mais horas num dia comum. ** Jogar em quatro ou mais dias da última semana.

Fonte: ICAD/DIMC/UEI

Ao contrário do que verificado relativamente a fenómenos atrás analisados, o tempo de jogo eletrónico não aumenta em função da idade. Em dias de escola, a percentagem que, no último mês, passou quatro ou mais horas por dia a jogar videojogos pouco varia em função da idade. Em dias sem escola, contudo, verifica-se uma discrepância maior entre as várias idades, com os alunos mais velhos (17 e 18 anos) a despender menos tempo diário em jogo eletrónico. Quanto ao indicador do jogo eletrónico numa base diária ou quase diária, mais uma vez os alunos mais velhos destacam-se por uma menor frequência de videojogo, enquanto os mais novos se destacam por jogar com maior frequência (figura 67).

Figura 67. Jogo eletrónico. Prática intensiva* nos últimos 30 dias e prática numa base diária** nos últimos 7 dias, por grupo etário - 2024 (%)

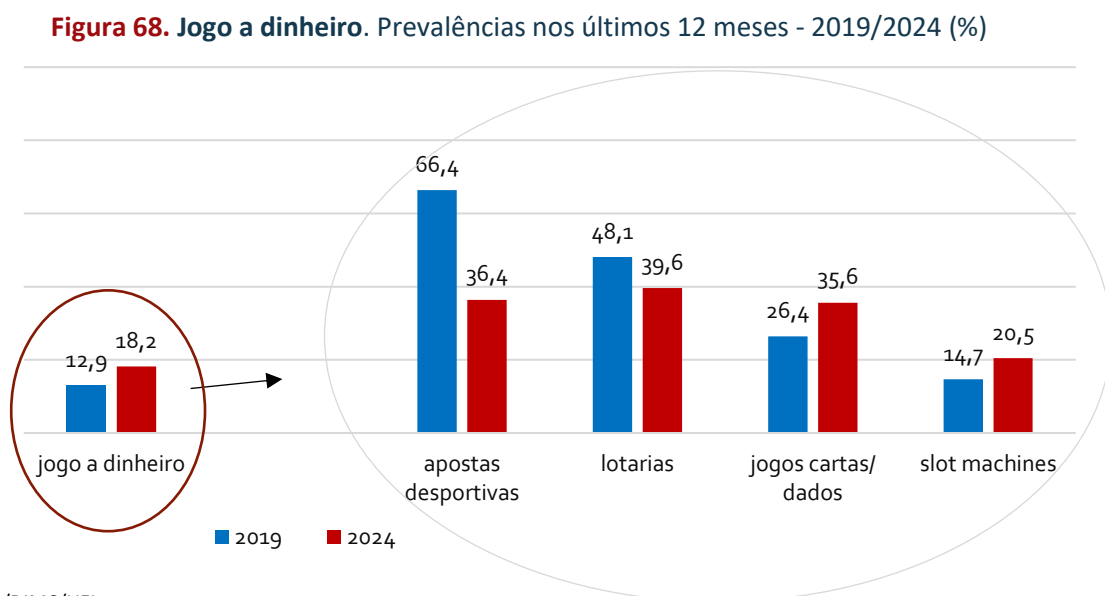


*Jogar durante 4 ou mais horas num dia comum. ** Jogar em quatro ou mais dias da última semana.

Fonte: ICAD/DIMC/UEI

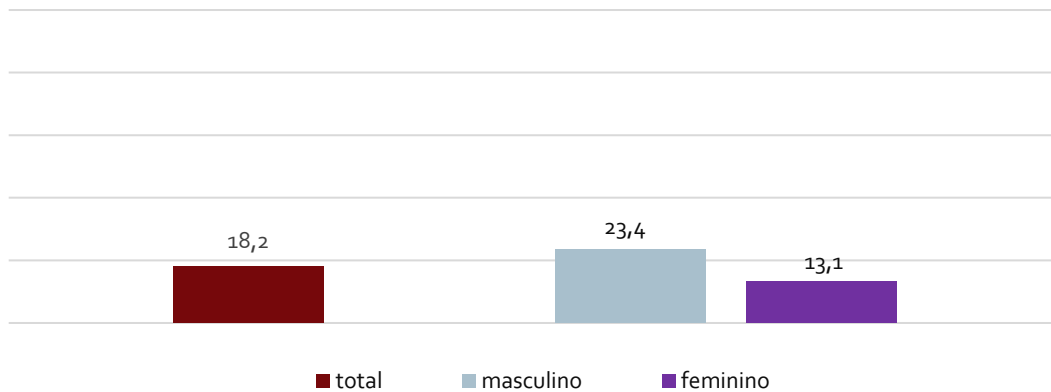
A proporção de alunos que jogaram a dinheiro no último ano é um pouco menos do que um em cada cinco, sendo as lotarias a forma mais utilizada para o fazer, seguindo-se as apostas desportivas e os jogos de cartas/dados, enquanto as *slot machines* se destacam como o tipo de jogo a dinheiro menos prevalente entre esta população. Face ao estudo anterior, a prática do jogo a dinheiro tornou-se mais prevalente (+5pp.), verificando-se uma maior diversificação do tipo de jogo.

Se em 2019, entre os alunos, as apostas desportivas eram claramente a principal forma de jogar a dinheiro, a uma grande distância das outras, em 2024 a discrepância de valores entre as diferentes formas de *gambling* é menos acentuada, o que resulta do decréscimo das lotarias (-9pp) e, sobretudo, das apostas desportivas (-30pp.), em conjugação com a subida dos jogos de cartas/dados (+9pp.) e das *slot machines* (+6pp.) (figura 68).



O jogo a dinheiro é uma prática consideravelmente mais masculina do que feminina, sendo a diferença entre os dois sexos bastante expressiva (10pp.) (figura 69).

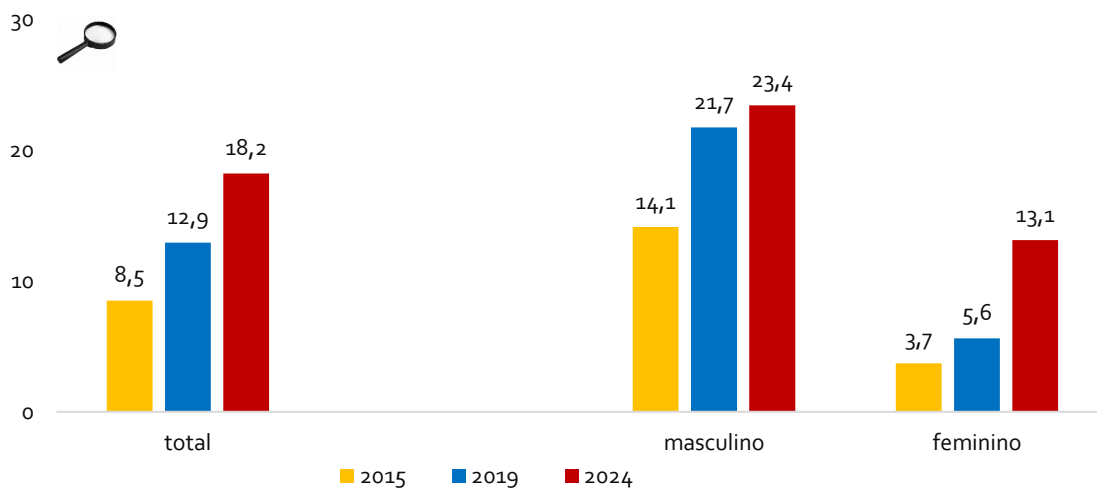
Figura 69. Jogo a dinheiro. Prevalências nos últimos 12 meses, por sexo - 2024 (%)



Fonte: ICAD/DIMC/UEI

Nos últimos anos, tem-se verificado um crescimento da prática do jogo a dinheiro entre os alunos, tendo a percentagem de inquiridos que o fizeram nos últimos 12 meses mais do duplicado entre 2015 e 2024. Entre 2015 e 2019, o jogo a dinheiro tornou-se consideravelmente mais prevalente entre os rapazes, enquanto entre 2019 e 2024 isso aconteceu sobretudo entre as raparigas. Feitas as contas, entre 2015 e 2024, o crescimento desta prática foi igual para os dois sexos (9pp.) (figura 70).

Figura 70. Jogo a dinheiro. Prevalências nos últimos 12 meses - 2015*/2019/2024 (%)

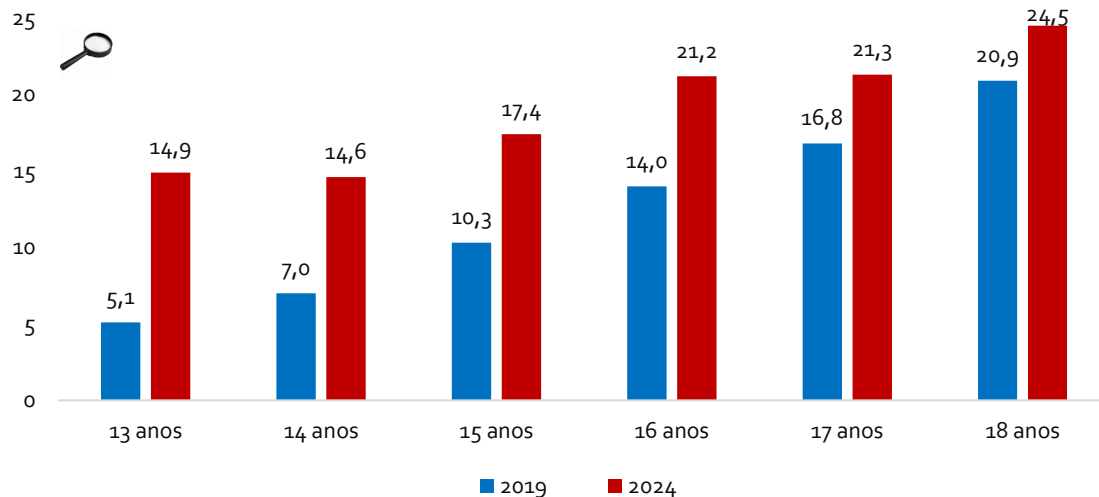


* Em 2015, apenas Portugal Continental.

Fonte: ICAD/DIMC/UEI

Face à última edição do estudo, o jogo a dinheiro tornou-se mais prevalente entre todos os grupos etários, mas de forma mais acentuada nos alunos mais novos (13 e 14 anos) (figura 71).

Figura 71. Jogo a dinheiro. Prevalências nos últimos 12 meses, por grupo etário - 2019*/2024 (%)



* Em 2019, apenas Portugal Continental.

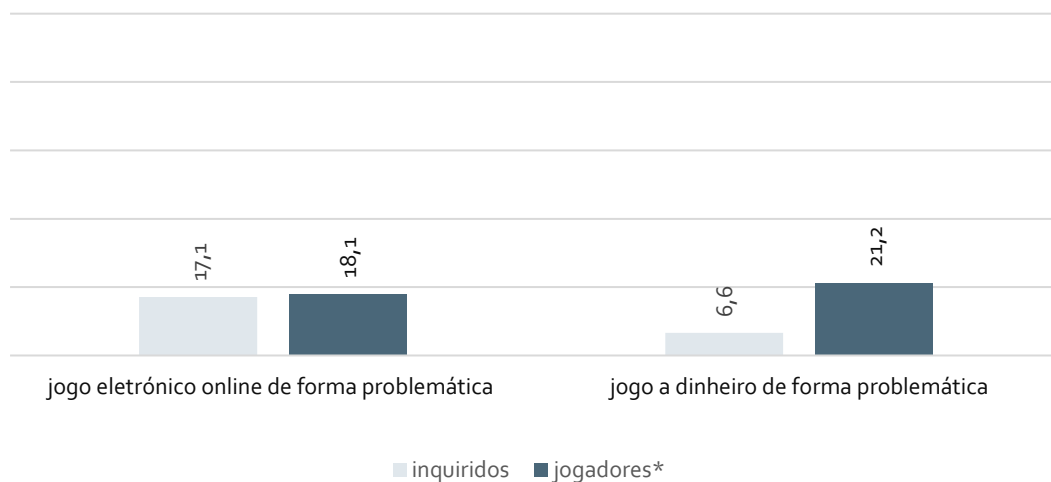
Fonte: ICAD/DIMC/UEI

Mais importante do que saber quantos alunos jogam ou quantas horas diárias despendem nesta prática é perceber a dimensão problemática destas práticas. Em ambos os casos, foram aplicadas escalas que permitem aferir a dimensão problemática dos padrões de *gaming online* e de *gambling*¹².

Entre os inquiridos, a percentagem que apresenta um padrão de jogo eletrónico *online* que pode ser considerado problemático é de 17%, enquanto o padrão de jogo a dinheiro *online* considerado problemático tem menor expressão (7%). No entanto, quando se considera apenas o grupo dos respetivos jogadores, verifica-se o contrário e a percentagem que apresenta um padrão de jogo problemático é maior no que respeita ao *gambling* (21%) do que ao *gaming* (18%) (figura 72).

¹² Para uma discussão dos instrumentos utilizados para aferir a dimensão problemática, remete-se para Calado & Lavado, 2021: 36-38.

Figura 72. Jogo eletrónico *online* e jogo a dinheiro de forma problemática, entre total de inquiridos e jogadores* - 2024 (%)

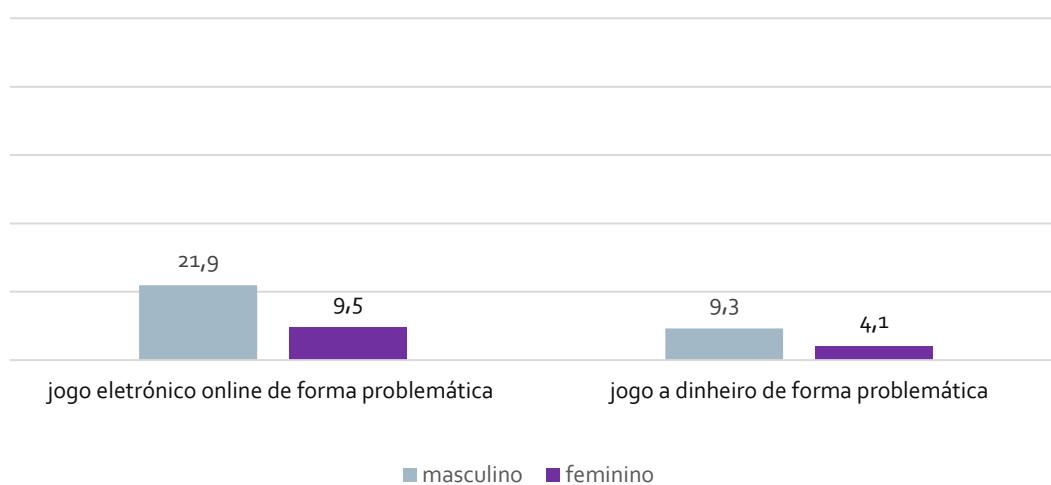


*No jogo eletrónico *online* considerou-se o grupo de jogadores de jogo eletrónico *online* nos últimos 30 dias. No jogo a dinheiro considerou-se o grupo de jogadores a dinheiro nos últimos 12 meses.

Fonte: ICAD/DIMC/UEI

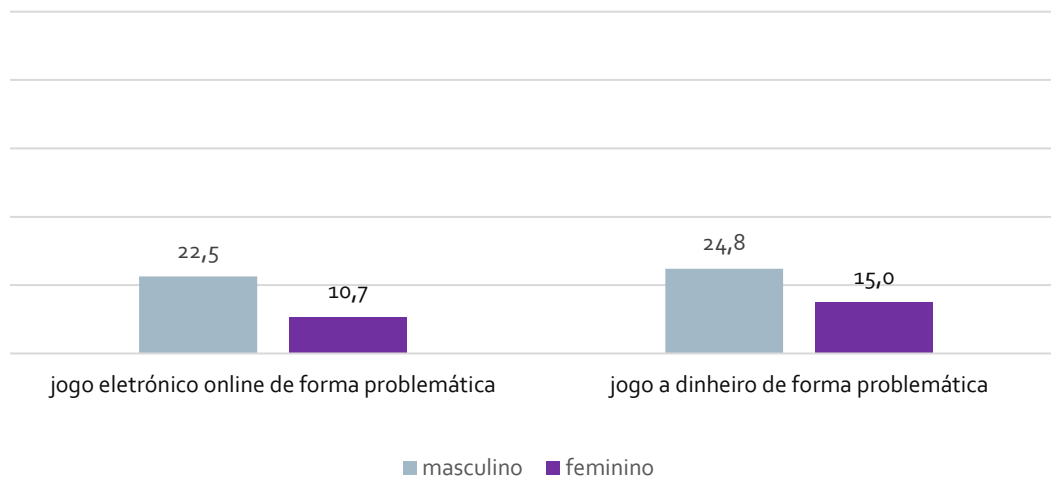
Seja entre o total de inquiridos, seja restringindo a análise ao grupo dos jogadores atuais de videojogos *online* e ao grupo de jogadores a dinheiro no último ano, verifica-se que os rapazes tendem a fazê-lo de uma forma muito mais problemática do que as raparigas (figura 73 e 74).

Figura 73. Jogo eletrónico *online* e jogo a dinheiro de forma problemática, entre total de inquiridos, por sexo - 2024 (%)



Fonte: ICAD/DIMC/UEI

Figura 74. Jogo eletrónico *online* e jogo a dinheiro de forma problemática, entre jogadores*, por sexo - 2024 (%)

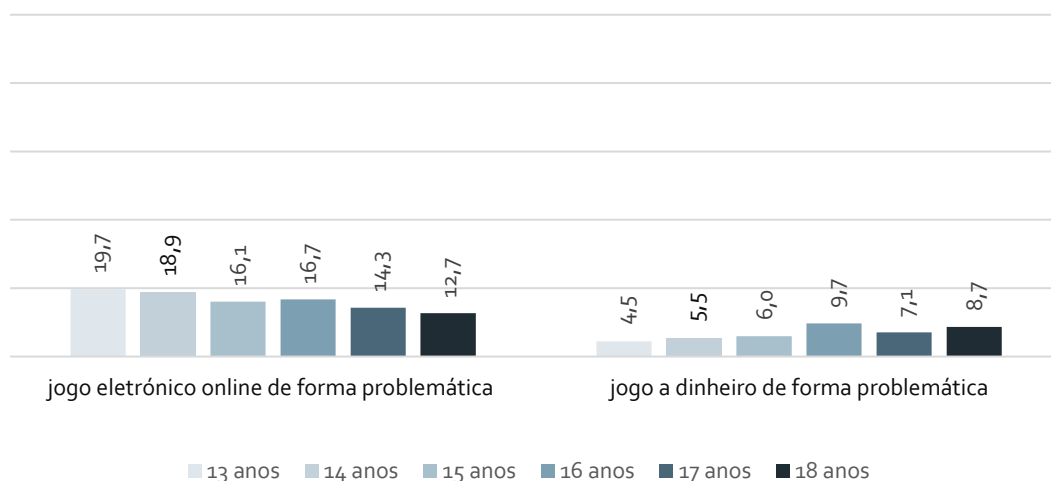


*No jogo eletrónico *online* considerou-se o grupo de jogadores de jogo eletrónico *online* nos últimos 30 dias. No jogo a dinheiro considerou-se o grupo de jogadores a dinheiro nos últimos 12 meses.

Fonte: ICAD/DIMC/UEI

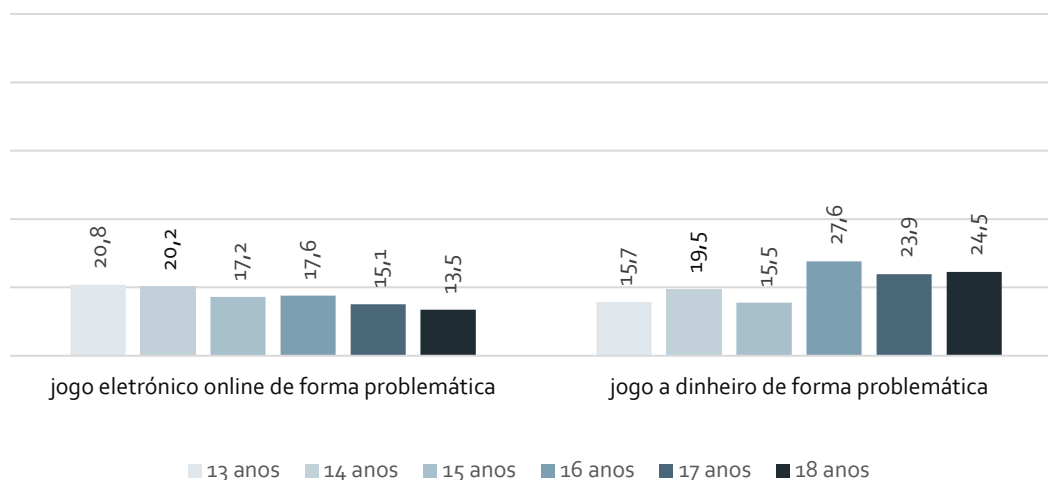
Seja entre o total de inquiridos, seja restringindo a análise ao grupo dos jogadores atuais de videojogos *online*, verifica-se que quanto maior a idade, menos problemático é o padrão de jogo. O mesmo não pode ser dito acerca do jogo a dinheiro. Pelo contrário, tanto entre o total de inquiridos como entre apenas aqueles que jogaram a dinheiro no último ano, os mais novos (13-15 anos) têm um padrão de *gambling* menos problemático do que os mais velhos (16-18 anos) (figuras 75 e 76).

Figura 75. Jogo eletrónico *online* e jogo a dinheiro de forma problemática, entre os inquiridos, por grupo etário - 2024 (%)



Fonte: ICAD/DIMC/UEI

Figura 76. Jogo eletrónico *online* e jogo a dinheiro de forma problemática, entre os jogadores*, por grupo etário - 2024 (%)



*No jogo eletrónico *online* considerou-se o grupo de jogadores de jogo eletrónico *online* nos últimos 30 dias.

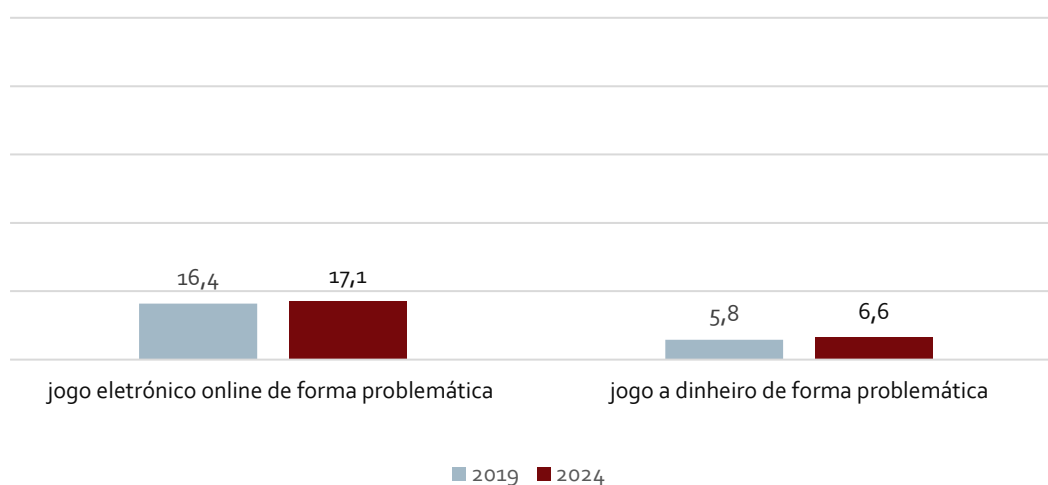
No jogo a dinheiro considerou-se o grupo de jogadores a dinheiro nos últimos 12 meses.

Fonte: ICAD/DIMC/UEI

Face a 2019, apesar de registar uma tendência de subida residual, a percentagem de alunos que adotam um padrão de videogame *online* não se alterou de forma relevante. Quanto à dimensão problemática do jogo a dinheiro, face à última edição do estudo, os valores também não se alteraram muito, sendo que há ligeiramente mais alunos a declarar um padrão de *gambling* problemático (+1pp.) (figura 77).

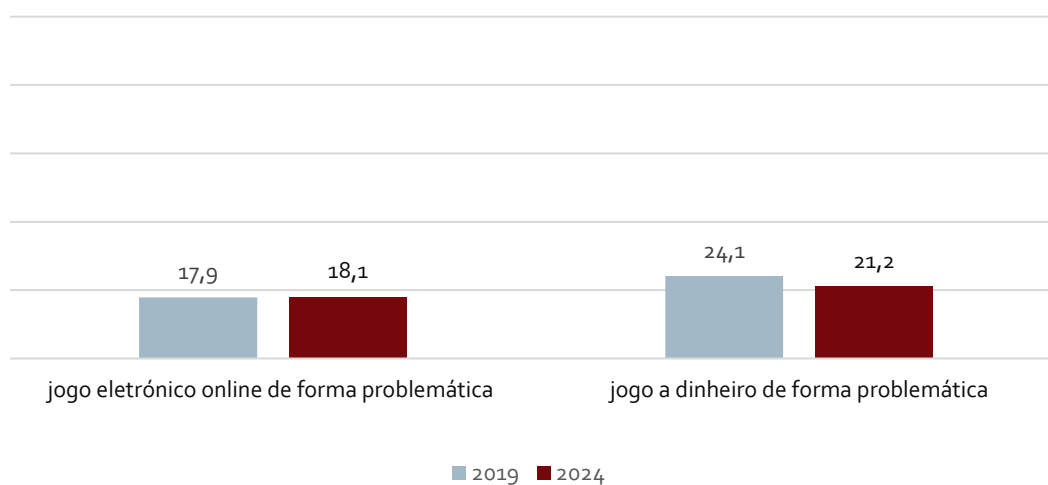
Quando a análise se restringe aos jogadores atuais de videogames *online*, a proporção que adota um padrão de jogo problemático praticamente não se alterou entre 2019 e 2024. Quanto ao jogo a dinheiro, entre o grupo de jogadores recentes, a percentagem que o faz de uma forma problemática diminuiu ligeiramente (-3p.) (figura 78).

Figura 77. Jogo eletrónico *online* e jogo a dinheiro de forma problemática, entre total de inquiridos - 2019/2024 (%)



Fonte: ICAD/DIMC/UEI

Figura 78. Jogo eletrónico *online* e jogo a dinheiro de forma problemática, entre jogadores* - 2019/2024 (%)



*No jogo eletrónico *online* considerou-se o grupo de jogadores de jogo eletrónico *online* nos últimos 30 dias. No jogo a dinheiro considerou-se o grupo de jogadores a dinheiro nos últimos 12 meses.

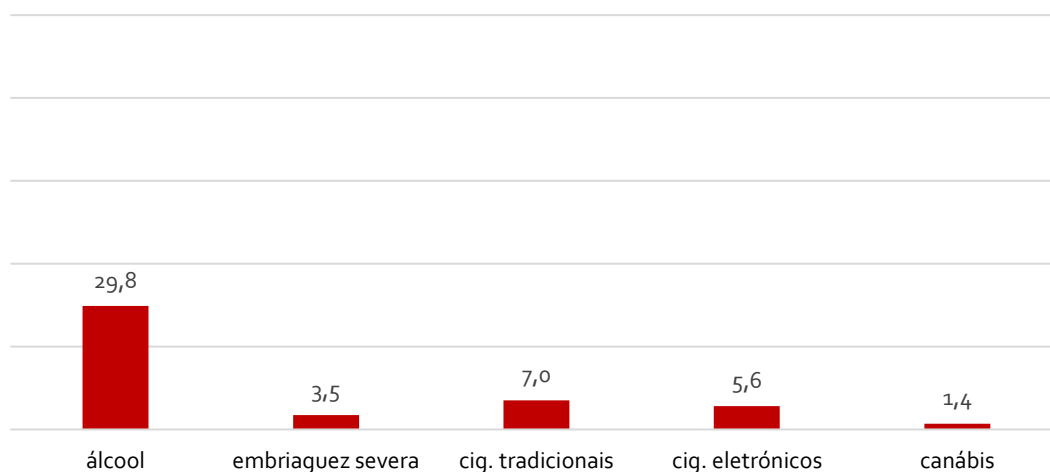
Fonte: ICAD/DIMC/UEI

INÍCIO PRECOCE DOS CONSUMOS

Para além da prevalência e da frequência dos diferentes comportamentos aditivos, o questionário incluía perguntas acerca de outros indicadores importantes, como a precocidade dos consumos. A relação entre o início precoce dos consumos e uma trajetória de consumo associada a uma maior dimensão problemática está bem estabelecida (Moutinho, 2018; Ohannessian *et al.*, 2015; Chen, Storr & Anthony, 2009; Chen, O'Brien & Anthony, 2005; Griffin *et al.*, 2002), daí este ser um indicador particularmente importante.

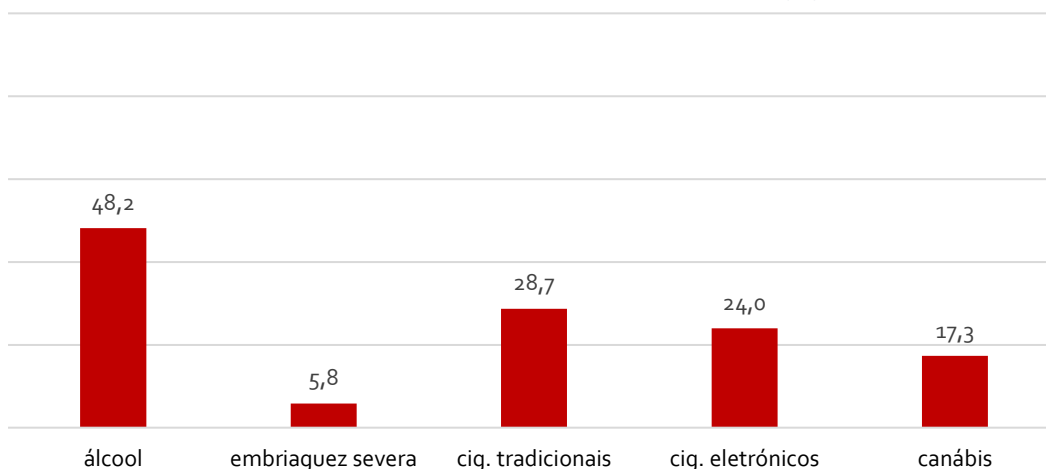
Entre os inquiridos, o álcool é, de longe, a substância psicoativa cujo consumo se inicia mais precocemente, com 30% dos alunos a declarar que ingeriram uma bebida alcoólica com 13 anos ou menos, enquanto a canábis se destaca por um consumo precoce muito pouco expressivo (1%). Em relação ao tabaco, verifica-se que, nesta população, o consumo de cigarros ditos tradicionais se inicia de forma ligeiramente mais precoce do que o de cigarros eletrónicos (figura 79). Quando a análise se restringe ao grupo dos respetivos consumidores ao longo da vida, verifica-se que um pouco menos de metade (48%) dos alunos que já ingeriram bebidas alcoólicas fê-lo com 13 anos ou menos, enquanto 6% dos que já se embriagaram fizeram-no com a mesma precocidade. Também aqui o consumo de cigarros ditos tradicionais é mais precoce do que o de cigarros eletrónicos, sendo a diferença mais relevante (5pp.). Enquanto entre o total dos inquiridos a embriaguez severa em idades tão precoces é mais prevalente do que o consumo precoce de canábis, entre os respetivos consumidores, verifica-se o contrário (figura 80).

Figura 79. Álcool, tabaco e canábis. Início dos consumos e de **embriaguez severa** com 13 anos ou menos, entre total de inquiridos - 2024 (%)



Fonte: ICAD/DIMC/UEI

Figura 80. Álcool, tabaco e canábis. Início dos consumos e de **embriaguez severa** com 13 anos ou menos, entre consumidores - 2024 (%)

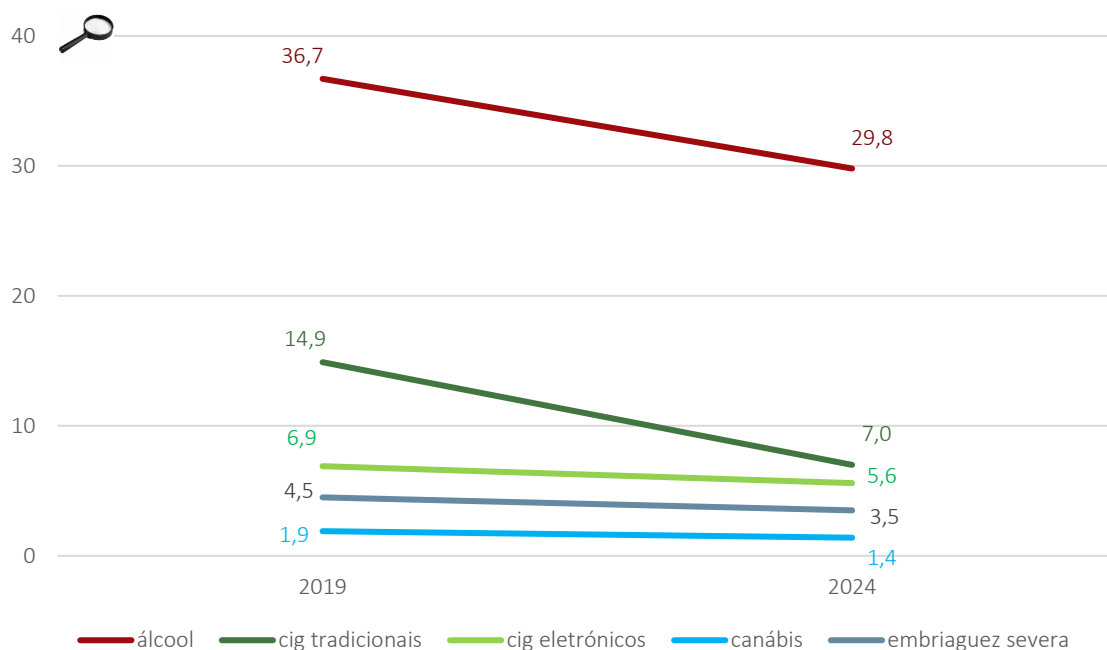


Fonte: ICAD/DIMC/UEI

Face à última edição do estudo, entre os inquiridos, todas as substâncias psicoativas consideradas iniciam-se hoje menos precocemente, sendo a descida mais expressiva em termos absolutos a referente ao álcool (-7pp.), enquanto em termos relativos merece destaque a queda para mais de metade no que concerne à percentagem de alunos que iniciaram o consumo de tabaco de combustão com 13 anos ou menos. (figura 81).

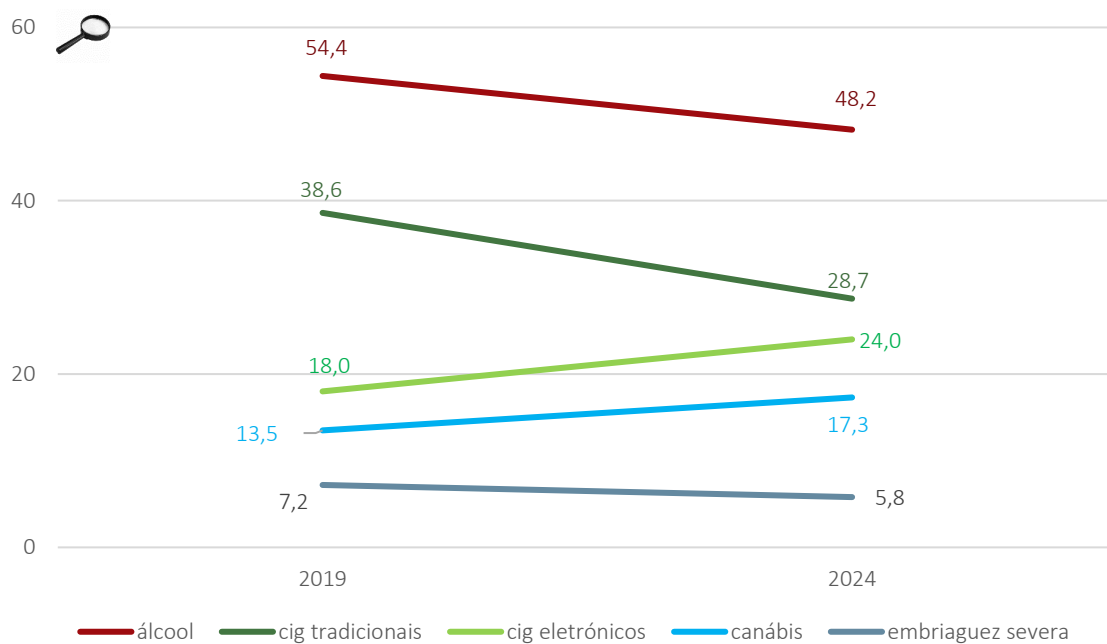
Quando a análise se restringe aos consumidores, verifica-se, que face a 2019, há menos consumidores de álcool a ingerir bebidas alcoólicas (-6pp.) e a embriagar-se severamente (-1pp.) em idades tão precoces, sendo que o mesmo acontece, de forma particularmente acentuada, entre os consumidores de cigarros ditos tradicionais (- 10pp). Pelo contrário, face ao estudo anterior, há mais consumidores de cigarros eletrónicos a iniciar-se neste tipo de tabaco com 13 anos ou menos (+6pp.), sendo que o mesmo acontece em relação à canábis (+4pp.) (figura 82).

Figura 81. Álcool, tabaco e canábis. Início dos consumos com 13 anos de idade ou menos, entre total de inquiridos - 2019/2024 (%)



Fonte: ICAD/DIMC/UEI

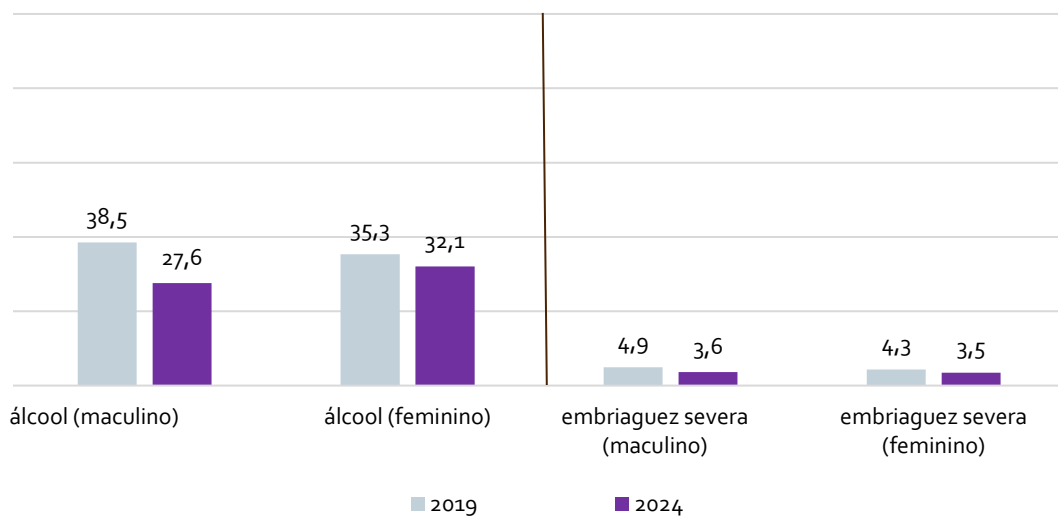
Figura 82. Álcool, tabaco e canábis. Início dos consumos com 13 anos de idade ou menos, entre consumidores - 2019/2024 (%)



Fonte: ICAD/DIMC/UEI

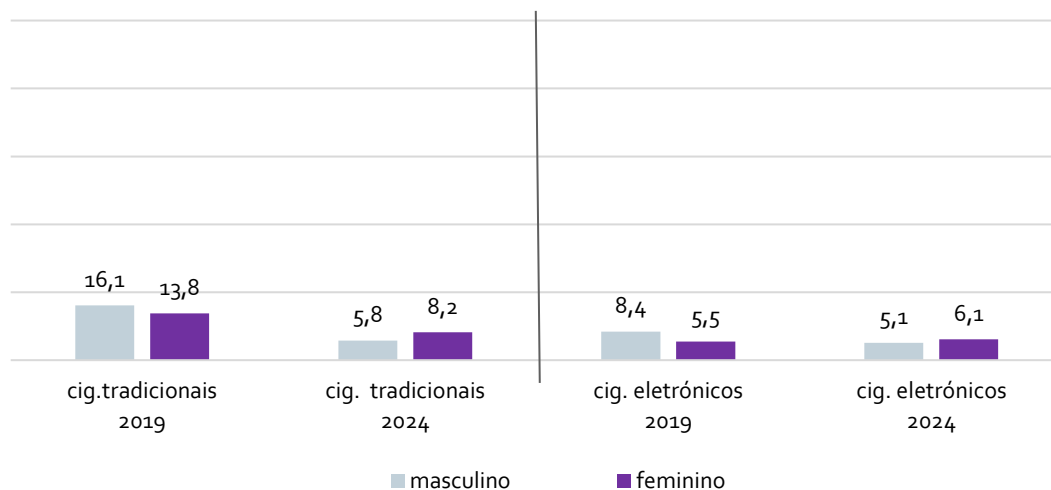
Em relação ao sexo, verifica-se que o início do consumo de álcool com 13 anos ou menos é mais prevalente entre as raparigas do que entre os rapazes, estando em causa uma diferença de 5pp. Isto marca uma clara inversão à tendência verificada em 2019, o que quer dizer que, face à última edição do estudo, a percentagem de alunos do sexo masculino a iniciar o consumo de álcool em idades tão precoces decresceu muito mais entre os rapazes do que entre as raparigas (11p. vs. 3pp.). Em relação à precocidade da embriaguez severa, embora as discrepâncias sejam menores em termos absolutos, verifica-se que, face a 2019, a percentagem de alunos que se embriagaram severamente em idades tão precoces desceu ligeiramente mais entre os rapazes, levando a uma aproximação entre os dois sexos no que a este indicador diz respeito (figura 83).

Figura 83. Álcool. Início dos consumos e de embriaguez severa com 13 anos ou menos, por sexo - 2019/2024 (%)



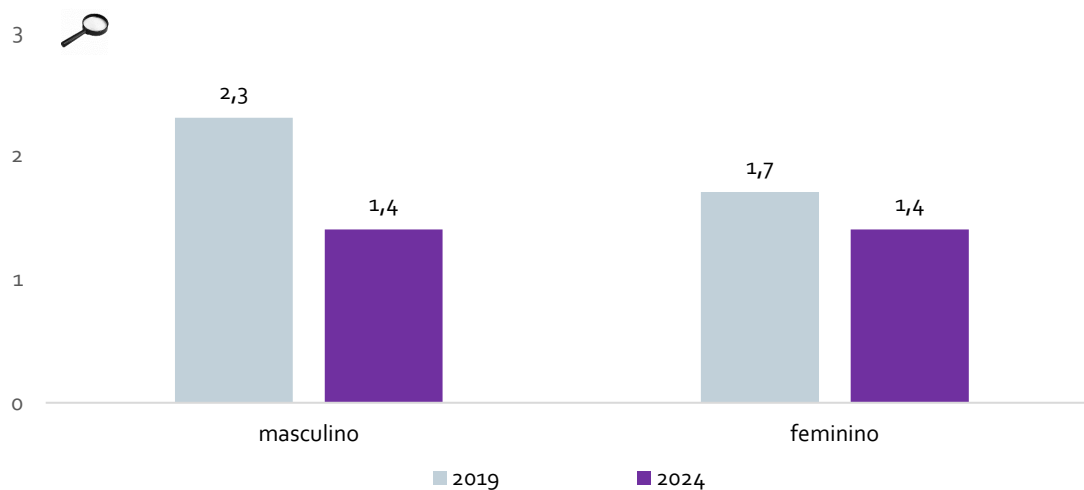
Fonte: ICAD/DIMC/UEI

Também a iniciação precoce ao tabaco é mais prevalente entre as raparigas do que entre os rapazes, ainda que a discrepância entre os dois sexos seja pouco acentuada (2pp., no que se refere cigarros ditos tradicionais, e 1pp., no que diz respeito aos cigarros eletrónicos). Tal resulta de uma queda mais acentuada entre 2019 e 2024 da percentagem de alunos do sexo masculino que iniciaram os consumos de tabaco com 13 anos ou menos em comparação com as raparigas, sendo que no caso da iniciação precoce aos cigarros eletrónicos até se verifica um ligeiro aumento entre o sexo feminino (figura 84).

Figura 84. Tabaco. Início dos consumos com 13 anos ou menos, por sexo - 2019/2024 (%)

Fonte: ICAD/DIMC/UEI

Ao contrário do que acontecia no estudo anterior, a iniciação em idades precoces não varia em função do sexo e a percentagem que consome canábis pela primeira vez com 13 anos ou menos é a mesma entre rapazes e raparigas. Tal acontece porque, face à última edição, o consumo de canábis tornou-se menos precoce entre os rapazes e manteve-se entre as raparigas (figura 85).

Figura 85. Drogas ilícitas. Início dos consumos de canábis com 13 anos ou menos, por sexo - 2019/2024 (%)

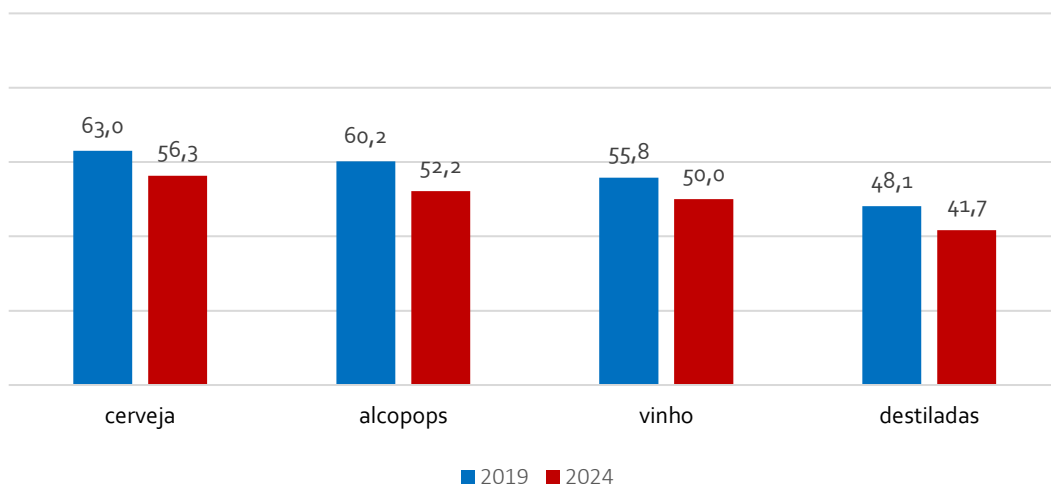
Fonte: ICAD/DIMC/UEI

PERCEÇÕES DE ACESSIBILIDADE

Finalmente, uma outra dimensão analisada no presente relatório é a perceção da facilidade de acesso, um indicador importante que permite medir a familiaridade com as diversas substâncias, sendo que, acordo com muitos autores, quanto mais disponível estiver determinada substância, mais provável é o seu consumo (Broman, 2016; Piontek *et al.*, 2013, Knibbe *et al.*, 2005).

À semelhança do que acontece em relação à precocidade dos consumos, as substâncias lícitas são também aquelas que os inquiridos consideram de acesso mais facilitado, e novamente com destaque para as bebidas alcoólicas, sendo que a perceção da facilidade de acesso varia consoante o tipo de bebida alcoólica: a cerveja é aquela que mais inquiridos (56%) consideram de fácil ou muito fácil acesso, enquanto as bebidas destiladas se destacam em sentido contrário (42%). Face ao estudo anterior, o acesso a todas as bebidas alcoólicas é hoje considerado menos facilitado pelos alunos, variando a descida da percentagem que considera fácil ou muito fácil o acesso entre -6pp., no caso das bebidas destiladas, e -8pp., no caso dos *alcopops* (figura 86).

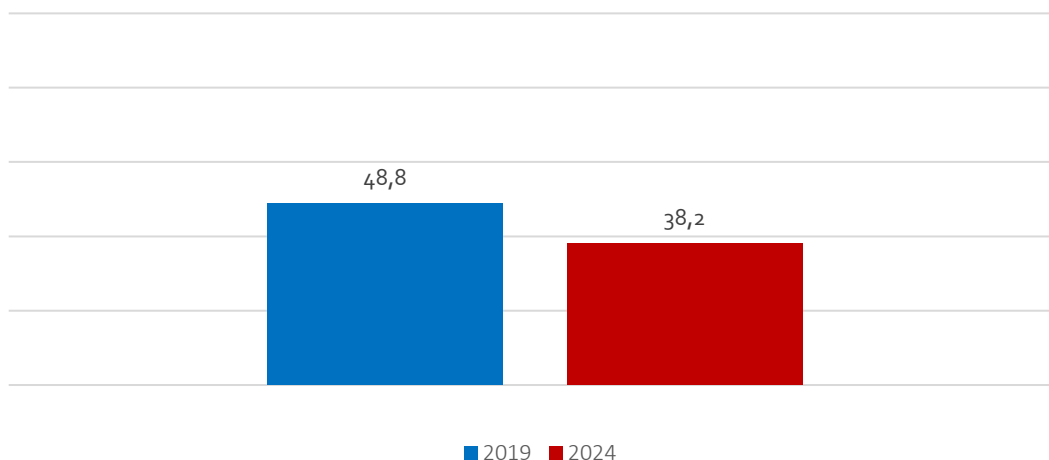
Figura 86. Álcool. Perceção de facilidade de acesso (“fácil” ou “muito fácil”) - 2019/2024 (%)



Fonte: ICAD/DIMC/UEI

Entre os alunos, embora menos do que qualquer um dos tipos de bebida alcoólica, o tabaco destaca-se também por ser considerado uma substância psicoativa de acesso pouco dificultado, com 38% a declararem achar fácil ou muito fácil o acesso a cigarros ditos tradicionais. Em comparação com os resultados de 2019, verifica-se uma descida considerável (-11p.) na facilidade de acesso a tabaco de combustão percecionada pelos alunos (figura 87).

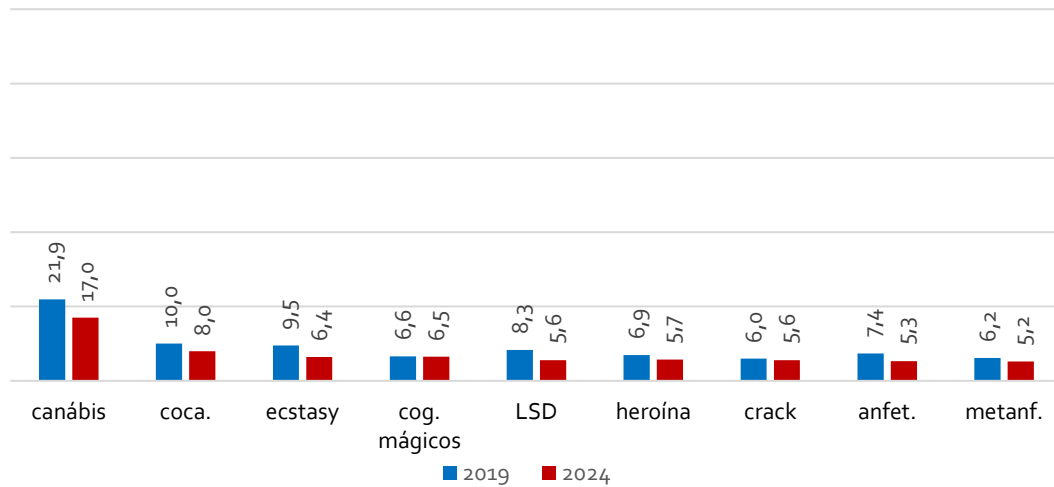
Figura 87. Tabaco. Perceção de facilidade de acesso a cigarros tradicionais (“fácil” ou “muito fácil”) 2019/2024 (%)



*Em 2019, a pergunta sobre facilidade de acesso referia-se apenas aos cigarros tradicionais.

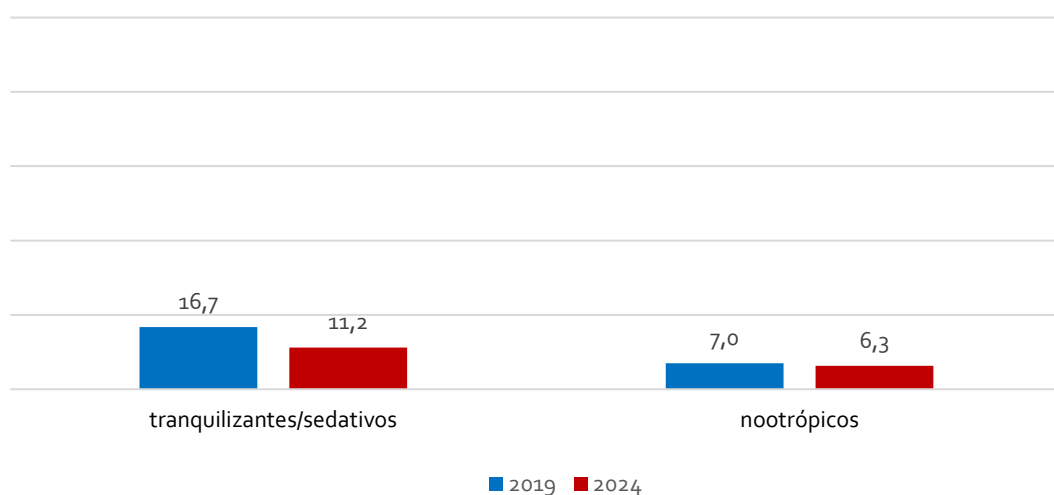
Fonte: ICAD/DIMC/UEI

No que concerne à perceção da facilidade de acesso a substâncias ilícitas, verifica-se uma clara distinção entre a canábis e as restantes drogas ilícitas. De facto, a canábis destaca-se como a substância que mais inquiridos consideram ser de fácil ou muito fácil acesso (17%), enquanto a percentagem que considera o mesmo para as restantes drogas ilícitas varia entre 8%, no caso da cocaína, e 5%, no caso das anfetaminas e das metanfetaminas. Face à última edição do estudo, todas as substâncias ilícitas são hoje consideradas pelos alunos de acesso menos facilitado, embora os valores relativos a cogumelos alucinogénicos e ao *crack* tenham apenas descido de uma forma residual. Em sentido contrário, entre 2019 e 2024, a percentagem de inquiridos que declara ser fácil ou muito fácil o acesso a canábis desceu 5pp. (figura 88).

Figura 88. Drogas ilícitas. Perceção de facilidade de acesso (“fácil” ou “muito fácil”) - 2019/2024 (%)

Fonte: ICAD/DIMC/UEI

A perceção da facilidade de acesso a medicamentos psicoativos também varia consoante o tipo de medicamentos em causa, verificando-se que a percentagem de inquiridos que consideram fácil ou muito fácil o acesso a tranquilizantes/sedativos não-prescritos (11%) é cerca do dobro da que considera o mesmo em relação a nootrópicos (6%). Em comparação com os resultados de 2019, o acesso a tranquilizantes/sedativos sem receita médica é hoje considerado menos facilitado (-6pp.), tal como os *nootrópicos*, embora neste último caso a descida tenha sido pouco expressiva (-1pp.) (figura 89).

Figura 89. Medicamentos. Perceção de facilidade de acesso sem indicação médica (“fácil” ou “muito fácil”) - 2019/2024 (%)

Fonte: ICAD/DIMC/UEI

A facilidade de acesso ao álcool percebida pelos alunos aumenta em função da idade, pelo que, quanto mais velho o aluno for, mais facilitado considera o acesso às diferentes bebidas alcoólicas.

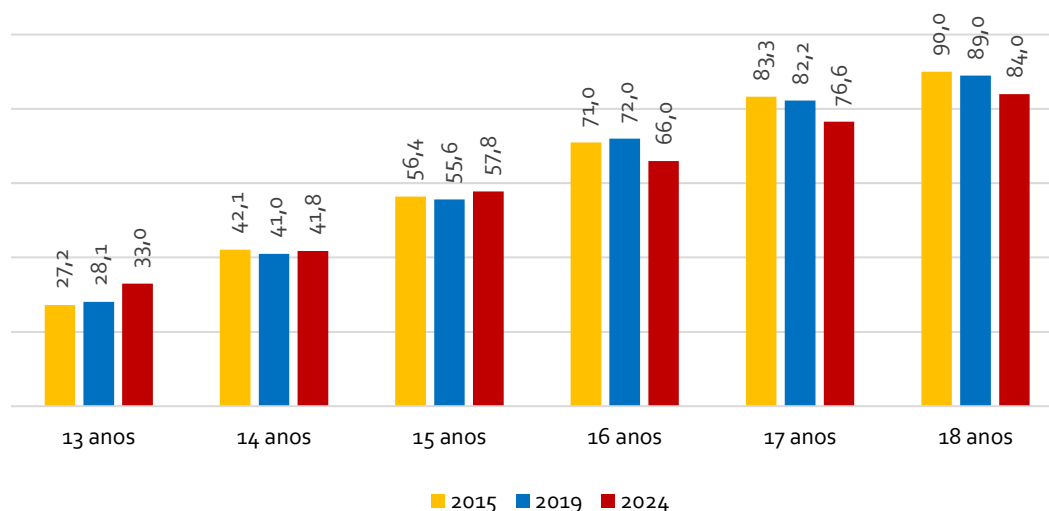
Face à última edição do estudo, verifica-se que entre os alunos mais novos (13-15 anos) a cerveja é hoje considerada de acesso mais facilitado, enquanto entre os mais velhos (16-18 anos) a perceção é oposta. Entre 2015 e 2024, os alunos de 13 anos destacam-se como aqueles em que a percentagem que considerada fácil ou muito fácil o acesso a cerveja mais aumentou (+6pp.), enquanto os alunos de 17 anos se destacam em sentido contrário (-7pp.) (figura 90).

Em comparação com o estudo anterior, a percentagem que considera o acesso a *alcopops* mais facilitado subiu apenas entre os alunos de 13 anos, enquanto desceu de forma relevante entre os alunos mais velhos (16-18 anos). Entre 2015 e 2024, apenas entre os alunos de 18 anos a percentagem que considera o acesso a *alcopops* mais facilitado não subiu (-2pp.), enquanto a maior subida se verifica aos 15 anos (+9pp.) (figura 91).

Face a 2019, a percentagem que considera o acesso a vinho mais facilitado subiu entre os alunos de 13 e de 15 anos, tendo descido de forma mais expressiva entre os de 18 anos. Entre 2015 e 2024, constata-se o mesmo, com uma subida de 2pp aos 13 anos e uma descida de 7pp. aos 18 anos (figura 92).

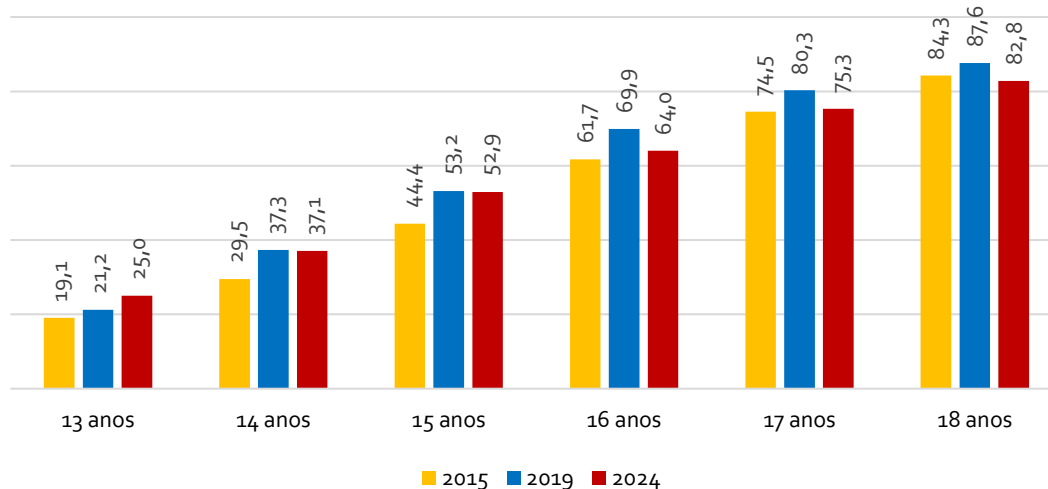
Face à última edição do estudo, a percentagem que considera o acesso a bebidas destiladas mais facilitado subiu apenas entre os alunos de 13 e 14 anos, descendo de forma mais relevante entre os de 18 anos. Entre 2015 e 2024, constata-se o mesmo, com uma subida de 2pp aos 13 anos e uma descida de 4pp. aos 18 anos (figura 93).

Figura 90. Álcool. Perceção de facilidade de acesso a cerveja (“fácil” ou “muito fácil”), por grupo etário - 2015*/2019*/2024 (%)



* Em 2015 e 2019, apenas Portugal Continental.
Fonte: ICAD/DIMC/UEI

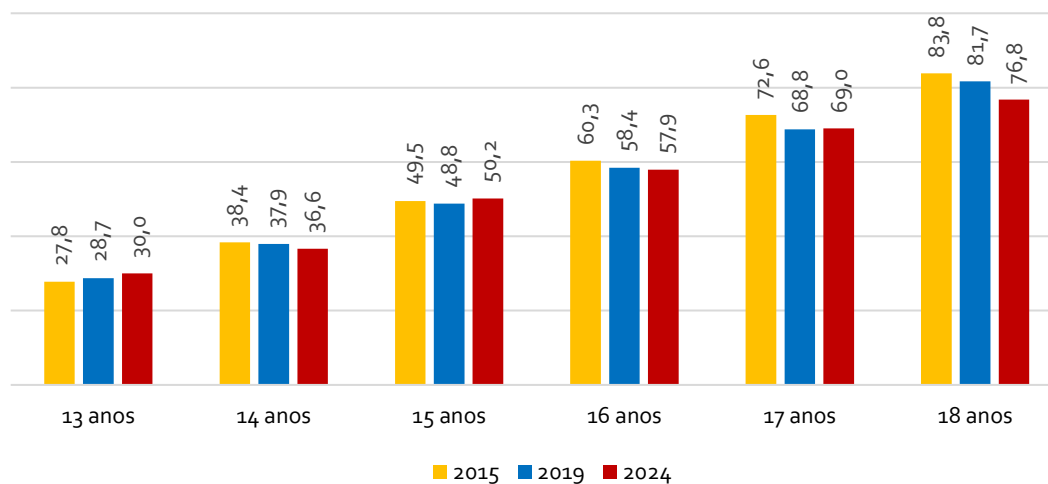
Figura 91. Álcool. Perceção de facilidade de acesso a *alco pops* (“fácil” ou “muito fácil”), por grupo etário - 2015*/2019*/2024 (%)



* Em 2015 e 2019, apenas Portugal Continental.

Fonte: ICAD/DIMC/UEI

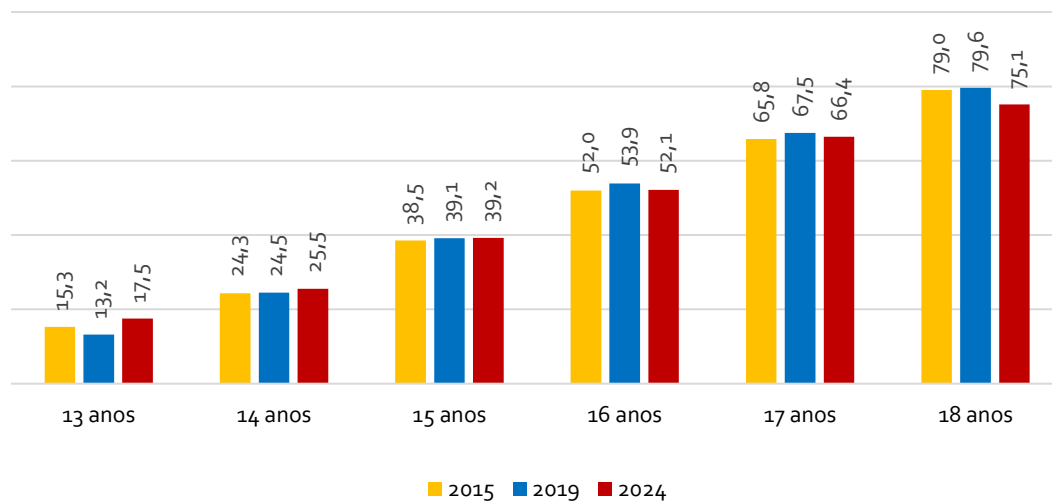
Figura 92. Álcool. Perceção de facilidade de acesso a vinho (“fácil” ou “muito fácil”), por grupo etário - 2015*/2019*/2024 (%)



* Em 2015 e 2019, apenas Portugal Continental.

Fonte: ICAD/DIMC/UEI

Figura 93. Perceção de facilidade de acesso a bebidas destiladas (“fácil” ou “muito fácil”), por grupo etário - 2015*/2019*/2024 (%)



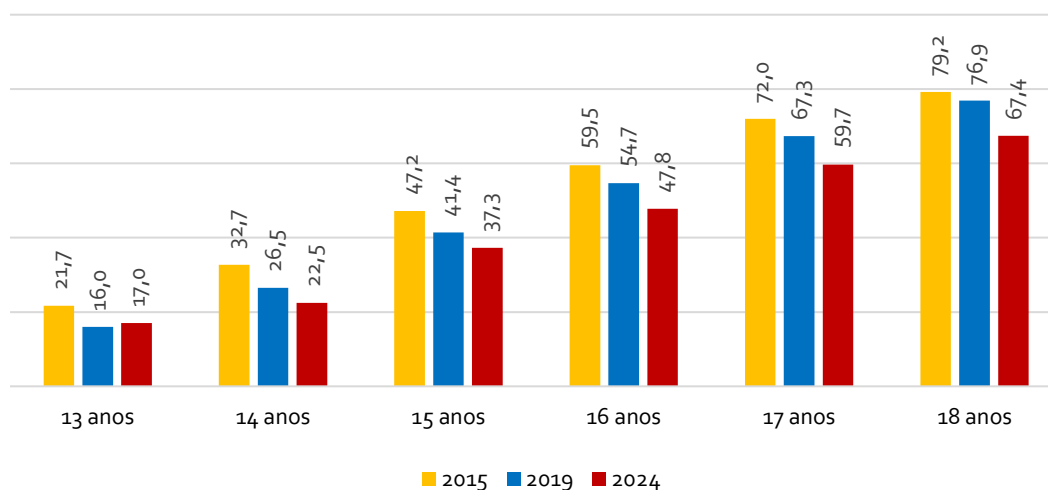
* Em 2015 e 2019, apenas Portugal Continental.

Fonte: ICAD/DIMC/UEI

Tal como no caso das bebidas alcoólicas, também a facilidade de acesso ao tabaco de combustão percebida pelos alunos aumenta em função da idade.

Cruzando a evolução da perceção da acessibilidade a cigarros ditos tradicionais com a idade, verifica-se que, com exceção dos alunos de 13 anos, nos restantes grupos etários a percentagem que considera fácil ou muito fácil o acesso a este tipo de tabaco é hoje menor do que em 2019, sendo o decréscimo mais acentuado entre os alunos mais velhos. Entre 2015 e 2024, regista-se em todas as idades uma descida da percentagem que considera o acesso a tabaco de combustão fácil ou muito fácil, sendo a descida menos expressiva entre os alunos de 13 anos (-5pp.) e mais acentuada entre os alunos mais velhos (-12pp., aos 16, 17 e 18 anos) (figura 94).

Figura 94. Tabaco. Perceção de facilidade de acesso a cigarros tradicionais (“fácil” ou “muito fácil”), por grupo etário - 2015*/2019*/2024 (%)



* Em 2015 e 2019, apenas Portugal Continental.

Fonte: ICAD/DIMC/UEI

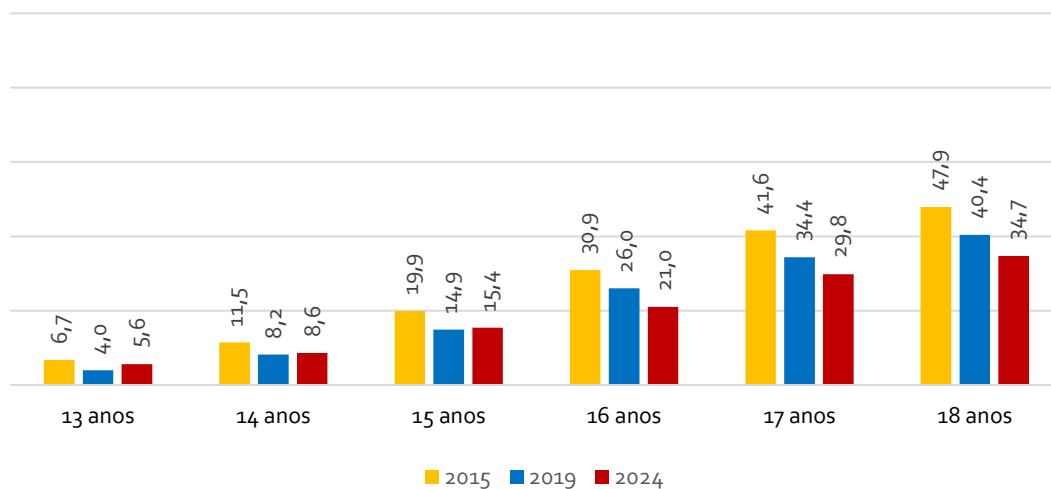
Ao contrário do caso das bebidas alcoólicas e do tabaco de combustão, não se pode dizer de uma forma taxativa que a facilidade de acesso a drogas ilícitas percebida pelos alunos aumenta em função da idade, pois isso verifica-se no caso da canábis e do *ecstasy*, mas não da cocaína e do LSD.

Em comparação com o estudo anterior, o acesso a canábis é considerado mais facilitado entre os alunos mais novos (13-15 anos) e menos entre os alunos mais velhos (16-18 anos). Entre 2015 e 2024, a percentagem que considera o acesso a canábis fácil ou muito fácil desceu em todas as idades, sendo que o decréscimo é menos expressivo entre os alunos de 13 anos (-1pp.) e mais acentuado entre os alunos mais velhos (-12pp., aos 17 anos, e -13pp., aos 18 anos) (figura 95).

Face ao estudo anterior, entre os inquiridos, a perceção da facilidade de acesso a cocaína, *ecstasy* e LSD alterou-se de forma tendencialmente pouco expressiva em termos absolutos, sendo que os alunos de 13 anos se destacam como os únicos que consideram o acesso a estas drogas ilícitas mais facilitado hoje do que em 2019, sendo que a maior parte dos outros são de opinião contrária.

Entre 2015 e 2024, a percentagem que considera o acesso a cocaína fácil ou muito fácil alterou-se de forma relevante apenas aos 13 e 14 anos (-2pp., em ambos os grupos etários) e aos 17 anos (+1pp.) (figura 96). No mesmo período temporal, a perceção de acesso a *ecstasy* alterou-se de forma um pouco mais expressiva entre os alunos de 18 anos (+1pp.) (figura 97), enquanto a percentagem que considera o acesso a LSD fácil ou muito fácil alterou-se de forma mais relevante entre os alunos de 14 anos (-2pp.) e de 18 anos (+3pp.) (figura 98).

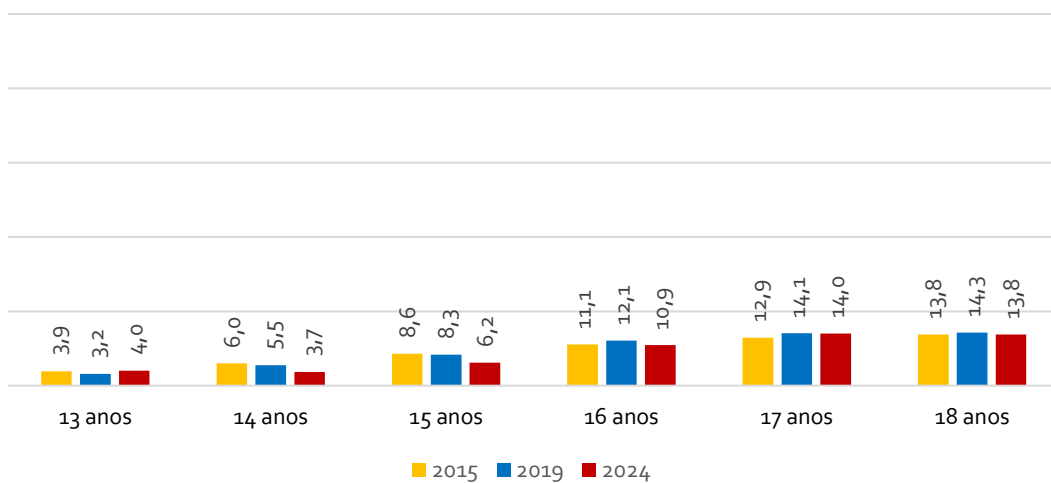
Figura 95. Drogas ilícitas. Perceção de facilidade de acesso a canábis (“fácil” ou “muito fácil”), por grupo etário - 2015*/2019*/2024 (%)



* Em 2015 e 2019, apenas Portugal Continental.

Fonte: ICAD/DIMC/UEI

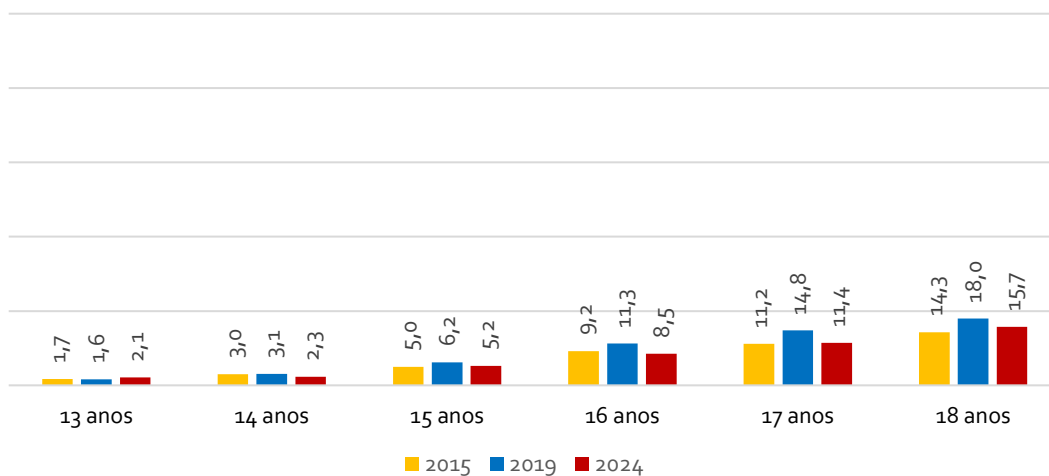
Figura 96. Drogas ilícitas. Perceção de facilidade de acesso a cocaína (“fácil” ou “muito fácil”), por grupo etário - 2015*/2019*/2024 (%)



* Em 2015 e 2019, apenas Portugal Continental.

Fonte: ICAD/DIMC/UEI

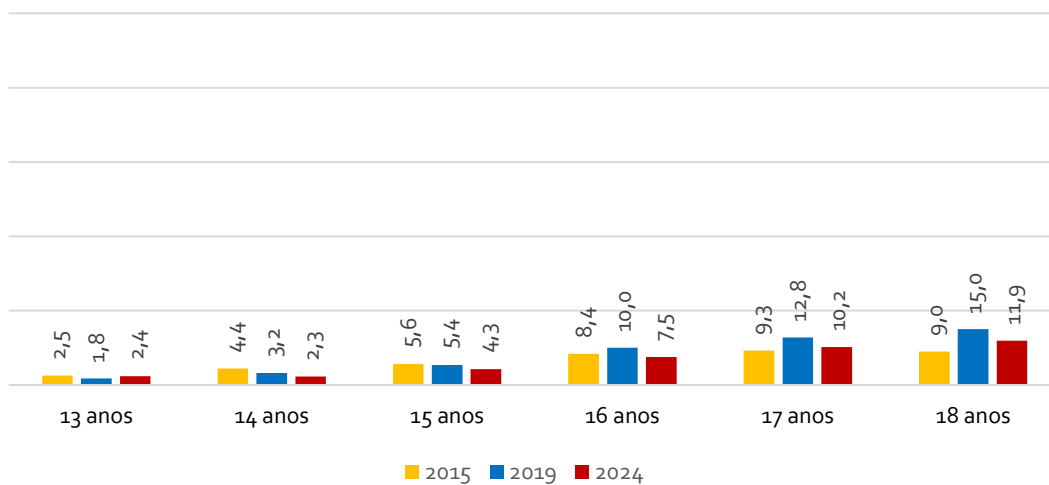
Figura 97. Drogas ilícitas. Perceção de facilidade de acesso a *ecstasy* (“fácil” ou “muito fácil”), por grupo etário - 2015*/2019*/2024 (%)



* Em 2015 e 2019, apenas Portugal Continental.

Fonte: ICAD/DIMC/UEI

Figura 98. Drogas ilícitas. Perceção de facilidade de acesso a LSD (“fácil” ou “muito fácil”), por grupo etário - 2015*/2019*/2024 (%)



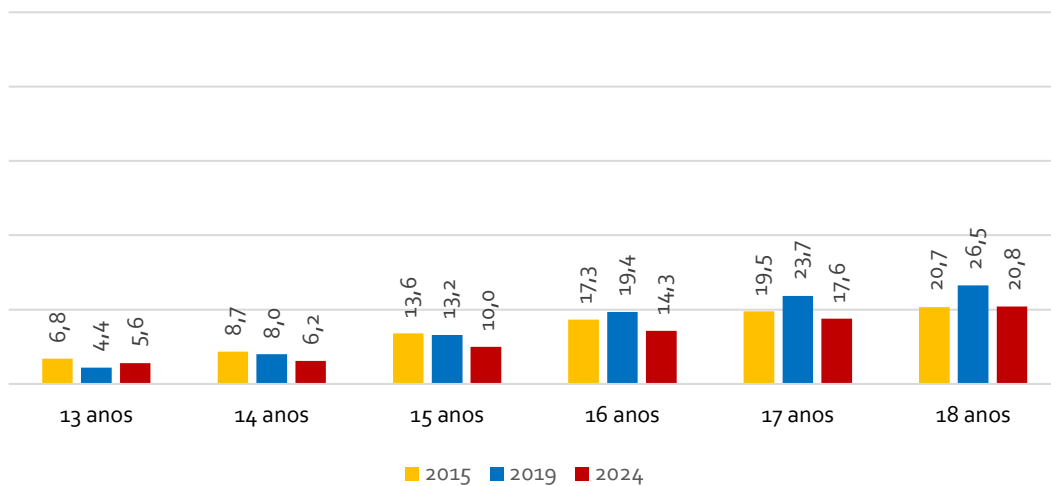
* Em 2015 e 2019, apenas Portugal Continental.

Fonte: ICAD/DIMC/UEI

Tal como o caso das bebidas alcoólicas e do tabaco de combustão, a facilidade de acesso a tranquilizantes/sedativos sem receita médica percebida pelos alunos aumenta em função da idade.

Em relação à última edição, mais uma vez os alunos de 13 anos destacam-se das restantes idades, ao registarem uma subida da percentagem que considera fácil ou muito fácil o acesso a este tipo de medicamentos com efeitos psicoativos, em contraciclo com a descida generalizada (e mais acentuada entre os alunos mais velhos). Entre 2015 e 2024, segundo os alunos dos 13 aos 17 anos, o acesso a tranquilizantes/sedativos sem receita médica tornou-se menos facilitado em todas as idades, enquanto esta perceção não se alterou entre os de 18 anos. A descida foi mais acentuada entre os alunos de 15 anos (-4pp.) (figura 99).

Figura 99. Medicamentos. Perceção de facilidade de acesso a tranquilizantes/sedativos sem receita médica (“fácil” ou “muito fácil”), por grupo etário - 2015*/2019*/2024 (%)



* Em 2015 e 2019, apenas Portugal Continental.

Fonte: ICAD/DIMC/UEI

PERFIS DE CONSUMO E DE JOGO

(Segmentação com base na Análise de Componentes Principais e de *Clusters*)

Análise de Perfis de Consumo de Substâncias e Jogo

Por forma a explorar e aprofundar a informação recolhida, foram aplicadas técnicas estatísticas de Análise de Componentes Principais (ACP) e Análise de *Clusters* (*K-Means*) com o intuito de traçar perfis entre os alunos do ensino público com idades entre os 13 e os 18 anos.

Nesta análise, foram selecionadas variáveis relacionadas com o consumo de substâncias psicoativas e a prática do jogo: consumo recente de álcool, tabaco, canábis e outras drogas ilícitas que não canábis, prática de jogo eletrónico nos últimos 30 dias e de jogo a dinheiro no último mês.

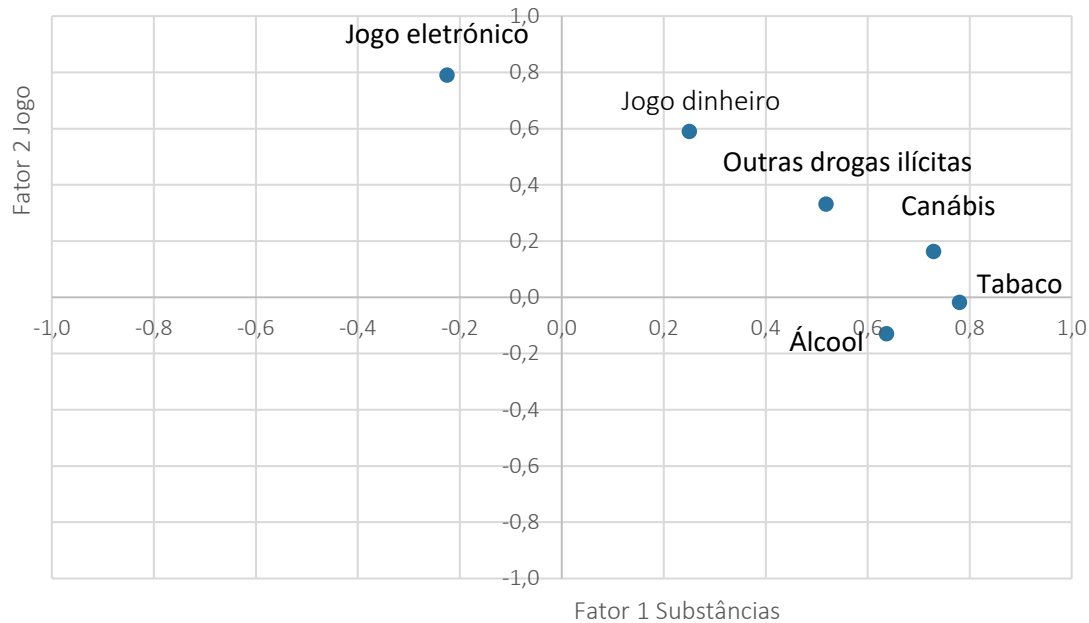
A análise foi conduzida em duas etapas principais: (1) redução da dimensionalidade através da ACP para identificar fatores subjacentes e (2) utilização dos fatores extraídos para a formação de *clusters* através do método de *K-Means*.

Análise de Componentes Principais (ACP)

Recorreu-se à ACP por forma a explorar a estrutura dos dados e identificar dimensões latentes associadas aos diferentes comportamentos de consumo e jogo. Os resultados revelaram a existência de dois fatores principais:

Fator 1 (Substâncias psicoativas): inclui o consumo recente de álcool, tabaco e drogas ilícitas.

Fator 2 (Jogo): inclui o jogo eletrónico nos últimos mês e o jogo a dinheiro no último ano.

Figura 100: Distribuição das Variáveis pelos Fatores

Fonte: ICAD/DIMC/UEI

As variáveis álcool, canábis, tabaco e outras drogas ilícitas que não canábis estão fortemente associadas ao Fator 1, indicando que estas substâncias tendem a estar correlacionadas entre si.

As variáveis do jogo eletrónico e do jogo a dinheiro surgem mais associadas ao Fator 2, sugerindo uma separação clara entre os comportamentos relacionados com a prática de jogo e com o consumo de substâncias psicoativas.

O jogo a dinheiro tem alguma relação com ambos os fatores, embora esteja mais próximo do Fator 2 (Jogo), o que pode indicar que esta prática partilha algumas características encontradas no consumo de substâncias psicoativas, ainda que sua principal associação seja com o jogo eletrónico.

O consumo de outras drogas ilícitas que não canábis está mais ligado ao uso de substâncias psicoativas do que ao jogo, mas esta ligação ao Fator 1 (Substâncias) não parece tão acentuada quanto a que se verificou no caso do álcool, do tabaco e da canábis. Observa-se alguma ligação com o Fator 2 (Jogo), o que pode sugerir que alguns dos alunos que consomem outras drogas ilícitas que não canábis também se envolvem na prática do jogo, mas que esta ligação não é tão forte como com o Fator 1 (Substâncias).

Em suma, há uma clara distinção entre dois grupos de comportamentos: o consumo de substâncias psicoativas e o envolvimento com o jogo. O tabaco e a canábis são os mais fortemente correlacionados com o consumo de substâncias psicoativas, enquanto o jogo eletrónico é o mais distinto dos demais,

sendo o que mais define o Fator 2. O jogo a dinheiro pode ter alguma interseção com o consumo de substâncias psicoativas, embora esteja mais próximo do grupo do jogo.

Estes fatores serviram de base para a segmentação dos alunos em perfis distintos.

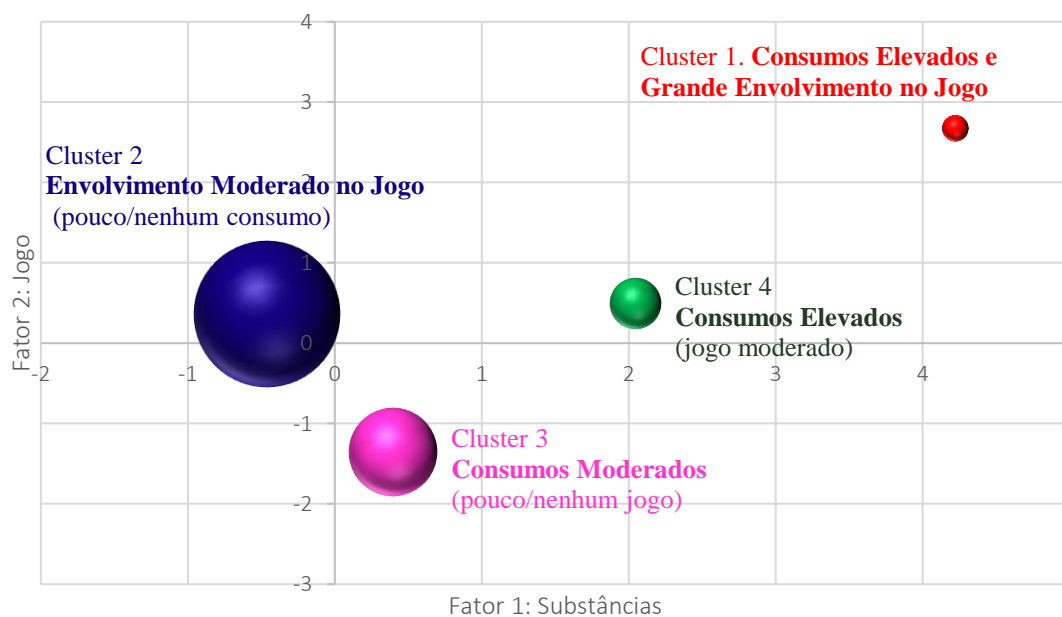
Análise de Clusters (K-Means)

Com base nos *scores* fatoriais extraídos da ACP, foi aplicada a técnica de *K-Means*, resultando na identificação dos seguintes (Grupos/*Clusters*) perfis distintos de alunos.

Subst. Psicoativas (médias no Fator 1)	Jogo (médias no Fator 2)	Perfil/Cluster	Predominância de alunos do/de:
4.22	2.68	Cluster 1: Consumos Elevados e Grande Envolvimento no Jogo (forte envolvimento em ambos os comportamentos)	sexo masculino 16 e 17 anos de idade (até aos 16 anos: aumento de consumos e de jogo em função da idade)
-0.46	0.36	Cluster 2: Envolvimento Moderado no Jogo (pouco/nenhum consumo)	sexo masculino (ligeiramente mais do que no sexo feminino) 13 e 14 anos de idade (decréscimo em função da idade no intervalo 13-18)
0.40	-1.36	Cluster 3: Consumos Moderados (pouco/nenhum envolvimento no jogo)	sexo feminino 16 e 17 anos de idade (também alguma presença de alunos com 15 anos) (até aos 17 anos: aumento em função da idade)
2.05	0.49	Cluster 4: Consumos Elevados (envolvimento moderado no jogo)	sexo masculino (ligeiramente mais do que no sexo feminino) 16 e 17 anos de idade (até aos 17 anos: aumento em função da idade)

Fonte: ICAD/DIMC/UEI

Figura 101: Clusters identificados em função dos Fatores



Fonte: ICAD/DIMC/UEI

Quanto ao que se evidencia em cada *Cluster*, relativamente a diversas variáveis de interesse, importa referir que: **(a)** os não-consumidores de substâncias psicoativas nos últimos 12 meses, assim como **(b)** os consumidores recentes só de álcool (sem consumo de tabaco ou drogas ilícitas) e **(c)** os consumidores recentes só de tabaco (sem consumo de álcool ou drogas ilícitas) estão integrados sobretudo no **Cluster 2** de Envolvimento Moderado no Jogo, mas com pouco/nenhum consumo, marcando também presença no **Cluster 3** associado a Consumos Moderados. Os consumidores **recentes de drogas** encontram-se distribuídos entre os **Clusters 1 e 4** (ambos com consumos elevados).

Quanto aos tipos de tabaco, verifica-se que os **consumidores recentes de cigarros tradicionais e de tabaco aquecido** estão mais no **Cluster 1**, que, além dos consumos elevados, também associa um grande envolvimento no Jogo, enquanto os consumidores de **tabaco eletrónico** encontram-se mais no **Cluster 4** (consumos elevados e Jogo moderado).

Os **consumos diários ou quase diários de canábis** são mais predominantes nos *clusters* 1 e 4 (associados ao consumo elevado). Contudo, **em presença de grande envolvimento no Jogo**, este consumo de canábis numa base diária **torna-se mais vincado**. O mesmo observou-se no que respeita ao consumo **diário de álcool e de padrões de consumo binge e de embriaguez severa**.

De um modo geral, a **experimentação de substâncias ilícitas agrava-se** em presença da prática frequente de **jogo**. A mesma tendência verifica-se relativamente à **aquisição de álcool** (quer em loja, quer no próprio local de consumo).

A **facilidade de acesso** a substâncias psicoativas é percecionada como mais facilitada nos *Clusters* 1 e 4 (associados a consumos elevados). Contudo, importa notar que a facilidade de acesso se torna menos evidenciada no grupo com prática de jogo moderado (*Cluster 4*: Consumos elevados e Jogo moderado) do que no grupo com **maior prática de jogo (Cluster 1: Consumos e Jogo elevados)**.

A prática de **jogo eletrónico** nos últimos 30 dias em dias de escola e/ou sem escola predomina em qualquer um dos *Clusters* à exceção do *Cluster 3* (associado a consumo moderado e pouco/nenhum jogo), sendo o jogo eletrónico **mais evidente no Cluster 2 de jogo moderado (mas sem consumos)** do que no *Cluster 1* em que, além do alto envolvimento no jogo, também existe consumo alto de substâncias. Observou-se o mesmo relativamente ao **número de dias de jogo eletrónico** na última semana e ao **jogo eletrónico online** no último mês.

Acrescente-se que se observa a prática de **jogo eletrónico** de forma **problemática** nos *Clusters* 1, 2 e 4, evidenciando-se **sobretudo no Cluster 1**. Importa ressaltar também que, dentro dos grupos em que o jogo é moderado (*Cluster 2 e 4*), a prática de jogo eletrónico surge de modo mais vincado no grupo de alunos do *Cluster 2*, ou seja, entre aqueles que declaram pouco ou nenhum consumo de substâncias

psicoativas. De algum modo, os alunos que jogam e correm o risco de desenvolver um padrão de jogo **problemático** são menos focados no jogo quando apresentam consumos de substâncias psicoativas.

De modo inverso, verificou-se quanto à prática **de jogo a dinheiro de forma problemática** que esta se agrava em presença do consumo de substâncias psicoativas (o carácter problemático do jogo a dinheiro evidenciou-se sobretudo no *Cluster 1*, seguindo-se o *Cluster 4* e depois o *Cluster 2*).

Importa sistematizar alguns dos resultados obtidos à custa de outras variáveis face aos quatro perfis de alunos:

- Algumas variáveis surgiram apenas num dos grupos (**Cluster 1 - Consumos elevados e grande envolvimento no Jogo**), nomeadamente no que se refere (a) às **idades de início** de 13 anos ou menos de embriaguez severa, de tranquilizantes/sedativos e *nootrópicos* sem indicação médica, canábis, cocaína, *ecstasy* e álcool com comprimidos, (b) ao padrão de **risco elevado de canábis** (aferido através da escala CAST), (c) aos **consumos recentes** de *ecstasy*, de óxido nitroso, de cocaína, de *nootrópicos* com ou sem indicação médica, e de outras drogas ilícitas que não canábis, e também no que se refere (d) à predominância de **aquisição de bebidas alcoólicas em loja**.
- **Jogo eletrónico** sobretudo no **Cluster 2 de envolvimento moderado no Jogo, mas com pouco consumo de substâncias psicoativas** (repare-se que se encontram neste grupo os alunos mais jovens).
- Acrescente-se ainda no **Cluster 2** a prática frequente de **jogo eletrónico** (nomeadamente 4 ou mais horas diárias num dia sem escola e também numa base diária na última semana).
- No **Cluster 3** associado a **Consumos moderados** (e pouco/nenhum Jogo) encontram-se os **consumidores recentes só de álcool** (sem tabaco nem drogas).
- Os **consumos em idades precoces de cigarros tradicionais e eletrónicos** e de **qualquer bebida alcoólica** marcam maior presença nos *Clusters 1* e *4*, ainda que também marquem presença no *Cluster 3* (Consumos Moderados e pouco/nenhum Jogo).
- Os **consumos de substâncias psicoativas**, incluindo padrões de **risco acrescido**, e a prática de **jogo** distribuem-se entre os *Clusters 1* e *4* (ambos com consumos elevados). No entanto, o que marca a diferença entre estes dois perfis é a prática de jogo que se encontra incluída no *Cluster 1*).
- O **tabaco eletrónico** evidencia-se sobretudo no **Cluster 4** (jogo moderado e consumos elevados) e os **restantes tipos de tabaco** no **Cluster 1** (ambos os *clusters* com consumos elevados, mas o *Cluster 1* tem **maior envolvimento no jogo**). Ou seja, o **tabaco eletrónico está menos ligado à prática de Jogo do que os restantes tipos de tabaco**.

- A **embriaguez ligeira e a severa**, e a prática **binge** surgem de forma mais acentuada no *Cluster 1* do que no *Cluster 4* (note-se que este último tem menor presença de jogo).
- A prática de **jogo a dinheiro** é mais evidenciada no **Cluster 1** do que no *Cluster 4*.
- Um padrão **problemático** do **jogo eletrónico** ou do **jogo a dinheiro** evidencia-se mais no **Cluster 1** do que no *Cluster 4*. Ou seja, a prática de jogo eletrónico e de jogo a dinheiro de forma problemática marcam maior presença no primeiro *cluster*.

A partir destes resultados, em conjunto com outros já apurados anteriormente, é possível questionar uma certa mudança de paradigma entre os alunos, em que a tendência será para uma diminuição do consumo de substâncias psicoativas e um aumento dos comportamentos aditivos sem substância, que, ainda assim, se torna mais vincado na presença de consumos de substâncias de modo geral.

DISCUSSÃO E ANÁLISE

O ECATD-CAD é um estudo representativo e transversal que se replica periodicamente, pelo que a sua grande mais-valia consiste em permitir não só traçar um retrato da situação atual no que aos comportamentos aditivos diz respeito, mas também em monitorizar a sua evolução junto de uma parte importante da população jovem portuguesa.

A presente edição do estudo fica marcada por uma descida generalizada da prevalência e da frequência do consumo de álcool, tabaco e drogas ilícitas (canábis, em particular) entre os alunos do ensino público com idades entre os 13 e os 18 anos. Este decréscimo faz-se acompanhar por um aumento da prática de jogo eletrónico e de jogo a dinheiro, o que inevitavelmente leva a questionar em que medida uma coisa e outra estão relacionadas.

Será que os jovens portugueses tendem hoje a privilegiar os momentos de sociabilidade passados em casa, nomeadamente a jogar videojogos em rede, em detrimento de uma sociabilidade face a face, particularmente a que tem lugar em espaços exteriores e contextos recreativos, como cafés, bares e discotecas, onde o consumo de substâncias psicoativas (o álcool, em especial) tem tradicionalmente lugar? Sabe-se que o consumo juvenil de substâncias psicoativas está muito associado a determinados contextos e que tende a ter como motivação principal potenciar a diversão e a sociabilidade entre pares (Calado & Lavado, 2021; 2016; 2015; Carapinha *et al.*, 2014). Assim sendo, é razoável assumir que, se os jovens de facto conviverem menos face a face, passando mais tempo em casa e menos na rua ou em espaços recreativos, é natural que o consumo de substâncias psicoativas diminua.

É verdade que os resultados da edição anterior do estudo, cuja recolha de dados decorreu em 2019, já apontavam para uma descida dos consumos de álcool e de tabaco e uma subida do jogo eletrónico e do jogo a dinheiro (Lavado & Calado, 2020), mas a tendência acentuou-se de forma muito relevante em 2024, verificando-se ainda uma descida do consumo de canábis e das restantes drogas ilícitas. Em que medida tal resulta do impacto da pandemia da COVID-19 nas camadas mais jovens? Relembre-se que, durante grandes períodos de 2020 e 2021, crianças e jovens viram-se confinados em casa, sem poder ir à escola, e a convivência com colegas, familiares e amigos só pôde ser feita através de meios eletrónicos. Além do mais, quando lhes foi permitido saírem de casa e voltarem às aulas em modo presencial, tiveram de usar uma máscara dentro do recinto escolar e foram instruídos a manter a distância e a evitar contactos físicos durante os intervalos. Mais do que presumivelmente, tal terá aumentado a familiaridade dos adolescentes com as novas tecnologias e ajudou a fazer do telemóvel um instrumento central nas suas vidas, mas será que também contribuiu para que desvalorizassem a sociabilidade face a face e o convívio não-estruturado com os amigos fora de casa, afastando-os de alguns contextos recreativos ou, pelo menos, retardando o hábito de sair à noite, contexto em que o consumo de

substâncias psicoativas é mais prevalente? Relembre-se que na edição anterior do estudo se concluiu que, entre os alunos do ensino público com idades entre os 13 e os 18 anos, os que saem à noite mais frequentemente são precisamente aqueles que registam as maiores prevalências de consumo e que se envolvem em comportamentos de maior risco, sendo a discrepância face aos alunos que declaram nunca sair à noite particularmente acentuada (Calado & Lavado, 2021).

Talvez ainda seja cedo para avaliar o impacto da pandemia da COVID-19 na sociabilidade juvenil e não há ainda evidência suficientemente sólida para afirmar que o contexto pandémico esteja na base do acentuado decréscimo do consumo de substâncias psicoativas a que se assiste hoje entre os jovens, ainda para mais quando algumas prevalências já estavam a descer bem antes do contexto pandémico. De facto, de acordo com uma grande quantidade de estudos (Dunphy *et al.*, 2025; Vieira *et al.*, 2025), a nível europeu e não só, o consumo de substâncias psicoativas (álcool e tabaco, em particular) tem vindo a diminuir de forma relevante entre os adolescentes e os jovens adultos desde o início do milénio. A maior parte dos autores que estudam o assunto recorre a dados de estudos europeus, como o HBSC e, sobretudo, o ESPAD (Ekholm *et al.*, 2024; Holmes *et al.*, 2022; Kraus *et al.*, 2018), para demonstrar que o decréscimo é transversal a diferentes realidades nacionais, pelo que deve ser encarado sobretudo como uma questão geracional, rejeitando colocar a questão numa perspetiva individual. A tese de que a geração Z. ingere menos bebidas alcoólicas e fuma menos tabaco do que a geração Y (ou *Millennials*), que, por sua vez, registava já prevalências de consumo inferiores à geração X que a precedeu é aceite de uma forma praticamente consensual (Törrönen *et al.*, 2019; Oldham, 2018).

Têm vindo a ser apontados muitos e diversos fatores explicativos para o declínio dos consumos por parte dos jovens, nomeadamente no plano societal, como sejam um modelo parental mais rígido e controlador, maior controlo social, alterações na identidade e nos papéis de género, novas formas de socialização, o advento das redes sociais, o individualismo e o primado da imagem, menor poder de compra, menor sociabilidade face a face, a incerteza causada pelas alterações climáticas, mais tempo passado em frente a ecrãs a jogar ou a comunicar, bem como uma maior valorização da saúde e da forma física (Ball *et al.*, 2023; Whitaker *et al.*, 2023; Burgess, Yeomans & Fenton, 2022, Vashishtha, *et al.*, 2022, Törrönen *et al.*, 2019).

Ainda que não haja consenso entre a comunidade científica e académica acerca das causas do declínio dos consumos de substâncias psicoativas entre os jovens europeus e de outros pontos do mundo, como os Estados Unidos da América, a Austrália ou a Nova Zelândia, tudo aponta que a experiência da adolescência seja hoje consideravelmente diferente do que foi há outras gerações atrás. Como alguns autores têm demonstrado, entre a juventude parece hoje verificar-se uma menor apetência para correr riscos, pelo que há menos jovens a consumir substâncias, mas também envolvidos em práticas

delinquentes ou com comportamentos sexuais de risco (Ball *et al.*, 2023; Burgess, Yeomans & Fenton, 2022; Borodovsky *et al.*, 2019).

No final da última década do século XX, Howard Parker, Judith Aldridge e Fiona Measham (1998) propuseram o conceito de «normalização» para se referirem à maior aceitação do uso de drogas no Reino Unido, no sentido em que, em determinados contextos, o consumo deixava de ser encarado como um desvio à norma para ser tomado como a norma, isto é, algo tolerado ou, até, esperado que tivesse lugar. O que alguns autores vêm agora defender é que, sobretudo no que se refere a álcool e tabaco, entre as novas gerações, esta situação se alterou e hoje parece assistir-se a um processo inverso, isto é, a uma «desnormalização» do uso de drogas entre os mais novos e, no caso do álcool, uma maior aceitação de quem é abstémio (Caluzzi *et al.*, 2022).

A realidade difere de país para país, pelo que é importante tentar perceber o que é específico para o caso português. Por cá assiste-se indiscutivelmente a um declínio do consumo juvenil de substâncias psicoativas, não só entre os alunos do ensino público, mas também, como outros estudos recentes do ICAD têm demonstrado, entre os jovens de 18 anos em geral (Carapinha, Calado & Neto, 2024), os estudantes universitários (Silva *et al.*, 2024) ou até os menores sob tutela (Carapinha & Guerreiro, 2024), sendo que o decréscimo é maior entre os rapazes. O que explica esse facto? Estará isto relacionado com as alterações dos papéis de género, no sentido em que o consumo de substâncias psicoativas possa hoje ser encarado cada vez menos como um ritual de passagem da infância à adolescência e os rapazes, em particular, não sintam a mesma necessidade de se afirmarem dessa forma e a pressão de pares para o consumo seja menor? E como explicar que, entre as raparigas, o consumo de substâncias não tenha descido tanto e, em alguns casos, até tenha subido?

Apesar da descida generalizada da prevalência e da frequência do consumo de substâncias psicoativas entre os jovens, não deixa de haver algumas razões para inquietação, sobretudo no que diz respeito a álcool e tabaco. As prevalências de consumo destas duas substâncias são bastante expressivas, mesmo entre os alunos mais novos, sendo que o mesmo pode ser dito acerca da iniciação em idades precoces ou da perceção da facilidade de acesso. Finalmente, em alguns indicadores, os alunos mais novos de todos (13 anos) distinguem-se dos restantes grupos etários, o que não pode deixar de ser olhado com preocupação, na medida em que tal pode indicar uma inversão das tendências agora identificadas. Veja-se o caso do consumo recente de álcool, em que os alunos de 13 anos, em contraciclo com a tendência geral, registam uma prevalência mais elevada em 2024 do que em 2019 (+3pp.). Será que os alunos prestes a entrar na adolescência estarão dispostos a correr mais riscos do que os alunos que deixarão de ser adolescentes nos próximos anos?

Em suma, a próxima edição do estudo permitirá perceber como irão desenvolver-se os comportamentos aditivos entre os jovens portugueses e ajudar a responder a muitas das seguintes interrogações. O

consumo de álcool continuará a descer, incluindo os comportamentos de risco acrescido? E como irão evoluir as novas formas de consumir tabaco? Ultrapassarão o tabaco de combustão? Confirmar-se-á o decréscimo das prevalências de consumo de canábis? Como entender a diminuição do consumo de canábis entre os mais jovens num momento em que esta substância ilícita parece cada vez mais «normalizada» na sociedade portuguesa em geral e em que a substância é cada vez mais visível no espaço público e na cultura popular? E como entender que neste contexto os alunos destas idades considerem hoje que o acesso a esta droga é menos facilitado? O facto de haver menos alunos a considerar fácil o acesso a álcool e tabaco significa que têm hoje menos contacto com estas duas substâncias ou que o controlo social por parte da oferta é mais efetivo? Apesar da maior consciencialização pública dos riscos associados às novas tecnologias, nomeadamente a participação em redes sociais digitais, irá aumentar ainda mais a prática do jogo eletrónico e a percentagem de jogadores de videojogos cujo padrão de jogo é considerado problemático? Continuará a verificar-se uma diversificação do tipo de jogos a dinheiro ou, tal como em 2019, as apostas desportivas voltarão a afirmar-se como a principal forma de jogo a dinheiro? Em que medida a diminuição entre 2019 e 2024 da importância das apostas desportivas entre os alunos ajuda a explicar a diminuição do carácter problemático da prática de jogo a dinheiro? Finalmente, quanto ao óxido nítrico, uma substância acerca da qual ainda há pouca informação disponível, será o consumo mais elevado ou menos na próxima edição do estudo?

4. CONCLUSÃO

EM RESUMO...

Os comportamentos aditivos são hoje menos prevalentes e mais esporádicos entre os alunos dos 13 aos 18 anos que frequentam o ensino público português do que num passado recente, sendo que em queda está também a sua dimensão mais problemática, aqui medida através dos comportamentos de risco acrescido. Face às duas anteriores edições do estudo, é inequívoca a tendência de descida do consumo de álcool e de tabaco, mas também de canábis e de medicamentos com efeitos psicoativos com indicação médica. Não só há menos alunos a consumir as diferentes substâncias psicoativas, como a iniciação ao consumo se faz hoje menos precocemente. Para além disso, a perceção que predomina entre a população em estudo é que o acesso a todas as substâncias é também menos facilitado do que já foi em anos anteriores.

Mais análises terão de ser feitas não só para perceber se este desagravamento é extensível a todo o tipo de jovens, mas também para entender as razões por que isto acontece ou, pelo menos, para identificar os fatores que para isso contribuem.

A próxima edição terá lugar em 2028, sendo seguidos os mesmos procedimentos metodológicos, por forma a garantir a comparabilidade dos resultados. Será, então, possível perceber se a descida generalizada a que se assiste hoje terá continuidade ou, se pelo contrário, se irá inverter. É possível que se o decréscimo atual for, em grande medida, resultado de questões conjunturais (o impacto da pandemia da COVID-19, por exemplo), então é expectável que o panorama se altere num futuro próximo. Se, pelo contrário, a descida é sobretudo o reflexo de mudanças no plano societal (normas, mentalidades, atitudes, etc.), então é expectável que a tendência de descida dos consumos de substâncias psicoativas se mantenha ou até se acentue.

Por outro lado, mesmo num contexto de desagravamento generalizado, não deixa de haver fenómenos aditivos cada vez mais prevalentes entre os alunos, nomeadamente o jogo eletrónico e o jogo a dinheiro, práticas que têm o potencial de causar problemas e afetar o bem-estar de quem nelas se envolve. Será também importante, por exemplo, continuar a monitorizar o consumo de novas formas de tabaco e também de óxido nítrico, uma substância que foi incluída pela primeira vez no questionário e que regista hoje valores da mesma ordem de grandeza de drogas ilícitas como a cocaína, os cogumelos *mágicos* e o LSD. Finalmente, numa ótica de implementar intervenções preventivas dirigidas, é crucial acompanhar e conhecer melhor os comportamentos aditivos entre os alunos mais novos (uma vez que em diversos indicadores o grupo etário de 13 anos se distingue das restantes idades) e perceber também as dinâmicas que levam a que alguns consumos sejam práticas cada vez mais femininas do que masculinas.

O ECATD-CAD é um recurso valioso que permite acompanhar e monitorizar os comportamentos aditivos entre a população jovem portuguesa, mas que pode e deve ser complementado por abordagens qualitativas ou por outro tipo de análises, por forma a fornecer novas leituras (macro e micro) e uma compreensão mais abrangente da realidade juvenil. Nesse sentido, os dados recolhidos na presente edição do estudo continuarão a ser objeto de análise, nomeadamente numa perspetiva regional ou centrada em determinados fenómenos (álcool e jogo, por exemplo) ou linhas de análise (perceções, atitudes, questões de género, dimensão familiar, por exemplo), pelo que o ICAD continuará a explorar a base de dados, daí resultando novos produtos de investigação.

SIGLAS E ABREVIATURAS

CAD - Comportamentos Aditivos e Dependências

DGE - Direção-Geral da Educação

DGEEC - Direção-Geral de Estatísticas da Educação e Ciência

DIMC - Departamento de Investigação, Monitorização e Comunicação

ECATD-CAD - Estudo sobre o Consumo de Álcool, Tabaco, Drogas e outros Comportamentos Aditivos e Dependências

ESPAD - European School Survey Project on Alcohol and Other Drugs

EUDA - Agência da União Europeia sobre Drogas

IA Saúde-UCAD - Unidade de Intervenção em Comportamentos Aditivos e Dependências (Governo Regional da Madeira)

ICAD - Instituto para os Comportamentos Aditivos e as Dependências, I.P.

ME - Ministério da Educação

PSE - Produtos e Serviços de Estatística

SICAD - Serviço de Intervenção nos Comportamentos Aditivos e nas Dependências

SPA - Substâncias psicoativas

SPSS - *Statistical Package for the Social Sciences*

UEI - Unidade de Estatística e Investigação

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Ball, Jude *et al.* (2023). The great decline in adolescent risk behaviours: Unitary trend, separate trends, or cascade? *Social Science & Medicine*, 317, 115616. doi:[10.1016/j.socscimed.2022.115616](https://doi.org/10.1016/j.socscimed.2022.115616)
- Bento, Maria da Conceição *et al.* (2021). *Comportamentos de Saúde e de Bem-estar entre os Estudantes do Ensino Superior*, Lisboa: Conselho Coordenador dos Institutos Superiores Politécnicos. Disponível em: <http://www.sicad.pt/BK/Documents/2021/Relatorio-Saude%20%20ccisp%202021.pdf>
- Borodovsky, Jacob (2019). A decline in propensity toward risk behaviors among U.S. adolescents, *Journal of Adolescent Health*, 65(6), pp.745-751. doi:[10.1016/j.jadohealth.2019.07.001](https://doi.org/10.1016/j.jadohealth.2019.07.001)
- Broman, Clifford (2016). The availability of substances in adolescence: Influences in emerging adulthood, *Journal of Child & Adolescent Substance Abuse*, 25(5), pp.487-495. doi:[10.1080/1067828X.2015.1103346](https://doi.org/10.1080/1067828X.2015.1103346)
- Burgess, Adam, Henry Yeomans & Laura Fenton (2022). 'More options...less time' in the 'hustle culture' of 'generation sensible': Individualization and drinking decline among twenty-first century young adults, *The British Journal of Sociology*, 73(4), pp.903-918. doi:[10.1111/1468-4446.12964](https://doi.org/10.1111/1468-4446.12964)
- Calado, Vasco & Elsa Lavado (2023). *ECATD-CAD 2019. Estudo sobre o Consumo de Álcool, Tabaco, Drogas e outros Comportamentos Aditivos e Dependências: Portugal 2019. Abordagens Preventivas*, Lisboa: SICAD. Disponível em: <http://hdl.handle.net/10400.26/51040>
- Calado, Vasco & Elsa Lavado (2022). *ECATD-CAD 2019. Estudo sobre o Consumo de Álcool, Tabaco, Drogas e outros Comportamentos Aditivos e Dependências: Portugal 2019. Jogo a Dinheiro*, Lisboa: SICAD. Disponível em: <https://www.icad.pt/DocumentList/GetFile?id=193&languageId=1>
- Calado, Vasco & Elsa Lavado (2021). *ECATD-CAD 2019. Estudo sobre o Consumo de Álcool, Tabaco, Drogas e outros Comportamentos Aditivos e Dependências: Portugal 2019. Dimensão Problemática*, Lisboa: SICAD. Disponível em: <https://www.icad.pt/DocumentList/GetFile?id=190&languageId=1>
- Calado, Vasco & Elsa Lavado (2020). *ECATD-CAD 2019. Estudo sobre o Consumo de Álcool, Tabaco, Drogas e outros Comportamentos Aditivos e Dependências: Portugal 2019. Relatório Regional*, Lisboa: SICAD. Disponível em: <https://www.icad.pt/DocumentList/GetFile?id=191&languageId=1>
- Calado, Vasco & Elsa Lavado (2016). *Representações Sociais da Droga e da Toxicodependência. Inquérito ao Público Jovem Presente no Rock in Rio – Lisboa 2016*, Lisboa: SICAD. doi: [10.13140/RG.2.2.17950.54087](https://doi.org/10.13140/RG.2.2.17950.54087)
- Calado, Vasco & Elsa Lavado (2015). *Consumo e Representações Sociais do Álcool. Inquérito ao Público Jovem Presente no Rock in Rio – Lisboa 2010/20146*, Lisboa: SICAD. doi: https://www.researchgate.net/publication/312070803_Consumo_e_Representacoes_Sociais_do_Alcool_Inquerito_ao_publico_jovem_presente_no_Rock_in_Rio_-_Lisboa_20102014

Calado, Vasco, Ludmila Carapinha & Helena Neto (2024). *Comportamentos Aditivos aos 18 anos – Inquérito aos jovens participantes no Dia da Defesa Nacional. Regiões 2023*, Lisboa: ICAD. Disponível em: <https://www.icad.pt/DocumentList/GetFile?id=773&languageId=1>

Caluzzi, Gabriel *et al.* (2022). Declining drinking among adolescents: Are we seeing a denormalisation of drinking and a normalisation of non-drinking? *Addiction*, 117(5), pp.1204-1212. doi:[10.1111/add.15611](https://doi.org/10.1111/add.15611)

Carapinha, Ludmila, Vasco Calado & Helena Neto (2024). *Comportamentos Aditivos aos 18 anos – Inquérito aos jovens participantes no Dia da Defesa Nacional 2023: Consumos de Substâncias Psicoativas*, Lisboa: ICAD. Disponível em: <https://www.icad.pt/DocumentList/GetFile?id=766&languageId=1>

Carapinha, Ludmila & Catarina Guerreiro (2024). *Comportamentos Aditivos em Jovens Internados em Centros Educativos 2023*, Lisboa: ICAD. Disponível em <https://www.icad.pt/DocumentList/GetFile?id=784&languageId=1>

Carapinha, Ludmila & Elsa Lavado (2021). *ECATD-CAD 2019. Estudo sobre o Consumo de Álcool, Tabaco, Drogas e outros Comportamentos Aditivos e Dependências: Portugal 2019. Perceções de Risco*, Lisboa: SICAD. Disponível em: <https://www.icad.pt/DocumentList/GetFile?id=194&languageId=1>

Carapinha, Ludmila *et al.* (2014). *Os Jovens, o Álcool e a Lei. Consumos, Atitude e Legislação*, Lisboa: SICAD. doi:[10.13140/RG.2.2.19443.84003](https://doi.org/10.13140/RG.2.2.19443.84003)

Chen, Chuan-Yu, Carla Storr & James Anthony (2009). Early-onset drug use and risk for drug dependence problems, *Addict Behav*, 34(3), pp. 319-22. doi:[10.1016/j.addbeh.2008.10.021](https://doi.org/10.1016/j.addbeh.2008.10.021)

Chen, Chuan-Yu, Megan O'Brien & James Anthony (2005). Who becomes cannabis dependent soon after onset of use? Epidemiological evidence from the United States: 2000–2001. *Drug and Alcohol Dependence*, 79, pp.11-22. doi:[10.1016/j.drugalcdep.2004.11.014](https://doi.org/10.1016/j.drugalcdep.2004.11.014)

Dunphy, Jessica *et al.* (2025). Have declines in the prevalence of young adult drinking in English-speaking high-income countries followed declines in youth drinking? A systematic review, *Drugs: Education, Prevention and Policy*, 32(1), pp.15-28. doi:[10.1080/09687637.2024.2335989](https://doi.org/10.1080/09687637.2024.2335989)

Ekholm, Ola *et al.* (2024). Implications of the decline in adolescent drinking on the experience of alcohol-related consequences in the Nordic countries: A study based on data from the ESPAD project, *Nordic Studies on Alcohol and Drugs*, 41(4), pp.378-393. doi:[10.1177/14550725241229016](https://doi.org/10.1177/14550725241229016)

ESPAD Group (2020). *ESPAD Report 2019. Results from the European School Survey Project on Alcohol and Other Drugs*, EMCDDA Joint Publications, Luxembourg: Publications Office of the European Union. Disponível em: http://www.espad.org/sites/espad.org/files/2020.3878_EN_04.pdf

Feijão, Fernanda (2017). *Estudo sobre o Consumo de Álcool, Tabaco, Drogas e outros Comportamentos Aditivos e Dependências, Portugal 2015. Alunos do ensino público, de cada um dos grupos etários dos 13 aos 18 anos: resultados globais e por género*, Lisboa: SICAD. Disponível em: <https://www.icad.pt/DocumentList/GetFile?id=90&languageId=1>

Fialho, Joaquim *et al.* (2023). *Scroll Logo Existo! Comportamentos Aditivos no Uso dos Ecrãs*, Lisboa: Universidade Lusíada Editora. Disponível em: http://repositorio.ulusiada.pt/bitstream/11067/7244/4/fialho_scroll.pdf

Gaspar, Tânia *et al.* (2022). *HBSC. Dados Nacionais 2022. A Saúde dos Adolescentes Portugueses em Contexto de Pandemia*, Lisboa: Aventura Social. Disponível em: https://aventurasocial.com/wp-content/uploads/2022/12/HBSC_Relato%CC%81rioNacional_2022-1.pdf

Griffin, Kenneth *et al.* (2002). Factors associated with regular marijuana use among high school students: A long-term follow-up study, *Substance Use & Misuse*, 37(2), pp.225–238. doi:[10.1081/JA-120001979](https://doi.org/10.1081/JA-120001979)

Holmes, John *et al.* (2022). Youth drinking in decline: What are the implications for public health, public policy and public debate? *International Journal of Drug Policy*, 102, 103606. doi: [10.1016/j.drugpo.2022.103606](https://doi.org/10.1016/j.drugpo.2022.103606)

Krauss, Ludwig *et al.* (2018). 'Are The Times A-Changin'? Trends in adolescent substance use in Europe, *Addiction*, 113(7), pp.1317-1332. doi:[10.1111/add.14201](https://doi.org/10.1111/add.14201)

Lavado, Elsa & Calado, Vasco (2021). *ECATD-CAD 2019. Estudo sobre o Consumo de Álcool, Tabaco, Drogas e outros Comportamentos Aditivos e Dependências: Portugal 2019. Álcool*. Lisboa: SICAD.

Lavado, Elsa & Calado, Vasco (2020). *ECATD-CAD 2019. Estudo sobre o Consumo de Álcool, Tabaco, Drogas e outros Comportamentos Aditivos e Dependências: Portugal 2019. Relatório Nacional*, Lisboa: SICAD. Disponível em: <https://www.icad.pt/DocumentList/GetFile?id=192&languageId=1>

Moutinho, Lídia (2018). *Consumo de Álcool: da Experimentação ao Consumo de Risco* [tese de Doutoramento], Lisboa: Universidade de Lisboa. Disponível em: https://repositorio.ulisboa.pt/bitstream/10451/34563/1/ulsd731978_td_Lidia_Moutinho.pdf

Ohannessian, Christine *et al.* (2015). A long-term longitudinal examination of the effect of early onset of alcohol and drug use on later alcohol abuse. *Substance Abuse*, 36(4), pp.440-444. doi:[10.1080/08897077.2014.989353](https://doi.org/10.1080/08897077.2014.989353)

Oldham, Melissa *et al.* (2018). *Youth Drinking in Decline*, Sheffield: University of Sheffield. Disponível em: <http://eprints.whiterose.ac.uk/136587/>

Parker, Howard, Judith Aldridge & Fiona Measham (1998). *Illegal Leisure: The Normalization of Adolescent Drug Use*, Londres: Routledge.

Piontek, Daniela *et al.* (2013). Individual and country-level effects of cannabis-related perceptions on cannabis use. A multilevel study among adolescents in 32 European countries, *Journal of Adolescent Health*, 52(4), pp. 4, pp.473 – 479. doi:[10.1016/j.jadohealth.2012.07.010](https://doi.org/10.1016/j.jadohealth.2012.07.010)

Silva, Pedro Alcântara da (Coord.) (2024). *Saúde e Estilos de Vida no Ensino Superior em Portugal*, Lisboa: ICS.

Törrönen, Jukka *et al.* (2019). Why are young people drinking less than earlier? Identifying and specifying social mechanisms with a pragmatist approach, *International Journal of Drug Policy*, 64, pp.13-20. doi: [10.1016/j.drugpo.2018.12.001](https://doi.org/10.1016/j.drugpo.2018.12.001)

Valentim, Olga, Lídia Moutinho & José Marques de Carvalho (2021). Consumo de bebidas alcoólicas e *binge drinking* em jovens em formação, *Acta Paul Enferm*, 34:eAPE01991. doi:[10.37689/acta-ape/2021A001991](https://doi.org/10.37689/acta-ape/2021A001991)

Vashishtha, Rakhi *et al.* (2022). An examination of the role of changes in country-level leisure time internet use and computer gaming on adolescent drinking in 33 European countries, *International Journal of Drug Policy*, 100, 103508. doi:[10.1016/j.drugpo.2021.103508](https://doi.org/10.1016/j.drugpo.2021.103508)

Vieira, Emma *et al.* (2025). A systematic review of adolescent alcohol-related harm trends in high-income countries with declines in adolescent consumption, *Addiction*. <https://doi.org/10.1111/add.70026>

Whitaker, Victoria *et al.* (2023). Young people's explanations for the decline in youth drinking in England. *BMC Public Health*, 23, 402. doi:[10.1186/s12889-022-14760-y](https://doi.org/10.1186/s12889-022-14760-y)



Empoderar. *Empower.*
Cuidar. *Care.*
Proteger. *Protect.*



Instituto para os Comportamentos Aditivos e as Dependências, I.P.
Institute on Addictive Behaviours and Dependencies, P.I.
Tel: +351 211 119 000 | E-mail: icad@icad.min-saude.pt | www.icad.pt

